

John Bunyan



O PEREGRINO



Principis

John Bunyan



O PEREGRINO



Principis

John Bunyan



O PEREGRINO

Tradução: Beatriz S. S. Cunha



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original

The Pilgrim`s Progress

Texto

John Bunyan

Tradução

Beatriz S. S. Cunha

Preparação

Marília Lima

Revisão

Paula Medeiros

Diagramação

Beluga Editorial

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Vectorcarrot/Shutterstock.com;

Naddya/Shutterstock.com;

art of line/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B942p Bunyan, John

O peregrino / John Bunyan ; traduzido por Beatriz S. S. Cunha. - Jandira, SP : Principis, 2020.

176 p. ; ePub ; 4,4 MB. - (Clássicos da literatura cristã)

Tradução de: The Pilgrim's Progress

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-144-3 (Ebook)

1. Literatura cristã. I. Nunes, Francisco. II. Título. III. Série.

2020-2581

CDD 242

CDU 244

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura cristã 242
2. Literatura cristã 244

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Parte Um¹

ENTREGUE SOB A SIMILITUDE DE UM SONHO, POR JOHN BUNYANN

{1} Quando a princípio lancei mão da pena,
À mente não me veio a cena
Em que compunha um pequeno livro,
Não, outra obra submetia ao crivo.
E mal havendo-a eu terminado,
Sem perceber, tinha esta começado.

Passei a escrever sobre a estrada
Do evangelho, os santos e sua jornada,
De repente, caí numa alegoria
Sobre o caminho da perene alegria,
E ao transcrever vinte coisas ou mais,
Deparei-me com vinte outras atrás
Avultosas, se multiplicavam
Como centelhas ardentes saltavam.

Não me veio à consciência desacelerar o passo,
Vós haveis de compreender por que não o faço.
Assim, portanto, escrevi com uma ideia distinta,
Sem a intenção de revelar ao mundo meu papel com tinta.
Na verdade, não sei ao certo o que pensava;
Aprazer algum leitor, porém, sei que não cogitava.

O fiz, na verdade, para o meu próprio prazenteio,
A mim mesmo escrevi, e não tive nenhum receio.

{2} A nada mais me dediquei nas horas devolutas,
Perdi-me entre os rabiscos, escondi-me em suas grutas.
Permiti-me achar deleite nos atos de distração,
Indispor-me aos maus pensamentos, às perturbações de então.

A pena sobre o papel dava forma a cada excerto
E, dali em diante, só pensava em branco e preto.
Enquanto o fazia, tudo mais aconteceu:
Redigi cada palavra, assim o livro se deu.
Em comprimento e largura, uma página por vez,
Tornou-se, de repente, tão extenso quanto vês.

Depois de haver cada ponto final acurado,
Mostrei meu feito a outros para ver o resultado.
Esperei que respondessem com censura ou elã
Uns disseram: que primor! Outros: não vale o afã.
Uns disseram: publique! Outros: não o faça.
Uns disseram: fará bem! Outros: não terá graça.

Estava num impasse, não conseguia decidir,
Faço isso ou faço aquilo? Qual o melhor caminho a seguir?
Pensei, portanto: se não podem solucionar minha dúvida,
Decido, após ponderar, que tornarei a obra pública.

{3} Pois, como vi, alguns teriam feito assim,
Embora outros preferissem pôr na ideia um fim.
E para provar o conselho dos que quiseram bem,
Pareceu-me adequado levar o projeto além.

Se antes negava agradar a algum leitor,
Agora desejava ser a eles benfeitor.
Não sabia que, na verdade, os impedia
De ter em mãos o que deleite lhes traria.

Àqueles que se indispunham a recebê-lo,
Não foi para ofendê-los que fiz o apelo:
Se vossos irmãos se alegram em meu ato,
Evitem julgar até que o vejam de fato.

Se não lhe for útil a leitura, poupe teus esforços;
Alguns amam comer a carne, outros roem até os ossos.
Sim, para lidar com seu desagrado e inquietação,
Tomei tais medidas e encerrei a reclamação.

{4} Deveria repensar a forma como escrevo?
Ainda que o fizesse, fim diferente não vejo.
Pois, se o fim é benéfico, por que o mudaria, então?
Nuvens cinzas trazem chuva, nuvens claras vêm em vão.
Sejam claras ou escuras, ao derramarem-se na terra,
Suas gotas regam campos, e a sequeidão se encerra.
Tanto uma como a outra são louvadas igualmente,
Mas o verdadeiro tesouro é a vida da semente.
No interior do fruto, não há nenhuma distinção,
Por qual nuvem foi regado? Ambas ali estão.
O fruto cessa a fome, mas se o homem está cheio,

Lança fora tudo, de sua essência faz-se alheio.

Podes ver a prática daqueles que sempre pescam,
Para alcançar muitos peixes, quantas maneiras testam?
Contempla como planejam com todo o seu empenho:
Linhas, anzóis e redes, usam toda espécie de engenho.
No mar há muitos peixes, peixes em abundância,
Mas não há vara nem linha que os atraia à distância.
Deves lançar a rede se os quiser capturar,
Senão serão em abundância, mas abundância no mar.

Como busca o caçador capturar a presa?
São muitos os meios, inúmeros, com certeza.
As armas, as armadilhas, as luzes, os sons,
Rasteja, avança, paralisa, muito esforçam-se os bons.

Mas todo um arsenal, posturas e fases
Não farão dele um bom caçador de aves.
Com assovios e sons é que serão atraídos,
Se assim não fizer, muitos pássaros serão perdidos.

Se uma pérola num sapo sua beleza ainda mostra,
Quem poderia dizer que nasceu de uma ostra?
Um conceptáculo humilde abriga tesouro;
Desdenham da aparência e perdem joia mais bela que o ouro.
Aqueles que buscam desvendar o duvidoso
Encontrarão, sim, meu livro: um bem precioso.
É nas ideias vazias que habita, portanto,
Tudo o que é demais, tudo o que sobeja um tanto.

{5} Embora não o ame, mas também não deteste,
Subsista esse livro quando colocado em teste.
Qual o problema? Será sombrio demais?
Por ser ele fictício, não conterà verdade jamais?
Digo que muitos homens usaram de fantasia
Para com palavras sombrias fazerem brilhar o que a verdade dizia.

“Mas querem o real, o sólido, o concreto,
Metáforas nos deixam cegos, qual o significado correto?”
A pena somente escreve com muita solidez
Sobre coisas divinas que afastam do homem a insensatez.
Por ser metafórico, não sou consistente?
Que dizer da lei de Deus, será ela diferente?
Não fora o evangelho pregado sob um fino véu?
Por parábolas e enigmas se falava sobre o céu.

{6} Não mais me alongo, então, até a conclusão;
Quero solidez, mas preste muita atenção:
Pode não ser tão sólido o que sólido vemos,
O que é dito em parábolas, que não desprezemos.
Ouçamos sã doutrina sem sermos machucados,
Na alma os bons conselhos sejam sempre bem guardados.
Minhas palavras sombrias, cheias de mistério
Carregam a verdade, como um bloco de minério.

As metáforas estiveram na boca dos profetas
Que assim revelavam verdades secretas.
Cristo e os apóstolos o fizeram por todos os cantos
Falaram da verdade cobrindo-a com mantos.

Devo falar sobre os santos escritos
Pelo estilo e conteúdo fazem orgulhosos contritos,
Estão repletos delas, do início ao fim,
Figuras ocultas e alegorias sem fim.
Deles brilha a luz que nunca perde efeito
Que torna a escuridão da noite em dia perfeito.

{7} A ti que me censuras, passe tua vida pelo crivo.
Encontrarás muito mais sombras que verás neste meu livro.
Se encontrar falhas em meus escritos, saiba bem:
Nos teus melhores atos, linhas tortas há também.

Coloquemo-nos agora diante dos imparciais
À sua passividade ofereço dez aventuras ou mais.
Encontrarás mais sentido nas minhas entrelinhas
Do que em templos fartos de mentiras mesquinhas.
Venha, verdade, venha mesmo que enfaixada
Alerta sobre o julgamento, faz a mente renovada.
Leva tuas doces palavras junto da própria compreensão,
Preenche, ainda, a memória dos que a ti ouvirão.
O que mais agrada aos nossos pensamentos,
É o que nos traz calma para os dias de tormento.

Palavras sãs, sei, Timóteo usou.
A verdade velada nunca lhe agradou.
Mas Paulo não proíbe em lugar algum
O uso das parábolas a homem nenhum.
É como se o ouro escondido estivesse
Num canto em que só a quem procura, aparece.

Acrescento, ainda, uma coisa além.
Estás ofendido agora? Eu não estou também.
Deveria eu cobrir meus assuntos com mais panos?
Ou escrever mais um pouco para fazer claros os meus planos?
Coloco agora, portanto, três breves propostas
Aos meus apoiadores que procuram por respostas.
{8} 1. O uso desse método a mim não foi negado,
Por isso não pretendo ser em seu uso exagerado.
Pendure palavras, figuras, o que quiser, leitor.
Entenda o sentido, esqueça o temor.
Tudo haverá de ter uma aplicação.
A verdade é prática, para o sim e para o não.

Licença tenho eu para escrever assim,
Exemplos são diversos, inspiração para mim.
São aqueles que honraram a Deus com as palavras e o proceder
Nenhum homem deste tempo o faz com tanto prazer.

2. Acredito que os homens ativos escrevam
Diálogos, cujos leitores a recusar não se atrevam
No entanto, ao utilizá-los demais,
Sejam descartados, como a um rascunho se faz.
Mas que a verdade possa ser libertada
E agir com efeito em cada empreitada.
Qual maneira agrada a Deus? Quem o saberá
Melhor que aquele que nos ensinou a arar?
Ele guia a nossa mente e a pena à sua vontade,
Conduzindo coisas comuns no plano da Divindade.

3. Encontro amiúde no escrito sagrado
Semelhanças com esse método previamente anunciado.
Refere-se a uma palavra, mas a outra aponta.
Assim o farei também, levando o sentido em conta.
Luz da verdade, esse método fará
Refletir teus raios fortes em todo lugar.
E agora, antes que ao repouso entregue minha pena,
Falarei do proveito do livro, e então pintarei a cena
Em que tu e este livro juntos se comprometem
Com Aquele que humilha os orgulhosos para que não mais
pequem.
Este livro deixa claro bem diante de teus olhos
A história de um homem que planta com choro e volta
carregando

[seus molhos.

Fala de onde vem, mas também para onde vai
O que deixa para trás, e o que busca quando sai.
Mostra bem todo o caminho e o cansar das pernas
Até chegar ao portão de glória e honra eternas.

{9} Verás os que depressa deixam tudo para trás
Saem em disparada em busca do que a jornada traz.
Entenderás o motivo que faz do fraco ao forte
Empenhar tantos esforços, enfrentando até a morte.
Tu também te tornarás um viajante,
Se ouvido deres a um conselho importante;
Serás guiado certamente ao Santo Lugar,
Se compreenderes as instruções de como chegar.
Pois até mesmo o preguiçoso se levantará
E o cego coisas belas e surpreendentes verá.

Queres tu o que há de tão raro e proveitoso?
Ouvirias a verdade de um jeito novo?
És esquecido? Pois hei de te lembrar,
A alegoria agora há de lhe ajudar.
Lê minhas fantasias, grudarão em tua mente,
E quando estiveres em apuros, conforto estará presente.

Portanto, escrevi este livro em tal dialeto
Que afetará dentre os homens mesmo o mais discreto.
Parece novidade, porém nada carrega
Senão a sã doutrina e um evangelho de entrega.
Queres tu te distrair da melancolia?
Queres deleitar-te numa história sadia?
Queres ver enigmas, depois ouvir a explicação?
Ou encontrar-se absorto em mera contemplação?
Entrarias tu num sonho, mesmo estando acordado?
De repente se riria, logo após tanto ter chorado?
Queres vir a perder-se sem que o mal lhe machuque?
Depois te achares de novo sem encanto, feitiço ou truque.

Lerias tu sobre algo que lhe foge à compreensão?
É assim saber se és bendito ou não?
As linhas dessa obra mui bem lhe farão,
Venha cá, tome este livro; leia-o com a mente, mas também com o

coração.

. Esta é a "Parte 1", mas é uma obra completa. Tem esse nome porque Bunyan escreveria uma "Parte 2" anos mais tarde.



SOB A SIMILITUDE DE UM SONHO

{10} Enquanto andava pelo deserto deste mundo, encontrei um lugar onde havia uma fuma, e ali deitei-me para descansar. Logo adormeci e tive um sonho. Vi um homem, em pé, vestido de trapos, virado de costas para a própria casa, com um livro em mãos e um grande fardo nas costas [Is 64.6; Lc 14.33; Sl 38.4; Hb 2.2; At 16.30,31]. O observei enquanto abria o livro e lia o que nele estava escrito. Então, à medida que lia, chorava e tremia. Após muito se esforçar para conter-se, não suportou e irrompeu em lamuriosas lágrimas, dizendo: “Que devo fazer?” (At 2.37).

{11} Aflito, portanto, retornou ao lar e refreou-se o máximo que pôde, a fim de que sua esposa e filhos não se apercebessem de sua angústia. Todavia, não foi capaz de manter-se em silêncio por muito tempo, pois seu tormento se agravava. Pelo que, por longas horas, abriu-se aos seus, dizendo-lhes: “Querida esposa minha, filhos do coração, encontro-me descaído por carregar nas costas o peso de um grande fardo. Ademais, fui informado com segurança de que esta nossa cidade será queimada com fogo celeste; em tão terrível derrocada, eu mesmo e vós, minha esposa e meus amados pequeninos, seremos lastimavelmente abatidos, a não ser que encontremos alguma rota de fuga, cujo caminho ainda não enxergo, pela qual alcancemos livramento.” Estupefata estava a família ao ouvir estas palavras; não por tê-las tomado por verdadeiras, mas por temerem estarem vacilantes as faculdades mentais de seu patriarca. Portanto, como já anoitecia, tinham a esperança de que suas ideias voltassem ao perfeito estado após uma noite de descanso, e

apressadamente o colocaram na cama. No entanto, a noite era para ele tão conturbada quanto fora o dia. Em vez de adormecer, passou a noite derramando-

-se em lágrimas e soluços. Quando, então, o dia amanheceu, fez conhecida sua situação à família. Tentou outra vez falar-lhes, cada vez mais angustiado, mas começaram a se endurecer. A cada vez que ouviam-lhe falar, tentavam de uma forma diferente afastar sua languidez de uma vez por todas. Ora escarneciam dele, ora o repreendiam, ou decidiam somente ignorá-lo. Assim, passou a recolher-se em seus aposentos para orar pedindo misericórdia por eles, e buscar consolo para a própria alma entristecida. Mantinha, também, o hábito de andar solitário pelos campos, fosse nutrindo-se pela leitura ou orando; assim fora sua rotina por alguns dias.

{12} Certa vez, avistei-o enquanto caminhava aflito pelos campos, como de costume, devorando seu livro. Ao lê-lo, fez como fizera antes: rompeu em lágrimas, questionando: "Que farei para ser salvo?"

{13} Percebi que olhava para um lado e para o outro, como que prestes a correr; mas permanecia parado, pois era notável que não sabia para onde ir. Vi, então, um homem chamado Evangelista vindo em sua direção e perguntando-lhe: "Por que choras?" (Jó 33.23)

{14} Ele respondeu: "Senhor, recebi a notícia, pelo livro que tenho em mãos, de que estou condenado à morte, e depois de morrer serei julgado (Hb 9.27). Não creio que esteja disposto a passar por esta primeira provação, nem preparado para a segunda" (Ez 22.14).

O CRISTÃO mal deixou o Mundo e conhece o EVANGELISTA, o qual com amor saúda com as novas de outro; e mostra-Lhe como como se preparar a partir disso abaixo.

{15} Então, disse Evangelista: "Por que não estás disposto a morrer se esta vida é repleta de tantos males?" Respondeu Cristão: "Porque temo que este fardo em minhas costas faça-me afundar

para além do túmulo e venha eu a cair em Tofete. (Is 30.33) Veja bem, senhor, se não estou disposto a ir para a prisão, não estou, com toda certeza, disposto a ser julgado ou condenado à morte. Pensar sobre tais coisas me faz chorar.”

{16} Então, disse Evangelista: “Se esta é a tua condição, por que ainda estás parado?” E respondeu Cristão: “Porque não sei para onde ir.” Então, deu a ele um pergaminho em que estava escrito: “Fuga da ira vindoura.” (Mt 3.7)

{17} O homem o leu e, olhando atentamente para o Evangelista, disse: “Para onde devo voar?” Ouvindo a resposta do Evangelista que apontava para um vasto campo verdejante: “Vês aquela porta estreita?” (Mt 7.13,14) E o homem disse: “Não.” Então, disse-lhe o Evangelista: “Vês aquela luz resplandecente?” (Sl 119.105; 2 Pe 1.19) E ouviu a resposta: “Acredito que sim.” Ao que respondeu o Evangelista: “Mantenha teus olhos naquela luz e vá em sua direção; então, verás a porta. Quando a avistares e nela bateres, lhe será dito o que fazer.”

{18} Então, vi em meu sonho que o homem começou a correr.

Não estava muito longe de casa, mas sua esposa e seus filhos, ao perceberem que corria, começaram a suplicar que retornasse. O homem, porém, tapou seus ouvidos e continuou a correr, clamando: “Vida! Vida! Vida eterna!” (Lc 14.26) Não olhou para trás; antes fugiu em direção à campina. (Gn 19.17)

{19} Os vizinhos também saíram à rua para vê-lo correr (Jr 20.10) e, enquanto corria, alguns se escarneciam dele, outros o ameaçavam, outros pediam que voltasse. Dentre estes que o faziam, havia dois que resolveram impedi-lo de partir à força. Um deles chamava-se Obstinado e o outro, Flexível. A essa altura, o homem já se encontrava distante deles, embora estivessem determinados a persegui-lo, como fizeram, até que em pouco tempo o alcançaram. Então, disse-lhes o homem: “Vizinhos, por que viestes?” E

responderam-lhe: “Para lhe persuadir a voltar conosco.” Mas replicou: “De forma alguma será possível. Vós habitais na Cidade da Destruição, lugar onde também nasci. Se morrerdes ali, cedo ou tarde, serão enterrados em um lugar mais fundo que a própria cova, e adentrarão o lago de fogo e enxofre. Alegrai-vos em acompanhar-me, bons vizinhos.”

{20} OBSTINADO: Que dizes? Queres que deixemos nossos amigos e nossos bens para trás?

CRISTÃO: Sim. Pois tudo o que abandonardes não haverá de se comparar à menor parte daquilo que busco gozar. (2 Co 4.18) Se me acompanhardes e persistirdes comigo, gozarão disso também, pois no lugar para onde vou há em abundância e para todos. (Lc 15.17) Vinde e tireis a prova!

{21} OBSTINADO: O que tanto buscas a ponto de abandonar tudo o que tens para encontrá-lo?

CRISTÃO: Busco uma herança incorruptível, sem mancha, que não perece (1 Pe 1.4) e está reservada nos céus com segurança (Hb 11.16), a fim de ser outorgada no tempo oportuno àqueles que a buscam com diligência. Se desejardes confirmação do que digo, leiais em meu livro.

OBSTINADO: Ora! Não nos venha com esta conversa de livro! Voltarás conosco ou não?

CRISTÃO: Não, não o farei. Porque já pus a mão no arado. (Lc 9.62)

{22} OBSTINADO: Voltemos, então, Flexível. Retornemos sem ele. Existe uma porção de desajuizados pretensiosos que, quando cismam com certa questão, tornam-se aos próprios olhos mais sábios que sete outros homens instruídos. (Pv 26.16)

FLEXÍVEL: Não te injuries! Se o que o bom Cristão diz for verdade,

aquilo que ele busca é incomparavelmente melhor do que aquilo que possuímos. Meu coração está inclinado a acompanhá-lo.

OBSTINADO: Que dizes? És tu outro tolo? Ouça o que lhe digo e retorne comigo! Quem poderá dizer para onde esse maluco te levará? Volte, volte! Seja sábio.

{23} CRISTÃO: Não lhe dê ouvidos, antes venha comigo, Flexível. Acompanha-me, assim terás prova do que digo e muito mais. Se não acreditas em mim, leia este livro e, pela verdade nele expressa, contemple como tudo se confirma pelo sangue de seu Autor. (Hb 9.17-22, 13.20)

FLEXÍVEL: Bom, vizinho Obstinado, creio que minha decisão está tomada. Seguirei caminho com este bom homem e seu destino será também o meu. Mas, diga-me, bom companheiro: conheces o caminho para o lugar que buscamos?

{24} CRISTÃO: Estou sob as diretrizes de um homem cujo nome é Evangelista. Disse-me que mais adiante encontraremos uma porta estreita, onde haveremos de receber instruções acerca do caminho a se seguir.

FLEXÍVEL: Prossigamos, então, bom vizinho.

E ambos seguiram caminho juntos.

OBSTINADO: Voltarei para a minha casa. Não farei companhia a homens tão iludidos e fantasiosos.

{25} Em seguida, vi no sonho que, enquanto Obstinado voltava para casa, Cristão e Flexível conversavam sobre a campina. Assim começaram o assunto:

{26} CRISTÃO: Pois, diga-me, vizinho Flexível, como vais? Traz-me grande alegria tê-lo convencido a acompanhar-me. Se Obstinado pudesse sentir o terror e os poderes do invisível, não nos

teria dado as costas tão levemente.

FLEXÍVEL: Bom, vizinho Cristão, como não há mais ninguém além de nós dois agora, diga-me mais acerca das coisas de que falaste, como haveremos de gozá-las e para onde nos dirigimos.

{27} CRISTÃO: As concebo em minha mente melhor do que sou capaz de apresentá-las com minha língua. As coisas de Deus são inefáveis. Entretanto, por estares tão desejoso de sabê-las, lerei sobre elas em meu livro para ti.

FLEXÍVEL: Acreditas que as palavras do teu livro são verdadeiras?

CRISTÃO: Sim, com certeza! Seu Autor é Aquele que não pode mentir. (Tt 1.2)

FLEXÍVEL: Muito bem. Que coisas são essas, então?

CRISTÃO: Existe um reino infindável a ser habitado, e uma vida eterna ser-nos-á dada a fim de que habitemos este reino para todo o sempre. (Is 45.17; Jo 10.28,29)

FLEXÍVEL: Muito bem. E o que mais?

CRISTÃO: Seremos coroados, receberemos glória e vestes que nos farão resplandecer como o sol no firmamento dos céus. (2 Tm 4.8; Ap 3.4; Mt 13.43)

FLEXÍVEL: Oh, muito agradável! E o que mais?

CRISTÃO: Não haverá mais choro nem sofrimento, pois o Senhor daquele reino enxugará dos nossos olhos toda lágrima. (Is 25.6-8; Ap 7.17, 21.4)

{28} FLEXÍVEL: E que companhia teremos lá?

CRISTÃO: Estaremos na companhia de serafins, querubins e criaturas que ofuscarão teus olhos quando as contemplares. (Is 6.2)

Ali também encontraremos milhares e milhares que foram antes de nós habitar naquele lugar. Nenhum deles poderá oferecer-nos perigo, pois são santos e amáveis, andando na presença de Deus e achando-se aprovados diante Dele para sempre. (1 Ts 4.16,17; Ap 5.11) Veremos, ainda, os anciãos com suas coroas de ouro (Ap 4.4), as santas virgens com suas harpas douradas (Ap 14.1-5), homens que foram esquartejados neste mundo daqui, queimados pelo fogo, devorados por feras, e engolidos pelo mar em nome do amor que carregavam pelo Senhor daquele reino. Estarão todos sadios, vestidos de imortalidade. (Jo 12.25; 2 Co 5.4)

FLEXÍVEL: Ouvir tais palavras arrebatou-me o coração. Mas poderemos nós gozar de tais coisas? Como teremos parte nisso?

CRISTÃO: O Senhor, Governador do reino, o registrou neste livro, dizendo que se realmente as desejamos, Ele nos concederá de graça.

FLEXÍVEL: Bom, querido companheiro, sinto-me imensamente feliz por saber disso. Vamos, apertemos o passo.

CRISTÃO: Não posso andar tão depressa quanto gostaria, pois é pesado o fardo que carrego nas costas.

{29} Enquanto conversavam, os vi aproximarem-se de um pântano enlameado no meio da campina, no qual ambos caíram de súbito, pois estavam distraídos com o assunto. O pântano chamava-se Desconfiança. Ali permaneceram chafurdados por algum tempo, quase que completamente cobertos de lama, até que o Cristão, por causa do pesado fardo que carregava, começou a atolar-se ainda mais.

{30} FLEXÍVEL: Oh, vizinho Cristão! Onde estamos agora?

CRISTÃO: Na verdade... Não sei.

Flexível começou a indignar-se contra seu companheiro e lhe disse:

FLEXÍVEL: Essa é a felicidade de que falaste por todo o caminho até aqui? Se já nos encontramos nessa situação após mal terminarmos o primeiro trecho, o que nos esperará até o fim da jornada? Quando livrar-me de tamanho mal, tratarei de retornar à minha antiga vida. Por mim, podes possuir o valoroso reino sozinho.

Assim, se esforçou uma ou duas vezes e livrou-se da lama. Então, saiu-se pelo lado do pântano que o levaria de volta à sua casa, distanciando-se tanto que os olhos de Cristão já não o alcançavam mais.

{31} Cristão, porém, fora deixado sozinho, debatendo-se no Pântano da Desconfiança. Todavia, lutava diligentemente para alcançar o lado do pântano que o distanciava ainda mais de sua casa e o aproximava da porta estreita. Chegando à margem, não fora capaz de desatolar-se por causa do pesado fardo que carregava. Então, avistei em meu sonho um homem, cujo nome era Auxílio, que se achegou a ele e perguntou-lhe o que fazia ali.

CRISTÃO: Um homem chamado Evangelista instruiu-me a passar por este caminho que me levará a uma porta mais adiante, pela qual terei de escapar da ira vindoura. Enquanto caminhava para lá, caí neste pântano.

{32} AUXÍLIO: Mas por que não te atentaste ao caminho diante de ti?

CRISTÃO: Fui tão grandemente tomado pelo medo que acabei por me distrair e caí aqui.

AUXÍLIO: Dê-me a tua mão.

Cristão segurou a mão para ele estendida e foi retirado do lodaçal, repousando são e salvo em terra firme. Após recobrar as forças, seguiu o caminho a ele indicado.

{33} Ao presenciar a cena, aproximei-me de Auxílio e perguntei-

-Ihe: "Senhor, já que este lugar é o único caminho entre a Cidade da Destruição e essa porta, por que não reparam a estrada a fim de garantir a segurança dos viajantes que vão daqui acolá?" E ele me respondeu: "Este pântano lamacento é um lugar que não pode ser reparado. É para onde escoam toda a imundície e sujeira daqueles que correm em direção à convicção do pecado, por isso chama-se Pântano da Desconfiança. Quando o pecador é despertado para o seu estado de perdição, emergem em sua alma inúmeros medos, dúvidas e preocupações desanimadoras; todos esses sentimentos se agrupam e concentram-se aqui. Essa é a razão que justifica a precariedade deste lugar."

{34} Continuou: "Todavia, não apraz ao Rei que este lugar permaneça assim, tão terrível. (Is 35.3,4) Seus servos têm se aplicado há séculos a melhorar este caminho, sob as diretrizes dos sobrestantes de Sua Majestade. Até onde sei, essa lama já engoliu milhares de carroças e milhões de conselhos saudáveis que para cá foram enviados de todas as partes e domínios do Rei. Especialistas dizem ser esse o melhor tipo de material para torná-lo um bom terreno; se assim fosse, o caminho teria já sido reparado a essa altura. No entanto, o Pântano da Desconfiança permanece como está e assim continuará; fizeram tudo o que podiam.

{35} Fato é que, por ordem do Legislador, foram colocados alguns rochedos firmes e sólidos no meio do lamaçal a fim de facilitar a passagem. Mas quando a lama surge, como acontece ao mudar o tempo, fica quase impossível enxergar os rochedos. E mesmo quando os viajantes conseguem avistá-los, atordoados por influência do pântano, pisam em falso e acabam afundando na lama, apesar de estarem ali os rochedos. Mas o terreno é bom uma vez que chegam à porta." (1 Sm 12.23)

{36} Então, vi em meu sonho que, a este tempo, Flexível já havia chegado em casa novamente e recebera a visita de seus vizinhos. Alguns deles chamaram-no sábio por decidir retornar, alguns outros chamaram-no tolo por se expor a tamanho perigo ao acompanhar a

Cristão, outros ainda zombaram de sua covardia, dizendo: “Fosse eu, tendo já me arriscado a correr perigo, não desistiria tão facilmente ao enfrentar pequenas dificuldades.” Então, Flexível começou a se esquivar deles, envergonhado, até que acabou por ganhar confiança, se autoafirmando. Em sua ausência, porém, escarneciam do pobre Cristão. Isso somente tenho a dizer sobre Flexível.

{37} Cristão andava sozinho, mas persistia na caminhada. Avistou, de longe, alguém a atravessar a campina em sua direção; encontraram-se no momento que se cruzaram caminhando em direções opostas. O cavaleiro atendia por Sr. Sábio Mundano e habitava em uma cidade grande, conhecida por Política Carnal, situada não muito longe do lugar de onde viera Cristão. Ao passar por Cristão, teve fortes suspeitas sobre quem poderia ser, pois os rumores acerca da partida de Cristão da Cidade da Destruição haviam se espalhado intensamente, não somente na própria cidade como também na circunvizinhança. Observando sua caminhada laboriosa, seus suspiros e gemidos, Sr. Sábio Mundano entabulou uma conversa:

{38} SÁBIO: Para onde segues caminhando sobrecarregado assim, amigo?

CRISTÃO: Sobrecarregado estou, de fato! Talvez mais do que tenha estado qualquer outra criatura. Quanto à tua questão acerca de para onde sigo, digo-lhe, senhor: caminho em direção à porta estreita que fica adiante. Fui informado de que lá serei instruído sobre como livrar-me deste pesado fardo.

SÁBIO: Tens esposa e filhos?

CRISTÃO: Sim. Mas este fardo toma-me tanto as energias que já não me deleito neles como antes; para mim é como se não os tivesse. (1 Co 7.29)

SÁBIO: Darás ouvidos ao conselho que tenho a lhe dar?

CRISTÃO: Se tuas palavras forem boas, lhe darei ouvidos; estou necessitado de um bom conselho.

{39} SÁBIO: Aconselho-te, primeiramente, que te livres desse fardo o mais rápido possível. Até que o faças, não terás paz de espírito, nem serás capaz de desfrutar os benefícios das bênçãos que Deus concedeu a ti.

CRISTÃO: O que procuro é justamente livrar-me deste grande peso. Todavia, não posso fazê-lo sozinho, e nenhum outro homem no país fora capaz de retirá-lo de meus ombros. É com esse propósito que caminho naquela direção, como lhe disse; pretendo livrar-me de meu fardo.

SÁBIO: E quem lhe deu instrução de seguir por aquele caminho a fim de livrar-se dele?

CRISTÃO: Um homem que pareceu-me ser bom e honesto. Se bem me recordo, seu nome é Evangelista.

{40} SÁBIO: Maldito seja quem lhe deu tal conselho! Não existe no mundo caminho mais perigoso e cheio de obstáculos que este. É só o que encontrarás se seguires esse conselho. Percebo que, mesmo a essa altura, já encontraste algumas das dificuldades que o caminho oferece, pois bem vejo a lama do Pântano da Desconfiança sobre ti. O pântano é apenas o princípio dos sofrimentos que acometem aqueles que persistem em seguir por este caminho. Tenho mais idade que tu, atenta-te às minhas palavras. Estás propenso a encontrar cansaço, dor, fome, perigos, nudez, violência, feras selvagens, dragões, escuridão... Resumindo em uma única palavra, o caminho lhe trará a morte e tudo que a acompanha! Confirmo tudo o que digo pela experiência de pessoas que conheci; são grandes testemunhas. Por que um homem renunciaria à própria vida assim, tão facilmente, ao dar ouvidos aos conselhos de um estranho?

CRISTÃO: Porque este fardo sobre minhas costas é, para mim, mais terrível que todos os males que mencionaste, senhor. Não, não

me causa temor o que possa encontrar pelo caminho se este me levar a estar, finalmente, liberto deste fardo.

{41} SÁBIO: Como chegou este fardo às tuas costas a princípio?

CRISTÃO: Ao ler este livro que carrego.

SÁBIO: Suspeitava que assim tivesse sucedido. Aconteceu contigo o que antes também acontecera a outros homens fracos que, intrometendo-se em assuntos elevados demais para eles, acabaram por cair nessas ilusões. Ilusões estas que os impeliram a travar aventuras desesperadoras sem nem saber o que procuravam.

CRISTÃO: Sei bem o que procuro: ver-me liberto deste pesado fardo.

{42} SÁBIO: Mas por que procuras alívio num caminho que oferece tantos perigos? Principalmente porque, se tiveres paciência para ouvir-me, posso ajudar-lhe a obter o que desejas sem que precisas enfrentar tantos males. Sim, a cura está ao alcance de tuas mãos. Além disso, em vez de tantos perigos, digo ainda que encontrarás segurança, companheirismo e satisfação.

CRISTÃO: Senhor, rogo-lhe que reveles este mistério a mim!

{43} SÁBIO: Em uma vila adiante, chamada Moralidade, habita um cavaleiro que atende por Legalidade, homem muito criterioso e renomado, cuja habilidade lhe permite retirar dos ombros de outrem fardos como o teu. Até onde sei, tem feito um bom trabalho. Além disso, tem ainda a habilidade de curar a cabeça daqueles que não estão lá muito saudáveis das ideias por causa do peso do próprio fardo. Vá até ele e receba ajuda imediata. Sua casa não fica distante daqui e, caso ele não esteja em casa, seu filho, um mancebo chamado Civilidade, poderá servir-te tão bem quanto faria o pai. Afirmo que lá serás liberto do teu fardo, e se não estiveres convencido de retornar para tua antiga casa, como eu também não estaria, podes mandar buscar tua esposa e teus filhos, pois na vila a

que me refiro há muitas casas vazias, disponíveis por preços justos. O custo de vida ali é barato e os benefícios são inúmeros. Ah, e o que fará tua vida ainda melhor, com certeza, serão os vizinhos: honestos, educados e de bons costumes.

{44} Depois de tantos argumentos, Cristão ficou indeciso sobre sua decisão. Acabou, porém, por concluir consigo: "Se o que ele diz é, de fato, verdade, parece-me prudente seguir o seu conselho." E assim, perguntou-lhe:

{45} CRISTÃO: Senhor, para que lado fica a casa deste cavaleiro?

SÁBIO: Vês aquela colina à frente?

CRISTÃO: Sim, vejo bem.

SÁBIO: Suba adiante àquela colina; a primeira casa que encontrares é a dele.

{46} Então, Cristão mudou o caminho que antes seguia a fim de agora encontrar a casa do Sr. Moralidade e pedir-lhe ajuda. No entanto, quando se aproximou da colina, pareceu-lhe tão elevada, e o lado que dava para a margem tão íngreme, que lhe atemorizou a ideia de prosseguir em direção ao destino, com medo de que a colina deslizesse sobre sua cabeça. Por isso, permaneceu ali, parado, sem saber o que fazer. Sentia como se seu fardo estivesse ainda mais pesado agora do que quando iniciara a caminhada. Centelhas de fogo faiscavam da colina e faziam-no temer queimar-se. (Ex 19.16,18) Começara a suar e estremecia de medo. (Hb 12.21)

Quando os Cristãos dão ouvidos a homens carnaís, desviam-se do caminho que devem seguir e pagam um preço elevado por isso. Pois o mestre Sábio Mundano nada faz além de indicar ao santo o caminho para a escravidão e o infortúnio.

{47} Cristão começou a lamentar-se por ter ouvido o conselho do Sr. Sábio Mundano. Então, viu Evangelista vindo em sua direção; ao

vê-lo, corou de vergonha. Evangelista aproximava-se cada vez mais; ao chegar perto de Cristão, fitou-o profundamente com um semblante assustador, questionando-lhe:

{48} EVANGELISTA: Que fazes aqui, Cristão?

Cristão não sabia o que responder. Não encontrava as palavras e permaneceu em silêncio diante dele, que continuou:

EVANGELISTA: Não és tu aquele que encontrei chorando às portas da Cidade da Destruição?

CRISTÃO: Sim, caro senhor, sou eu.

EVANGELISTA: Não lhe indiquei eu o caminho para a porta estreita?

CRISTÃO: Sim, caro senhor.

EVANGELISTA: Como, então, te desviaste dele tão depressa? Estás agora fora do caminho.

{49} CRISTÃO: Assim que saí do Pântano da Desconfiança, encontrei um cavaleiro que me convenceu a procurar na vila, situada além da colina, um homem que me livraria de meu fardo.

EVANGELISTA: Que era ele?

CRISTÃO: Tinha a aparência de um senhor. Conversou comigo por um longo tempo e acabou por me convencer. Então, vim para cá. No entanto, quando avistei essa colina e percebi o quão íngreme era, de repente presumi que pudesse deslizar sobre mim.

EVANGELISTA: O que disse a ti esse senhor?

CRISTÃO: Perguntou-me para onde caminhava e eu lhe respondi.

EVANGELISTA: E o que disse ele após isso?

CRISTÃO: Perguntou-me se tinha família. Disse a ele que sim. Mas disse-lhe, também, que estou tão sobrecarregado por este fardo que carrego nas costas, que já não me deleitava em minha família como antes.

EVANGELISTA: E então?

{50} CRISTÃO: Ele me aconselhou a livrar-me depressa deste fardo, e eu lhe disse que era exatamente o que buscava fazer. Disse-lhe, ainda, que era esse o motivo pelo qual caminhava em direção à porta a que fui indicado; receber mais instruções e, finalmente, encontrar o lugar que me libertaria de tamanho peso. Então, o cavaleiro falou-me sobre um caminho melhor, mais curto e com menos dificuldades a serem superadas se comparado ao caminho que tu me indicaste, senhor. Segundo ele, esse novo percurso me levaria à casa de um homem habilidoso em livrar pessoas de seus fardos; então, acreditei nele. Desviei-me daquele caminho e dirigi-me a este, pois cri que logo estaria liberto. No entanto, quando cheguei aqui e observei como era realmente o caminho, fui paralisado pelo medo de perecer. Agora, não sei o que faço.

{51} EVANGELISTA: Espere aqui um momento; mostrarei a ti as palavras de Deus.

Cristão estremecia, mas permaneceu parado como lhe foi ordenado. Evangelista continuou a falar, recitando: "Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte". (Hb 12.25) E disse mais: "Todavia, o meu justo viverá pela fé; e se retroceder, nele não se compraz a minha alma". (Hb 10.38) Também aplicou as palavras, dizendo: "Tu és o homem que corre em direção à própria miséria; começaste a rejeitar o conselho do Altíssimo, a desviar teu pé do caminho de paz, a ponto de arriscar seres o motivo da tua própria perdição."

{52} Cristão caiu-lhe aos pés, quase desfalecido, clamando: "Ai de mim, estou arruinado!" Ao vê-lo atirar-se a seus pés, Evangelista o tomou pela destra e disse: "Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens." (Mt 12.31; Mc 3.28). E: "Não sejas incrédulo, mas crente." (Jo 20.27) Assim, Cristão recuperou o ânimo e se levantou, ainda tremendo, diante de Evangelista, que prosseguiu com sua fala:

{53} "Atenta-te com diligência às coisas que te direi. Mostrar-te-ei agora quem enganara a ti e para quem te dirigia. O homem que conheceste é o Sábio Mundano, e o nome lhe faz jus; primeiro, porque aprecia somente a doutrina deste mundo (1 Jo 4.5); por consequência, sempre vai à igreja da cidade da Moralidade e ama essa doutrina, porque ela lhe salva da cruz (Gl 6.12). Depois, porque seu temperamento é carnal, e isso o faz buscar perverter os meus retos caminhos. Portanto, há três coisas nos conselhos dados por esse homem a ti que tu deves abominar por completo.

1. Ter-te desviado do caminho.
2. Ter desferido esforços para levar-te a odiar a cruz.
3. Ter-te feito pôr os pés no caminho que conduz à morte.

{54} Antes de mais nada, tu deves repudiar quem te fez desviar-se do caminho, assim como o teu próprio consentimento em fazê-lo, pois isso é rejeitar o conselho de Deus para seguir o do Sábio Mundano. O Senhor diz: 'Esforçai-vos por entrar pela porta estreita' (Lc 13.24), a porta para a qual te mandei eu, pois 'estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela'. (Mt 7.14) Aquele homem perverso te afastou do caminho que leva para a porta estreita, deixando-te à beira da completa ruína. Abomine, pois, o seu ato e também a si mesmo por tê-lo dado ouvidos.

{55} Em segundo lugar, deves ainda repudiar o fato de aquele homem ter tornado a cruz odiosa diante de ti, pois tu deves preferi-

la 'aos tesouros do Egito'. (Hb 11.25,26) Além disso, o Rei da Glória disse a ti que aquele 'quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á'. (Mc 8.35; Jo 12.25; Mt 10.39) E, ainda, 'se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo'. (Lc 14.26) Digo, portanto, que toda doutrina que procura te convencer de que será tua morte tudo aquilo que a Verdade disse ser essencial para obteres a vida eterna é abominável.

{56} Por fim, debes repudiar teres colocado teus pés no caminho que quase te conduziu à morte. Considere aquele que te enviou para ele e avalie o quão hábil estava a pessoa a quem te dirigias para livrar-te do teu fardo.

{57} Aquele a quem foste enviado para que recebesses alívio, chamado Legalidade, é o filho da escrava que ainda se encontra em escravidão, assim como seus filhos (Gl 4.21-27), misteriosamente simbolizada pelo Monte Sinai, que tu temeste cair sobre ti. Se ela e seus filhos estão em escravidão, como esperas, por meio deles, ser liberto? Legalidade não pode te libertar do teu fardo. Nenhum homem fora liberto de seu fardo por meio dele, nem será um dia. Tu não podes ser justificado pelas obras da lei, pois por meio delas nenhum homem recebera alívio de sua carga. Portanto, o Sr. Sábio Mundano é um charlatão, o Sr. Legalidade é um traidor, e quanto a seu filho Civilidade, apesar de seu sorriso afetado, não passa de um hipócrita que não pode ajudar a ti. Creia-me, nada há em meio ao tumulto destes homens insensatos a não ser o projeto de seduzir-te para longe da salvação, afastando-te do caminho para o qual te direcionei." Ao proferir essas palavras, Evangelista bradou aos céus para que se confirmasse o que acabara de dizer. Na mesma hora, saíram palavras de fogo do monte do qual Cristão estava próximo, fazendo-

-o arrepiar-se. As palavras diziam: "Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las." (Gl 3.10)

{58} Cristão nada buscava senão a morte; começou a derramar-se em lágrimas, lamentando intensamente e amaldiçoando o momento em que conheceu o Sr. Sábio Mundano. Considerava-se o maior dos tolos por tê-lo ouvido os conselhos e sentia imensa vergonha ao pensar que os argumentos daquele homem, provenientes da carne, predominaram de tal maneira em seu coração que o fizeram abandonar o caminho correto. Feito isso, voltou-se para Evangelista e disse:

{59} CRISTÃO: Senhor, que pensas tu? Haverá esperança? Poderei voltar ao caminho em direção à porta estreita? Serei abandonado e mandado de volta, cheio de vergonha? Sinto muito por ter ouvido os conselhos daquele homem. Mas poderá ser perdoado o meu pecado?

EVANGELISTA: Grandíssimo é o teu pecado, pois por meio dele cometeste dois males: abandonaste o Bom caminho e trilhaste caminhos proibidos; todavia, o senhor da porta te receberá, pois age de boa vontade para com os homens. Somente fique atento, tome cuidado para não se desviar outra vez “e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira.” (Sl 2.12)

Então, Cristão dirigiu-se novamente para o caminho. E Evangelista, após dar-lhe um beijo de despedida, sorriu dizendo: “Deus seja contigo”. Cristão pôs-se outra vez a caminhar apressadamente, e não falou com homem algum no caminho, nem respondeu às perguntas que a ele dirigiam. Andava como se estivesse em terreno proibido e não considerava de modo algum estar seguro até que chegasse ao caminho que abandonara ao ouvir o conselho do Sr. Sábio Mundano. Conforme o tempo avançou, assim como os seus passos, Cristão finalmente alcançou a porta. Sobre ela estava escrito: “A quem bate, abrir-se-lhe-á”. (Mt 7.8)

{60} “Aquele que pretende aqui adentrar

Deve bater à porta, não precisa duvidar.

Saibas tu, que a aldrava hás encontrado:

Deus pode amar-te e perdoar o teu pecado.”

Ele bateu, portanto, uma, depois duas, depois mais, dizendo:

“Poderei entrar aqui? Ser-me-á aberta a porta?

Ser-me-á dado o perdão que o coração conforta,

Embora tenha me rebelado e feito escolhas lastimáveis?

Não falharei em entoar a Ti louvores infindáveis.”

Por fim, chegou ao portão uma pessoa importante, chamada Boa-vontade, que perguntou quem estava lá? e de onde ele veio? e o que ele teria?

{61} CRISTÃO: Eis aqui um pobre pecador sobrecarregado. Venho da Cidade da Destruição, mas estou a caminho do Monte Sião a fim de ser liberto da ira vindoura. Fui informado de que essa porta é o caminho para lá. Poderias tu dizer-me, senhor, se estás disposto a deixar-me entrar?

BOA-VONTADE: Oras, mas é claro! Estou disposto de todo o coração.

E, assim, abriu-lhe a porta.

{62} Quando Cristão estava quase passando por ela, Boa-Vontade puxou-o para dentro.

CRISTÃO: Que é isso?

BOA-VONTADE: Aqui perto foi erguido um grande castelo, cujo capitão é Belzebu. Tanto ele quanto os que o seguem atiram setas contra os que tentam entrar por esta porta, procurando matá-los antes que consigam.

CRISTÃO: Oh! Temo pelo risco, mas regozijo-me pelo livramento.

BOA-VONTADE: Agora que estás a salvo, responde-me: quem o enviaste para cá?

{63} CRISTÃO: Evangelista ordenou-me vir para cá e bater à porta, como fiz. Disse que o senhor me diria o que haveria eu de fazer a seguir.

BOA-VONTADE: Diante de Ti está uma porta aberta e homem algum poderá fechá-la.

CRISTÃO: Agora percebo que começarei a colher os benefícios de passar por tantos perigos.

BOA-VONTADE: Mas como é que vieste sozinho?

CRISTÃO: Nenhum de meus vizinhos enxergou a própria ruína como enxerguei a minha.

BOA-VONTADE: Algum deles sabia de tua vinda para cá?

CRISTÃO: Sim. Minha esposa e meus filhos foram os primeiros a contemplar minha partida; pediram-me que voltasse. Depois, alguns de meus vizinhos também clamaram pelo meu retorno, mas tapei os meus ouvidos e segui caminho.

BOA-VONTADE: Mas nenhum deles te seguiu a fim de persuadi-lo a voltar?

CRISTÃO: Sim, Obstinado e Flexível o fizeram. No entanto, quando viram que a batalha estava perdida, pois eu não retornaria, Obstinado abandonou-me e Flexível seguiu comigo mais um pouco.

BOA-VONTADE: Mas por que não o vejo aqui contigo?

{64} CRISTÃO: De fato, seguimos juntos um certo trecho, até que caímos de repente no Pântano da Desconfiança. Após o acontecido,

meu vizinho Flexível, desanimado, não se arriscou a ir além. Desatolou-se da lama dirigindo-se para o lado do pântano que dava para sua casa e disse-me que, por ele, eu podia possuir o valeroso reino sozinho. Então, seguiu seu próprio caminho e eu segui o meu: ele, em busca de Obstinado; eu, em busca dessa porta.

BOA-VONTADE: Triste fim o desse pobre homem, teu vizinho! Será a glória celestial tão pouco valiosa para ele a ponto de fazê-lo pensar não valer a pena arriscar-se a alguns perigos a fim de obtê-la?

{65} CRISTÃO: De fato, eu disse a verdade acerca de Flexível, mas se disser também toda a verdade sobre mim, verás que entre nós dois não há um que seja melhor. Ele saiu do caminho e voltou para casa, mas eu também fui convencido a me desviar, dirigindo-me para a estrada da morte após ouvir os conselhos carnavais de um Sr. Sábio Mundano.

BOA-VONTADE: Ah, encontraste com ele? Céus! Ele o faria procurar alívio nas mãos do Sr. Legalidade. Ambos são grandes trapaceiros! Mas... Diga-me, tu ouviste o conselho desse senhor?

CRISTÃO: Sim, segui para tão longe quanto me atrevi a ir. Estava a caminho da casa do Sr. Legalidade, até que cheguei àquela montanha que fica próxima de lá. Temi que caísse sobre minha cabeça e fui forçado a interromper a viagem.

BOA-VONTADE: Aquela montanha causara a morte de muitos e ainda tirará a vida de muitos outros. Feliz és tu que escapaste de ser partido em pedaços por ela.

CRISTÃO: Com certeza! Na verdade, não sei o que teria sido de mim se não fosse por Evangelista. Felizmente, ele me encontrou outra vez enquanto eu estava paralisado de medo diante da montanha. Foi pela misericórdia de Deus que ele me encontrou outra vez; não fosse assim, nunca teria chegado aqui. Mas aqui estou eu, tal como quem sou, apesar de ser mais digno de ter morrido naquela montanha do que de ter esta conversa com o

senhor. Que graça recebi ao ser-me permitido entrar aqui apesar de tudo o que agora confesso!

{66} BOA-VONTADE: Não rejeitamos a ninguém, não importa a vida que tenham levado antes. A ninguém lançamos fora (Jo 6.37), portanto, bom Cristão, venha comigo e te ensinarei acerca do caminho que deves seguir. Olhe diante de ti: vêes esse caminho estreito? É por ele que deves andar. Fora concluído pelos patriarcas, profetas, por Cristo e seus apóstolos. É tão reto quanto uma régua poderia fazê-lo ser. Este é o caminho que deves trilhar.

{67} CRISTÃO: Então não há sinuosidades e curvas que façam um estrangeiro se desviar?

BOA-VONTADE: Sim, há muitas encruzilhadas, atalhos amplos e tortos. Mas tu haverás de distinguir o certo do errado, pois o caminho certo é reto e estreito. (Mt 7.14)

{68} Então, em meu sonho, vi Cristão perguntar a Boa-Vontade se ele poderia ajudá-lo a se livrar do fardo que carregava em suas costas, pois até aquele momento ainda não havia conseguido se ver livre dele e não conseguia, de forma alguma, retirá-lo sem ajuda.

BOA-VONTADE: Quanto ao teu fardo, não desanimes, alegra-te em carregá-lo até chegar ao lugar de libertação, pois quando lá chegar, cairá das tuas costas sem que ninguém o retire.

{69} Então, Cristão cingiu os lombos e começou a preparar-se para iniciar sua jornada. Boa-Vontade avisou-lhe que, ao afastar-se um pouco da porta, encontraria em breve a casa de Intérprete, em cuja porta deveria bater para que lhe pudessem ser mostradas grandes coisas. Cristão despediu-se com carinho do amigo, que o desejou uma boa viagem na companhia do Senhor.

{70} Cristão prosseguiu até chegar à casa do Intérprete, onde bateu à porta por repetidas vezes, até que alguém atendeu, perguntando quem batia.

{71} CRISTÃO: Senhor, sou um viajante enviado por um conhecido do bom senhor que aqui reside a fim de ouvir coisas úteis. Devo falar ao dono da casa.

O dono foi chamado e em pouco tempo abordou Cristão, perguntando-o o que buscava.

CRISTÃO: Senhor, venho da Cidade da Destruição e dirijo-me para o Monte Sião. Foi-me dito pelo homem que guarda a porta estreita na extremidade dessa estrada que, se chamasse aqui, tu me mostrarias grandes coisas, as quais seriam úteis para minha jornada.

{72} INTÉRPRETE: Entre! Mostrarei a ti o que lhe será proveitoso.

Então, ordenou a um de seus homens que acendesse uma vela e pediu a Cristão que o seguisse, introduzindo-o em uma sala. Depois, abriu uma porta, pela qual Cristão avistou, pregado na parede, o retrato de uma figura séria e majestosa. Seus olhos estavam voltados para o céu, segurava em suas mãos o melhor dos livros, a lei da verdade estava escrita sobre seus lábios e suas costas estavam viradas para o mundo. Sua postura era de quem pleiteava com os homens e uma coroa de ouro repousava sobre sua cabeça.

CRISTÃO: Que significa este retrato?

{73} INTÉRPRETE: Este homem é um entre mil. Gera filhos (1 Co 4.15), por eles sente dores de parto (Gl 4.19), e os alimenta quando nascem. Vês que seus olhos estão voltados para o céu, que segura em suas mãos o melhor dos livros e que sobre seus lábios está escrita a lei da verdade? Isso é para mostrar-te que se ocupa em conhecer e revelar coisas ocultas a pecadores; por isso está de pé, com a postura de quem trata de convencê-los. Vês que o mundo está às suas costas e que uma coroa repousa sobre sua cabeça? Isso é para ensinar-te que ao desprezar e rejeitar as coisas presentes por amor do serviço ao Mestre, conquista-se a segurança de que no mundo vindouro ter-se-á glória como recompensa. Mostrei a ti esse retrato primeiro porque o homem que vês nele é o

único autorizado, pelo Senhor do lugar para onde te diriges, a guiar-te nos lugares mais difíceis que possas vir a encontrar pelo caminho. Preste muita atenção ao que mostrei a ti e lembre-se do que viste; é possível que encontres no caminho alguns que finjam guiar-te em desígnios retos, mas que, na verdade, te levarão à morte.

{74} Intérprete tomou Cristão pela mão e o levou a um amplo salão coberto de poeira, pois nunca havia sido varrido antes. Depois de observá-lo por um momento, Intérprete chamou um dos servos para varrê-lo. Quando, então, iniciou o trabalho de limpeza, a poeira começou a circular pelos ares, por todos os lados, de modo que Cristão fora ficando sufocado. Intérprete dirigiu-se a uma jovem que os acompanhava, dizendo: "Traga água para cá e borrifem no salão". Quando ela o fez, o salão pôde ser varrido sem dificuldade e tornou-se limpo e agradável.

{75} CRISTÃO: O que significa isso?

INTÉRPRETE: Esse salão é como o coração de um homem que nunca fora santificado pela doce graça do evangelho. A poeira é o seu pecado original e suas corrupções internas que o contaminaram por inteiro. Aquele que começou a varrê-lo é a Lei; mas aquela que trouxe água e a borrifou no salão é o Evangelho. Como viste, assim que se iniciara o trabalho de varrer o recinto, a poeira começou a circular por todos os lados e a limpeza não podia ser concluída; tu mesmo quase te sufocaste com ela. Isso é para mostrar-te que a lei, em vez de limpar o coração do pecado, o faz reviver cada vez mais, fortalecendo-o e aumentando-o na alma. Embora o revele e o proíba, não tem poder para subjugá-lo. (Rm 7.6; 1 Co 15.56; Rm 5.20)

{76} Como notaste, quando a jovem borrifou o salão com água, a limpeza pôde ser feita com facilidade. Isso é para mostrar-te que quando o Evangelho entra no coração, subjuga e vence o pecado com sua doce e preciosa influência, assim como quando a jovem fez assentar a poeira ao borrifar a água no chão. Feito isso, a alma é

limpa por meio da fé e, por consequência, torna-se habitável para o Rei da Glória. (Jo 15.3; Ef 5.26; At 15.9; Rm 16.25,26; Jo 15.13)

{77} Em meu sonho, vi também que o Intérprete o tomou pela mão e o introduziu em outra sala onde havia dois meninos sentados, cada um em sua cadeira. O mais velho chamava-se Paixão; o mais novo, Paciência. Paixão parecia estar inquieto, mas Paciência estava muito tranquilo. Então, Cristão perguntou: "Qual o motivo da inquietude de Paixão?" E o Intérprete respondeu: "Seu Mestre prometeu que o concederia coisas de muito valor no ano que virá, mas ele as quer agora, não deseja esperar, enquanto Paciência está disposto a aguardar."

Naquela hora, vi um homem andar em direção a Paixão, trazendo-lhe um saco de tesouro e derramando-o a seus pés. Ele tomou o dinheiro e se regozijou nele, enquanto ria de Paciência com escárnio. Mas tirei meus olhos da cena e ele já havia esbanjado tudo o que recebera; nada lhe sobrara senão alguns trapos.

{78} CRISTÃO: Podes expor essa situação com mais clareza para mim, Intérprete?

INTÉRPRETE: Estes dois meninos são figuras: a Paixão, dos homens deste mundo; a Paciência, dos homens do mundo vindouro. Como tu podes ver, a Paixão deseja receber seu tesouro este ano, não no próximo, ou seja, neste mundo; assim são os homens daqui, anseiam por conquistar todos os bens que puderem e gozá-los agora, sem esperar pelo ano que se aproxima, ou seja, o mundo vindouro, para receber a porção mais valiosa que lhes cabe. Aquele provérbio: "Melhor um pássaro na mão do que dois voando" tem mais influência e autoridade sobre eles do que todos os testemunhos Divinos dos tesouros que guarda o mundo vindouro. Todavia, tu observaste que ele gastara todo o tesouro rapidamente e nada lhe sobrara senão alguns trapos; assim sucederá a todos os que são semelhantes a ele quando este mundo tiver um fim.

CRISTÃO: Vejo agora que Paciência é o mais sábio dentre os dois meninos em muitos aspectos. Primeiro, porque aguarda os melhores tesouros. Depois, porque achará neles sua glória quando o outro nada possuirá além de trapos.

{79} INTÉRPRETE: Podes ainda adicionar mais uma coisa: a glória do mundo vindouro será eterna, mas as daqui desaparecerão de repente. Portanto, Paixão não tinha razão para rir de Paciência por obter seu tesouro primeiro; Paciência é que poderá rir de Paixão quando finalmente alcançar seu valioso tesouro, pois irá gozá-lo para sempre, enquanto o de Paixão ter-se-á acabado. O primeiro dará lugar ao último, pois chegara sua vez; todavia, o último a ninguém cede o lugar, pois nenhum outro o sucede. Portanto, aquele que obtém sua porção primeiro irá dispor de tempo para gastá-la no presente; mas o que recebe sua porção por último a terá para sempre, pois já não haverá o presente. Pois bem fora dito: "Recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos." (Lc 16.25)

CRISTÃO: Sendo assim, noto que a escolha mais sábia não é cobiçar as coisas do presente, mas aguardar as vindouras.

INTÉRPRETE: Dizes bem: "Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas." (2 Co 4.18) No entanto, as coisas terrenas e nosso apetite carnal são vizinhos próximos; por outro lado, as coisas vindouras e os sentidos da carne são estranhos um ao outro. Prova disso é que, no primeiro caso, a amizade é imediata; no segundo, porém, a distância permanece.

{80} Ainda sonhando, vi Intérprete tomar Cristão pela mão e levá-lo para um lugar onde havia um fogo queimando contra a parede. Um homem estava em pé diante da cena, jogando água sobre o fogo a fim de fazê-lo cessar, mas o fogo tornava-se cada vez mais alto e mais quente.

CRISTÃO: Que significa isso?

{81} INTÉRPRETE: Este fogo é a obra da graça efetuada no coração. Aquele que joga água sobre as chamas, na intenção de extinguir o fogo, é o Diabo; no entanto, como vês, o fogo apenas aumenta e arde com mais intensidade. Veja também o motivo.

Intérprete levou Cristão para trás da parede, onde viu um homem com um vaso na mão, derramando óleo continuamente sobre o fogo, sem que ninguém o notasse.

CRISTÃO: Que significa isso?

{82} INTÉRPRETE: Este é Cristo, aquele que, com o óleo de sua graça, mantém a obra antes já iniciada no coração. Assim, não importa o que faça o diabo, a alma do seu povo permanece em Sua graça. (2 Co 12.9) O homem escondido atrás da parede enquanto alimenta o fogo simboliza o quão difícil é para aquele que está sendo tentado enxergar a obra da graça mantida viva na alma.

Outra vez, ainda sonhando, vi o Intérprete tomá-lo pela mão e levá-lo a um lugar agradável, onde fora construído um majestoso palácio, formoso à vista; Cristão encantou-se ao contemplá-lo. Viu caminharem sobre o topo do palácio algumas pessoas vestidas com roupas douradas.

CRISTÃO: Podemos ir para lá?

{83} Intérprete tomou-o pela mão e o levou em direção à porta do palácio. Diante da porta, um grande grupo de homens aguardava como se desejasse entrar, mas não ousasse fazê-lo. Ali havia também um homem assentado próximo à porta, numa mesa de apoio, com um livro e um tinteiro diante de si, coletando os nomes daqueles que haveriam de entrar. Cristão viu, ainda, que à entrada do palácio encontravam-se muitos homens vestidos com armaduras, guardando a porta, resolutos a ferir qualquer um que ousasse adentrá-la.

Cristão pasmou-se um tanto com a cena. Quando, finalmente, todos os homens começaram a recuar por medo dos homens armados, Cristão observou um senhor de aparência robusta caminhando em direção ao homem assentado próximo à porta, dizendo: "Escreva o meu nome, senhor." Imediatamente após seu nome ser colocado no livro, ele desembainhou sua espada, colocou na cabeça o elmo e apressou-se em direção à porta, avançando sobre os homens armados, que vieram sobre ele com força letal. Todavia, o homem de forma alguma se atemorizou, antes passou a desferir golpes cada vez mais aguerridos. Depois de muito ferir e ser ferido por aqueles que intentavam mantê-lo fora do palácio, conseguiu ultrapassá-los e abrir caminho (At 14.22); ao adentrar o palácio, ouviu a doce voz vinda dos que ali habitavam, mesmo daqueles que caminhavam no topo, dizendo:

"Entre, entre! Ganhaste a glória que dura para sempre!"

Então, o homem entrou e viu-se vestido das mesmas roupas que eles. Ao testemunhar a cena, Cristão sorriu e disse:

{84} CRISTÃO: Acredito que sei o significado disso. Deixa-me entrar.

INTÉRPRETE: Não, fique até que tenha lhe mostrado um pouco mais. Depois, poderás seguir o teu caminho.

Intérprete tomou-o outra vez pela mão e levou-o para uma sala muito escura, onde havia um homem numa jaula de ferro.

O homem parecia triste. Encontrava-se sentado, com os olhos voltados para o chão, as mãos atadas, e suspirava como se seu coração fosse partir.

CRISTÃO: Que significa isso?

Ao ser questionado, Intérprete ordenou que Cristão falasse com o

homem.

CRISTÃO: Quem és tu?

HOMEM: Sou o que não era antes.

{85} CRISTÃO: E o que eras antes?

HOMEM: Era um professor próspero e honesto, tanto aos meus olhos quanto aos olhos dos outros. Pensava ser digno da Cidade Celestial e me alegrava só em pensar o que ali haveria de gozar.
(Lc 8.13)

CRISTÃO: Bom, mas o que és agora?

HOMEM: Sou agora um homem desesperançoso, preso nessa condição e nessa jaula de ferro. Não posso ser liberto. Não, não posso!

CRISTÃO: Mas como chegaste a tal condição?

HOMEM: Deixei de vigiar, deixei de ser sensato. Soltei as rédeas de minhas luxúrias, pequei contra a luz da Palavra e a bondade de Deus. Entristeci o Espírito e ele se retirou; tentei o diabo e ele veio a mim; provoquei a ira de Deus e ele me abandonou. Meu coração endureceu-se tanto que já não posso me arrepender.

{86} CRISTÃO: Intérprete, haverá esperança para um homem em tão terrível condição?

INTÉRPRETE: Pergunte a ele.

CRISTÃO: Peço que o faças.

INTÉRPRETE: Diga, homem, há algum outro destino para ti senão permaneceres preso nessa jaula de ferro?

HOMEM: Não, não há.

INTÉRPRETE: Por que? O Filho do Deus Bendito é misericordiosíssimo.

HOMEM: O crucifiquei outra vez (Hb 6.6), o desprezei (Lc 19.14), rejeitei seus caminhos de retidão, profanei o seu sangue e ultrajei o Espírito da graça. (Hb 10.29) Portanto, fui privado de todas as promessas; agora nada me resta além de ameaças, ameaças terríveis e aterradoras do julgamento e da ira ardente que haverão de me consumir como a um inimigo.

{87} INTÉRPRETE: Por que te permitiste chegar a este ponto?

HOMEM: Por causa das luxúrias, prazeres e ganhos deste mundo. Prometiam-me muito deleite ao usufruí-los. Mas, agora, cada um deles me abocanha e rói minha carne como se fossem vermes candentes.

INTÉRPRETE: Não podes tu te arrependeres e retornar?

{88} HOMEM: Deus me negou o arrependimento. Sua Palavra não me encoraja a crer que há alguma saída, pois Ele mesmo me encerrou nesta jaula de ferro. Homem algum poderá tirar-me daqui. Ó eternidade, eternidade! Como haverei de lutar contra a miséria que me aguarda na eternidade!

INTÉRPRETE: Cristão, lembre-se da miséria deste homem. Seja ela motivo de cautela contínua para ti.

CRISTÃO: Que terrível situação! Deus me ajude a vigiar, a ser sensato e a orar para que não tenha o mesmo miserável fim deste homem! Não será chegada a hora de seguir o meu caminho, senhor?

INTÉRPRETE: Espere apenas que te mostre uma coisa mais; então, poderás seguir o teu caminho.

{89} Outra vez, Intérprete tomou Cristão pela mão e o levou a um

pequeno quarto, onde havia um homem a levantar-se da cama e, ao vestir-se, estremeceu.

CRISTÃO: Por que treme este homem?

INTÉRPRETE: Diga-lhe o motivo, homem.

HOMEM: Essa noite, enquanto dormia, sonhei que os céus se obscureciam em demasia. Trovejava e relampeava tão terrivelmente, que me pus em agonia. No sonho, olhei para cima e vi as nuvens se estenderem numa velocidade incomum; logo ouvi um alto som de trombeta acompanhado de um homem sentado em uma nuvem junto com os milhares celestes. Estavam todos em chamas, assim como estavam os céus. Ouvi, então, uma voz que dizia: "Levantai, vós que estais mortos, para que sejais julgados." Dito isso, as pedras rolaram, os túmulos se abriram e os mortos vieram para fora. Alguns deles pareciam extremamente felizes, andavam de cabeça erguida; outros tentavam se esconder sob as montanhas. (1 Co 15.52; 1 Ts 4.16; Jd 14; Jo 5.28,29; 2 Ts 1.7,8; Ap 20.11-14; Is 26.21; Mq 7.16.17; Sl 95.1-3; Dn 7.10) Então, vi o homem assentado sobre a nuvem abrir um livro e ordenar que se aproximassem todos. No entanto, havia ainda uma distância conveniente entre ele e os outros, como se distancia o juiz dos réus num tribunal, por causa de uma chama intensa que diante dele ardia. (Mt 3.2,3; Dn 7.9,10) Ouvi, também, ser proclamado àqueles que o acompanhavam: "Reúnam o joio, a palha, o restolho e lancem-nos ao lago de fogo." (Mt 3.12; 13.30; Mt 4.1) Assim, um abismo sem fundo se abriu exatamente onde eu estava, e do mesmo lugar saíram fumaça e brasas de fogo em abundância, fazendo sons monstruosos. Também lhes foi dito: "Reúnam o meu trigo no celeiro." (Lc 3.17) Logo após, vi muitos serem apanhados e levados para dentro das nuvens, enquanto eu era deixado para trás. (1 Ts 4.16,17) Procurei me esconder, mas não fui capaz, pois o homem assentado sobre a nuvem tinha os olhos fixos em mim; meus pecados me vieram à mente e minha consciência me acusava de todos os lados. (Rm 3.14,15) Foi dessa forma que despertei.

{90} CRISTÃO: Mas o que te fizera temer tanto essa visão?

HOMEM: Pensei que o dia do julgamento havia chegado e que eu não estava preparado para ele. Entretanto, o que mais me atemorizou foi o fato de os anjos terem reunido a muitos outros, mas me deixado para trás. O abismo do inferno se abriu exatamente onde eu estava. Minha consciência também me deixara aflito e, no sonho, o Juiz não tirava os olhos de mim, demonstrando estar indignado.

{91} INTÉRPRETE: Cristão, consideraste todas essas coisas?

CRISTÃO: Sim; trouxeram-me esperança e medo.

INTÉRPRETE: Bom, mantenha todas essas coisas em mente para que te sirvam de aguilhão, instigando-te a caminhar em frente sem se desviar do caminho correto.

Cristão começou a cingir os lombos e a preparar-se para sua jornada.

INTÉRPRETE: Que o Consolador esteja sempre contigo, bom Cristão, guiando-te no caminho que leva à Cidade.

Cristão seguiu seu caminho, dizendo: "Aqui meus olhos contemplaram coisas raras e proveitosas, coisas agradáveis e terríveis, que me farão persistir no que uma vez iniciei. Mantereí minha mente nelas e me lembrarei do motivo pelo qual me foram mostradas. Que eu seja grato, ó bom Intérprete, a ti."

{92} Continuei sonhando e vi que a estrada pela qual Cristão haveria de caminhar estava cercada por um muro de ambos os lados, o qual chamava-se Salvação. (Is 26.1) O sobrecarregado Cristão correu pelo caminho, mas não com pouca dificuldade, por causa do fardo que ainda carregava.

{93} Correu até chegar a um lugar íngreme, onde havia uma cruz

e, mais abaixo, um sepulcro. Então, vi em meu sonho que, ao aproximar-se da cruz, o fardo de Cristão se afrouxou de seus ombros, caiu ao chão e rolou até a entrada do sepulcro, onde tombou e desapareceu.

{94} Cristão alegrou-se, seu semblante se iluminou e disse, cheio de felicidade em seu coração: "Ele me concedeu alívio pelo seu sofrimento, e vida pela sua morte." Cristão ficou parado por um momento, observando e refletindo, pois fora para ele uma grande surpresa que a visão da cruz o tenha liberto do pesado fardo. Ele olhou uma e mais outra vez, até que a alegria de seu espírito se transformou em lágrimas em seu rosto. (Zc 12.10) Ali permaneceu parado e chorando, quando três Seres Reluzentes o saudaram com "Paz seja contigo". O primeiro lhe disse: "Teus pecados estão perdoados" (Mc 2.5); o segundo tirou dele os trapos que vestia e o cobriu com novas vestes (Zc 3.4); o terceiro lhe marcou a fronte e deu-lhe um rolo selado, ordenando que o observasse enquanto corria e o entregasse ao chegar no Portão Celestial. (Ef 1.13) Então, seguiram caminho.

"Quem é este? O Peregrino? Olhe só! As coisas velhas se passaram, eis que tudo novo se fez. Curioso! É agora outro homem, de fato, vestido com finas vestes, como um pássaro elegante."

Cristão deu três saltos de alegria e prosseguiu cantando:

"Caminhei lonjuras carregando o meu pecado,

Nada me fazia ter o peso aliviado.

Mas aqui, enfim, cheguei, que suprema surpresa!

Será este o fim de todo o sofrimento e tristeza?

Estarei eternamente liberto desse fardo?

O laço que a ele me prendia fora desatado?

Bendita seja a cruz, bendito o sepulcro

E o Homem que o tomou por mim. Oh, que imenso lucro!”

{95} No sonho, observei-o seguir em frente até chegar a um lugar onde, à beira do caminho, avistou três homens adormecidos, cujos pés estavam ligados por grilhões. Chamavam-se Simples, Preguiça e Presunção.

{96} Ao ver a cena, Cristão aproximou-se deles a fim de tentar acordá-los, dizendo: “Vós sois como aqueles que dormem no topo de um mastro, e aos vossos pés tendes o Mar Morto, um abismo sem fundo. (Pv 23.34) Despertai e vinde; se quiserdes, vos ajudo a livrar-vos desses grilhões, pois se por aqui passa o leão que ruger, tornar-vos-ei presa para seus dentes.” (1 Pe 5.8) Os três acordaram, olharam para Cristão, e Simples respondeu: “Não vejo perigo”; enquanto Preguiça dizia: “Durmo só mais uns minutos”; e Presunção: “Que outra resposta esperas que lhe dê além do óbvio? Cuide cada um de seus problemas.” Então, deitaram-se para dormir outra vez; Cristão seguiu seu caminho.

{97} Entretanto, afligia-se ao pensar que aqueles homens corriam tamanho perigo e, ainda assim, estimavam tão pouco sua gentileza em oferecê-los ajuda, tanto ao acordá-los e aconselhá-los a levantarem-se como ao dispor-se a livrá-los dos grilhões. Aflito assim, andava distraído quando dois homens saltaram por sobre o muro à esquerda do caminho estreito, parecendo caminhar em sua direção. O nome do primeiro era Formalista, e o do segundo era Hipocrisia. Como dizia, ambos se aproximaram de Cristão, que começou a dizer:

{98} CRISTÃO: Cavalheiros, de onde vindes e para onde ides?

FORMALISTA E HIPOCRISIA: Nascemos na terra da Vanglória e vamos ao Monte Sião em busca de louvores.

CRISTÃO: Por que não entrastes pelo portão que fica no início da estrada? Não sabeis o que está escrito acerca disso? Que aquele que não entra pela porta, "mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador"? (Jo 10.1)

FORMALISTA E HIPOCRISIA: A entrada da estrada fica muito distante para aqueles que vêm da nossa terra. Portanto, todos os que vêm de lá recorrem a um atalho e saltam por cima do muro, como fizemos.

CRISTÃO: Mas isso não conta como uma transgressão contra o Senhor da cidade na qual estamos agora, já que sua vontade revelada fora violada por vós?

{99} FORMALISTA E HIPOCRISIA: Não precisas te preocupar com isso. Estamos acostumados a fazê-lo, é quase uma tradição. Se necessário fosse, poderíamos reunir testemunhas que confirmariam tê-lo visto acontecer desde milhares de anos atrás.

CRISTÃO: Mas será vossa prática julgada pela Lei?

FORMALISTA E HIPOCRISIA: Temos feito isso há tanto tempo que, sem dúvida, seria já considerado legal por qualquer juiz imparcial. Além disso, o importante é que entramos no caminho, não importa a forma como o fizemos. Se aqui estamos, está feito. Tu entraste do teu jeito, acredito que pela porta; nós entramos do nosso, saltando por sobre o muro. Julgas que tua condição seja melhor que a nossa?

CRISTÃO: Eu ando pelas leis do meu Mestre; vós andais pelas obras insolentes de vossas fantasias. Já sois considerados ladrões pelo Senhor deste caminho; portanto, duvido que sereis achados homens verdadeiros ao final da estrada. Viestes por vós mesmos, sem o assentimento do Senhor; saireis por vós mesmos, sem a misericórdia Dele.

{100} Pouco responderam depois, apenas disseram a Cristão que cuidasse de si mesmo e os deixasse em paz. Vi, então, que todos seguiram viagem sem muito colóquio, salvo os dois homens dizendo a Cristão: “Não temos dúvidas de que cumprimos a lei tanto quanto tu; não vemos em que és diferente de nós senão nas vestes que te cobrem, provavelmente dadas por algum dos teus vizinhos para esconder tuas vergonhas.”

{101} CRISTÃO: Não sereis salvos pelas leis e ordenanças, pois não entrastes pela porta. (Gl 2.16) Quanto às vestes, foram-me dadas pelo Senhor do lugar a que me dirijo, a fim de que, como dissestes, minhas vergonhas fossem cobertas. Recebo-as como um gesto de Sua bondade para comigo, pois antes nada tinha senão alguns trapos. Além disso, traz-me conforto ao longo da jornada; quando chegar às portas da cidade, o Senhor dela me reconhecerá como bom por causa do manto que me cobre, dado a mim por Ele mesmo, de graça, no dia em que me limpou da miséria. Tenho, também, um sinal na testa que talvez não haveis notado; fora fixado em mim por um dos amigos mais íntimos do meu Senhor no dia em que o fardo caíra de minhas costas. Recebi ainda um rolo selado para que lesse e fosse confortado ao longo do caminho; fui ordenado a entregá-lo nos portões da Cidade Celestial como sinal de minha jornada em busca dela. Estou certo de que lhes faltam todas essas coisas; e lhes faltam por não terdes entrado pela porta.

{102} Os dois não responderam aos argumentos de Cristão, apenas olharam um para o outro e riram. Então, prosseguiram todos. Cristão apertara o passo e andava mais à frente, conversando somente consigo mesmo, ora triste, ora consolado ao ler o rolo que um dos Seres Reluzentes havia lhe dado, pois fazia-o sentir-se renovado.

{103} Os vi prosseguir até chegarem ao sopé de uma montanha chamada Dificuldade, onde havia uma fonte. Havia também ali dois outros caminhos além daquele que começara na porta; um fazia curva para a esquerda, o outro para a direita. No entanto, o caminho

estreito continuava por sobre a Montanha Dificuldade. Cristão achegou-se à fonte e bebeu dela para se refrescar (Is 49.10), depois pôs-se a subir a montanha, dizendo:

“Subirei a montanha, seja alta como for,

Dificuldade não me causará pavor.

Este é o caminho da vida, a decisão não procrastino.

Coragem, coração, apegate ao teu destino.

Embora complicado, o correto é preferível,

O conforto do caminho errado levaria a um fim terrível.”

{104} Logo atrás, vieram os outros dois chegando ao sopé da mesma montanha. Viram, porém, que era íngreme e alta, e pensaram que os dois outros caminhos poderiam se encontrar com aquele que Cristão escolhera trilhar, chegando ao mesmo destino. Portanto, resolveram seguir por eles. O primeiro chamava-se Perigo, o segundo Destruição. O que tomou o primeiro caminho, foi levado a uma grande floresta tenebrosa; o que tomou o segundo caminho, chegou a um vasto campo repleto de montanhas obscuras, onde tropeçou, caiu e nunca mais se levantou.

“Poderiam escolher caminhos maus e chegarem ao destino?

Estariam bem seguros num atalho clandestino?

Não. Foram teimosos, de fato, precipitados.

Por desviarem-se assim, terminarão arruinados.”

{105} Observava o ir de Cristão pela alta montanha. De correr, passou a caminhar, de caminhar passou a escalar com as mãos e os joelhos, pois era demasiado inclinada a trilha. Na metade do caminho para o topo, encontrou um agradável lugar de descanso

preparado pelo Senhor da montanha para aliviar a fadiga dos viajantes. Ali sentou-se para recobrar as forças. Tirou do bolso o seu rolo e o leu, procurando por conforto, e outra vez admirou o manto que recebera quando refletia ao pé da cruz. Consolado, acabou por adormecer profundamente, permanecendo no esconderijo até o cair da noite; enquanto dormia, deixou cair o seu rolo. Então, veio alguém acordá-

-lo, dizendo: "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio." (Pv 6.6) Cristão despertou e apressou-se a seguir caminho novamente, até que chegou ao topo da montanha.

{106} Já no topo, dois homens vieram correndo vigorosamente em sua direção; o primeiro chamava-se Receoso, o segundo Desconfiança.

CRISTÃO: O que passa, senhores?

RECEOSO: Tu estás andando pelo caminho errado! Estamos também viajando para a Cidade de Sião, mas quanto mais caminhamos, mais perigos encontramos. Por isso, decidimos retornar.

DESCONFIANÇA: De fato. Bem diante de nós já se podem encontrar alguns leões. Não sabemos se dormem ou se estão acordados, mas não vemos outro desfecho para nós senão sermos partidos em pedaços caso resolvêssemos avançar.

{107} CRISTÃO: Vosso alerta traz-me temor, mas para onde haveria de ir para que estivesse a salvo? Se voltar para a minha cidade, destinada ao fogo e enxofre, certamente morrerei. Se conseguir chegar à Cidade Celestial, com certeza estarei seguro. Devo arriscar. Voltar nada mais é senão entregar-me à morte; seguir adiante me fará temê-la, mas terei ainda a esperança da vida eterna que a sucederá.

Assim, Receoso e Desconfiança desceram a montanha, enquanto Cristão prosseguiu. Entretanto, pensando no que acabara de ouvir,

tocou o bolso para tomar o rolo, lê-lo e ser confortado uma vez mais, mas não o encontrou. Quando se deu conta de que o havia perdido, entrou em desespero e não sabia o que fazer, pois era o que o acalmava e, além disso, era seu passaporte para a Cidade Celestial. A perturbação lhe impedia de pensar e tomar uma atitude, até que finalmente se lembrou de ter adormecido no meio do caminho e, caindo sobre seus joelhos, pediu perdão a Deus por aquele ato tolo; então, voltou atrás para procurar o seu rolo. Não houve quem pudesse mensurar o tamanho da tristeza que invadira o coração de Cristão ao longo de todo o trecho que percorreu voltando atrás. Ora lamentava, ora derramava-se em lágrimas e muitas vezes repreendia a si mesmo por ter sido tão tolo ao adormecer profundamente num lugar feito apenas para um breve descanso e algum alívio da fadiga. Voltava assim, olhando atentamente de um lado a outro na tentativa de encontrar o rolo que tantas vezes lhe havia confortado durante a jornada. Continuou a procura até chegar novamente ao lugar de descanso onde havia adormecido; a visão daquele local aumentou sua tristeza, trazendo à tona com toda a intensidade seu mau passo. (Ap 2.5; 1 Ts 5.7,8) Lamentava seu pecaminoso sono, dizendo: "Ó, que miserável homem sou eu para dormir à luz do dia! Dormir em meio a tamanha dificuldade! Aquiescendo a carne, satisfazendo-a com profundo sono no lugar preparado pelo Senhor da montanha somente para aliviar o espírito dos peregrinos!"

{108} Quantos passos caminhei em vão! Assim acontecera também ao povo de Israel por causa do seu pecado; foram feitos retornar pelo caminho do Mar Vermelho. Também eu estou sendo forçado a trilhar com tristeza estes passos, o que não aconteceria se não tivesse cedido ao meu sono cheio de pecado. Quão longe estou do meu destino a essa altura! Sou obrigado a andar três vezes mais do que seria necessário; ainda agora serei surpreendido pela noite, pois se aproxima o fim do dia. Oh, se não tivesse dormido!

{109} Sentou-se no lugar de descanso para se lamentar e chorar, mas quando Cristão finalmente passou os olhos inundados de

lágrimas pelos arredores, avistou o seu rolo; estremeceu e o apanhou depressa, guardando-o de novo no bolso. Não houve quem pudesse mensurar a alegria do homem ao recuperar seu precioso rolo, a garantia de que teria a vida guardada e seria aceito no desejado refúgio. Assim, guardou-o no bolso, agradeceu a Deus por direcionar os seus olhos ao lugar certo e com lágrimas de regozijo retornou à jornada. Andava ligeiro e cheio de vigor, mas antes que chegasse ao cume, deparou-se com o pôr do sol e lembrou-se da vaidade que o fez render-se ao sono. Voltou a apiedar-se de si mesmo, dizendo: "Ó pecaminoso sono, por tua causa sou obrigado a viajar na escuridão da noite, a andar sem a luz do sol. As trevas cobrem as veredas sob meus pés e ouço os sons de criaturas horríveis ao redor; devo todos estes males a ti, pecaminoso sono." (1 Ts 5.6,7) Lembrou-se também do que haviam contado Receoso e Desconfiança e o quão atemorizados ficaram quando se depararam com os leões. Cristão falou consigo mesmo, dizendo: "Essas bestas ficam à espreita durante a noite, procurando pela presa; se me encontrarem aqui em meio às trevas, como haverei de afastá-los? Como haverei de escapar para não ser despedaçado?" E com este pensamento, prosseguia. Enquanto lamentava seu infortúnio, porém, levantou os olhos e observou que havia um majestoso palácio diante de si, chamado Belo, situado na frente da estrada.

{110} Vi em meu sonho que Cristão se apressou em seguir na direção do Palácio a fim de tentar hospedar-se. Antes que pudesse avançar mais, encontrou uma passagem muito estreita a alguns metros da entrada do Palácio; espreitando com mais atenção enquanto por ali procurava passar, avistou dois leões à frente. Pensou: "Agora meus olhos veem os perigos de que falavam Desconfiança e Receoso quando decidiram voltar." Os leões estavam acorrentados, mas Cristão não podia enxergar as correntes. O medo lhe tomou e ponderou voltar para trás, como fizeram os outros, pois nada enxergava adiante de si senão a morte. No entanto, o homem que guardava a porta do Palácio Belo, chamado Vigilante, percebendo que Cristão aparentava querer retornar, clamou: "Será tua força tão pequena? (Mc 8.34-37) Não temas os leões, estão

acorrentados; foram colocados na passagem para testar a fé dos que intendem adentrar o Palácio, a fim de descobrir quais dos viajantes não possui nenhuma. Mantenha-te no caminho, nenhum mal será feito contra ti.”

“Dificuldade encerrada, do Medo agora dispões.

Mal subiste a montanha e já rugem alto os leões;

Vida mui sossegada ao Cristão não compete,

Resolvido um perigo, outro logo o acomete.”

{111} Cristão decidiu avançar, tremendo de medo dos leões, mas atentando-se aos conselhos de Vigilante; ouvia-os rugir, mas dano algum lhe causavam. Bateu palmas na intenção de afastá-los e seguiu adiante até chegar à entrada onde estava Vigilante.

CRISTÃO: Senhor, a quem pertence a casa? Poderia eu passar a noite aqui?

VIGILANTE: Fora construída pelo Senhor da montanha para servir de alívio e segurança aos peregrinos. De onde és? Para onde vais?

{112} CRISTÃO: Venho da Cidade da Destruição e sigo para o Monte Sião, mas por causa da escuridão noturna gostaria de alojar-me aqui.

VIGILANTE: Como te chamas?

CRISTÃO: Meu nome agora é Cristão, mas antes chamava-me Desprovido-da-Graça. Sou da linhagem de Jafé, a quem Deus persuadiu a habitar nas tendas de Sem. (Gn 9.27)

VIGILANTE: Mas por que chegaste tão tarde? Já se pôs o sol.

{113} CRISTÃO: Teria chegado mais cedo, mas, miserável homem que sou, dormi profundamente no lugar de breve descanso

preparado para os viajantes no meio da montanha; não somente isso me impedira de adiantar-me, mas também a perda de minha garantia de entrar na Cidade Celestial enquanto dormia. Acabei por subir o restante da montanha sem ela e só me dei conta de que a havia perdido quando cheguei ao cume. Meu coração se entristeceu muitíssimo quando percebi que seria forçado a retornar ao lugar onde havia adormecido a fim de encontrá-la; mas, enfim, busquei-na e agora encontro-me aqui.

VIGILANTE: Bem, chamarei uma das donzelas do Palácio que, caso simpatize contigo, te levarás ao restante da família, pois assim são as regras da casa.

Vigilante tocou um sino e, poucos momentos depois, uma linda e solene donzela, cujo nome era Discrição, saiu à porta, perguntando o motivo pelo qual fora chamada.

{114} VIGILANTE: Este homem se encontra no meio de uma jornada da Cidade da Destruição ao Monte Sião, mas fora surpreendido pelo cair da noite e pedira para ser hospedado aqui até o amanhecer. Disse a ele que chamaria a ti para que fizesses o que te pareça correto de acordo com as regras da casa.

{115} Discrição perguntou a Cristão de onde viera e para onde se dirigia; ele a respondeu. Perguntou-lhe também como entrara na estrada; ele a respondeu. Então, perguntou-lhe o que encontrara no caminho; ele tudo contou a ela. Por último, perguntou-lhe o nome, e ele disse: "Chamo-me Cristão e desejo muito hospedar-me aqui por essa noite, pois me parece que este lugar fora construído pelo Senhor da montanha para fins de alívio e segurança dos peregrinos." Ela sorriu, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe encharcavam os olhos. Após breve período de silêncio, disse: "Chamarei mais dois ou três membros da família para conversarem contigo." Discrição correu à porta e chamou por Prudência, Piedade e Caridade que, depois de trocarem mais algumas palavras com Cristão, deixaram-no entrar para conhecer o resto da família. Eram muitos e, encontrando-

-o na entrada, disseram: “Entre, bendito do Senhor; esta casa fora construída pelo Senhor da montanha como o lugar em que os peregrinos recebem novo ânimo.” Cristão curvou a fronte e os seguiu para dentro. Quando adentrou a casa e assentou-se, deram a ele de beber e concordaram em gastar o tempo de espera pelo jantar revezando-se para conversar com Cristão em secreto. Piedade, Prudência e Caridade foram incumbidas de fazê-lo primeiro e começaram o diálogo:

{116} PIEDADE: Bom Cristão, viste que fomos amáveis para contigo recebendo-te em nossa casa esta noite. Compartilhe conosco, para nossa edificação, algumas das aventuras pelas quais passaste em tua peregrinação até aqui.

CRISTÃO: Com muito prazer! Alegro-me em ver o quão dispostos estão a me ouvir.

{117} PIEDADE: O que a princípio te movera a adotar essa vida de peregrino?

CRISTÃO: Afastei-me de minha cidade por causa de uma voz aterrorizante que não cessava de soar em meus ouvidos, dizendo: “Se não partires, decerto morrerás.”

PIEADADE: Mas por que tomaste este caminho depois de partires de tua cidade natal?

CRISTÃO: Porque Deus assim achou por bem. Quando eu estava trêmulo de medo da destruição, não sabia para onde ir; mas, por acaso, apareceu-me um homem enquanto eu tremia e pranteava, cujo nome era Evangelista, que direcionou-me à porta estreita, a qual nunca haveria encontrado sozinho, e me mandou seguir pelo caminho que me trouxe direto para cá.

{118} PIEDADE: Mas não passaste pela casa do Intérprete?

CRISTÃO: Sim! E as coisas que testemunhei ali estarão guardadas em mim enquanto viver. Em especial, três delas: como Cristo, apesar dos esforços de Satanás, mantém sua obra da graça no coração; como o homem, de tanto pecar, chega a perder as esperanças de alcançar a misericórdia de Deus; e o sonho de um homem, no qual testemunhava a chegada do dia do julgamento.

PIEIDADE: Ouviste-o contar o sonho que teve?

CRISTÃO: Sim! E fora mui pavoroso. Meu coração doía enquanto ele falava; apesar disso, fiquei contente em tê-lo ouvido.

{119} PIEIDADE: Isso fora tudo o que viste na casa do Intérprete?

CRISTÃO: Não. Ele me tomou pela mão, me mostrou um palácio majestoso e as pessoas vestidas em ouro que ali habitavam. Mostrou também o caso de um homem que abrisse caminho por entre os poderosos guardiões, protetores do palácio, que pretendiam impedi-lo de entrar; ao final, foi permitida sua entrada e acabou por conquistar glória eterna. Tais cenas arrebataram meu coração! Eu ficaria na casa daquele bom cavaleiro por mais meses a fio, mas sabia que meu caminho era longo pela frente.

{120} PIEIDADE: Que mais viste tu pelo caminho?

CRISTÃO: Um pouco mais adiante, vi um homem pregado num madeiro, sangrando. Apenas a visão daquela cruz fizera meu fardo desprender-se de minhas costas – sofria com o peso de um fardo muito pesado. Parecera-me estranho, pois nunca houvera visto nada similar. E, enquanto admirava, parado, a visão daquele homem, abordaram-me três Seres Reluzentes. Um deles testemunhou que meus pecados foram perdoados; outro despiu-me de meus trapos e me deu este manto bordado que vês; o terceiro, por fim, aplicou-me esta marca que vês em minha fronte e me deu este rolo selado. (Cristão tirou o rolo do bolso para mostrá-lo a Piedade.)

{121} PIEIDADE: Mas tu viste ainda mais, não viste?

CRISTÃO: Os eventos que acabo de narrar foram os mais marcantes. No entanto, testemunhei muitos outros casos, como por exemplo quando conheci Simples, Preguiça e Presunção; estavam adormecidos à beira do caminho enquanto passava, presos por grilhões, e muito me esforcei para acordá-los. Vi também Formalidade e Hipocrisia saltarem por sobre o muro a fim de, como pretendiam, seguir para Sião; mas logo em breve acabaram por se perder, como eu mesmo havia dito que aconteceria, embora não tenham dado crédito. E, acima de tudo, encontrei-me em grande dificuldade para subir essa montanha, dificuldade que comparo à de ter passado pela boca dos leões, a qual teria sido ainda maior se o bom homem, Vigilante, não tivesse me aconselhado a ter fé, pois eu com certeza teria voltado para trás. Agora, agradeço a Deus por estar aqui, e agradeço a vós por me receberdes.

{122} Então, Prudência achou por bem questioná-lo acerca de alguns assuntos.

PRUDÊNCIA: Chegas, às vezes, a pensar na cidade de onde vieste?

Pensamentos de Cristão sobre sua cidade natal

CRISTÃO: Sim, mas com muita vergonha e muito ódio: “E, se, na verdade, me lembrasse daquela de onde saí, teria oportunidade de voltar. Mas, agora, aspiro a uma pátria superior, isto é, celestial.” (Hb 11.15,16)

PRUDÊNCIA: Não carregas consigo ainda algo que lhe era familiar antes de partir?

CRISTÃO: Sim, mas contra a minha vontade, especialmente meus pensamentos carnavais, nos quais todos os meus conterrâneos, assim como eu, encontravam deleite. Agora, porém, servem-me de pesar; gostaria de poder fazer minhas próprias escolhas.

A escolha de Cristão

CRISTÃO: Se pudesse, nunca mais voltaria a pensar no que penso agora; mas não faço o bem que quero, enquanto o mal que não quero, este pratico. (Rm 7.16-19)

{123} PRUDÊNCIA: E não sentes, às vezes, como se tivessem sido vencidas algumas coisas que antes eram-lhe motivo de confusão?

A aurora de Cristão

CRISTÃO: Sim, mas é raro. Quando acontece, porém, é para mim como a aurora invadindo a escuridão.

PRUDÊNCIA: Consegues te lembrar dos meios pelos quais és capaz de vencer esses teus aborrecimentos?

CRISTÃO: Sim. Quando penso no que testemunhei na cruz; quando olho para o manto bordado que carrego sobre mim; também quando leio o rolo que levo no bolso; quando os pensamentos sobre o lugar para onde vou invadem minha mente.

{124} PRUDÊNCIA: E por que desejas tanto chegar ao Monte Sião?

CRISTÃO: Lá espero encontrar, vivo, o homem que vi pendurado no madeiro; lá espero ser liberto de tudo o que me perturba em mim mesmo, pois ouvi dizer que ali não existirá mais a morte; lá terei de gozar a companhia que mais me agrada. (Is 25.8; Ap 21.4) A verdade é que eu o amo, pois Ele me aliviara do meu fardo. Estou cansado da enfermidade que habita dentro de mim; anelo estar no lugar onde não conhecerei a morte junto àqueles que clamam dia e noite: "Santo, Santo, Santo!"

{125} Então, disse Caridade a Cristão:

CARIDADE: Tens família? És tu um homem casado?

CRISTÃO: Tenho uma esposa e quatro crianças pequenas.

CARIDADE: E por que não os trouxeste contigo?

O amor de Cristão por sua família

Cristão começou a chorar e disse:

CRISTÃO: Oh, como desejava tê-lo feito! Mas eram todos contra a minha partida.

CARIDADE: Deverias ter conversado com eles e te esforçado para mostrá-los o perigo que corriam.

CRISTÃO: Eu o fiz! Disse a eles, também, tudo o que Deus me mostrara acerca da destruição de nossa cidade. Mas acharam que gracejava com eles e não acreditaram em mim. (Gn 19.14)

CARIDADE: Oraste a Deus pedindo que te ajudasse a convencê-los?

CRISTÃO: Sim, com muito amor. Deves saber que minha mulher e meus filhos me eram muito queridos.

CARIDADE: Contaste a eles acerca da tua tristeza, do teu medo da destruição vindoura? Pois suponho que a destruição lhe fora mostrada com muita clareza.

O medo visível de Cristão

CRISTÃO: Sim, por várias, várias e várias vezes. Foram capazes de ver o medo nos meus olhos, nas minhas lágrimas, nos meus tremores e no meu receio do julgamento que sobreviria em nossas cabeças. Nada disso fora suficiente para convencê-los a me acompanhar.

CARIDADE: Qual fora a justificativa deles para recusarem o teu clamor?

{126} CRISTÃO: Minha esposa temia perder este mundo; meus

filhos apegaram-se aos deleites fúteis da juventude. Por estes motivos, tanto ela como os outros deixaram-me partir, sozinho, para essa empreitada.

CARIDADE: Não foste tu mesmo que, levando uma vida vazia, descreditou tuas próprias palavras enquanto procurava persuadi-los a irem contigo?

{127} *A boa conduta de Cristão diante de sua esposa e seus filhos*

CRISTÃO: De fato. Não defendo a vida que levei e estou ciente das minhas muitas falhas. Sei também que a conduta de um homem pode facilmente derrubar seus argumentos e esforços para convencer alguém de algo, ainda que tenha boas intenções. Mas posso afirmar: fui muito cauteloso para não dar a eles ocasião de se sentirem indispostos a me seguir na peregrinação. Por isso mesmo acusavam-me de ser rigoroso demais, de renunciar, por causa deles, coisas em que mal algum enxergavam. Creio poder dizer que, se viram em mim algo que os impediu de me seguir, foi minha delicadeza em não pecar contra Deus, ou em não fazer mal algum ao meu próximo.

CARIDADE: Dizes bem. Caim odiou seu irmão “porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas” (1 Jo 3.12); se tua esposa e teus filhos se sentiram ofendidos por isso, mostram-se, então, implacáveis para o bem, mas “tu salvaste a tua alma”. (Ez 3.19)

{128} Assim fora em meu sonho: permaneceram sentados, conversando, enquanto o jantar era preparado. Quando chegara a hora de ser servido, sentaram-se para comer. A mesa estava farta com as melhores carnes e o mais fino vinho. A conversa à mesa resumia-se ao Senhor da montanha; suas obras, seus meios e o motivo pelo qual construíra aquela casa. Pelo que diziam, parecia-me ter sido um grande guerreiro que lutou e tirou a vida “daquele que tinha o poder da morte”, mas não sem colocar a si mesmo em

grande perigo, o que me fez amá-lo ainda mais. (Hb 2.14,15)

{129} Pois, conforme diziam, parece tê-lo feito a preço de muito sangue; mas o que acrescentara tanta glória e graça em sua obra foi tê-la efetuado por puro amor à sua pátria. Além disso, alguns dos membros daquela família alegaram ter estado em sua companhia e conversado com ele desde o dia em que morrera na cruz; atestaram ter ouvido de sua própria boca acerca de seu grande amor pelos peregrinos, amor que não se encontra em nenhum outro lugar.

{130} Deram, ainda, exemplos de suas obras, alegando ter ele se despedido de sua glória em favor dos pobres, ouvindo-o afirmar que “não habitaria no Monte Sião sozinho.” Disseram, ainda, que transformara muitos peregrinos em príncipes, embora tenham nascido mendigos e vindo da mais miserável condição. (1 Sm 2.8; Sl 113.7)

{131} *O aposento de Cristão*

Conversaram juntos por horas a fio, noite adentro; depois de pedirem proteção ao Senhor, se retiraram para descansar. Alocaram o peregrino em um amplo aposento, cuja janela era voltada à direção onde nasce o sol. O quarto se chamava Paz. Ali dormiu até o raiar do dia e acordou cantando:

“Com quão grande provisão fui agraciado,
Jesus mostra, de fato, grande amor e cuidado
Para com os peregrinos que receberam perdão.
Oh, já se aproxima a porta da salvação!”

{132} Pela manhã, levantaram-se todos e, depois de conversarem mais um pouco, disseram a Cristão que não deveria partir antes de ver as raridades que ali havia. Primeiro, levaram-no a uma sala de estudos, onde apresentaram a ele os registros muito antigos, nos

quais, se bem me lembro do sonho, traziam primeiro a linhagem do Senhor da montanha, filho do Ancião de Dias, cuja origem vem da geração eterna. Também estavam registradas suas obras, os nomes dos muitos que o haviam servido e como ele os colocara em habitações tamanhas que nem o número de dias, nem o desgaste poderia fazer desvanecer.

{133} Cristão acompanhou a leitura de alguns dos dignos atos realizados por seus servos, os quais, “por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros”. (Hb 11.33,34)

{134} Leram, também, outro parágrafo para Cristão, numa outra parte da casa, que mostrava o quão disposto estava o Senhor a receber qualquer pessoa em seu seio, ainda que no passado tenha desferido grandes afrontas contra ele e seu procedimento. Nos registros havia inúmeras histórias famosas acerca de tais coisas; Cristão se deliciou em cada uma delas, tanto nas modernas, como nas antigas, junto com as profecias e predições do cumprimento de diversos eventos, para o terror e assombro dos inimigos, para o conforto e alívio dos peregrinos.

{135} No dia seguinte, o levaram até o arsenal, onde apresentaram a ele toda espécie de arma providenciada pelo Senhor para munir os peregrinos: espada, escudo, elmo, couraça, o recurso da oração e calçados que não se gastam. Havia no arsenal o suficiente para arnesar tantos homens a serviço do Senhor quanto há estrelas no céu.

{136} Cristão foi apresentado aos mecanismos usados em maravilhosas realizações. Mostraram-no o cajado de Moisés, o martelo e a estaca com que Jael matou a Sísara; o cântaro, as trombetas e lamparinas com que Gideão derrotou os exércitos de Midiã. Os olhos de Cristão contemplaram a queixada com a qual

Sansão derrubou seiscentos homens. Ali estavam a funda e a pedra usadas por Davi para derrotar o gigante Golias e a espada com a qual o Senhor encerrará os Homens de Pecado no dia em que se levantar. Cristão viu coisas mui excelentes naquele lugar e com elas se maravilhou. Feito isso, se retiraram outra vez para descansar.

{137} Em meu sonho vi que, no dia seguinte, Cristão se levantou para seguir viagem, mas a família solicitou que se alongasse com eles por um dia mais, dizendo que, se pudesse ficar, lhe mostrariam as Montanhas Deleitantes que trariam terno conforto ao seu coração, pois ficavam mais próximas do almejado refúgio do que o lugar onde estavam situados; assim, Cristão consentiu. No raiar do dia, levaram-no para a parte superior da casa e lhe pediram que olhasse para o sul; assim Cristão o fez. Contemplou de longe uma belíssima terra montanhosa, repleta de natureza, vinhedos, frutas de todos os tipos, flores, fontes e muitas outras belezas a se admirar. (Is 33.16,17) Cristão perguntou o nome da terra e responderam que se chamava "Terra de Emanuel"; comum, assim como a casa onde estavam, a todos os peregrinos. "Quando chegares lá, verás o portão da Cidade Celestial; os pastores que ali rodeiam o farão aparecer."

{138} Cristão decidira, enfim, seguir viagem, e foi encorajado a fazê-lo. Mas, primeiro, os habitantes do palácio pediram que o peregrino os acompanhasse outra vez até o arsenal. Ao voltarem para a sala, vestiram-no da cabeça aos pés com toda a armadura adequada, para que pudesse se defender caso fosse atacado. Feito isso, foi levado pelos novos amigos ao portão, onde Cristão perguntou a Vigilante se vira algum outro peregrino passar pelo caminho.

VIGILANTE: Sim, senhor.

{139} CRISTÃO: Por acaso o conhecias?

VIGILANTE: Perguntei por seu nome e me disse que se chamava

Fiel.

CRISTÃO: Oh, Fiel? Sei de quem se trata. É um de meus conterrâneos, vizinho próximo. Ele vem do lugar onde nasci. Quão adiante achas que pode estar agora?

VIGILANTE: A essa altura, acredito que já tenha alcançado a parte baixa da montanha.

CRISTÃO: Deus esteja contigo, bom Vigilante, e lhe acrescente milhares de bênçãos mais pela tua bondade para comigo.

{140} Cristão seguiu em frente na companhia de Discrição, Piedade, Caridade e Prudência, que decidiram fazer-lhe companhia até a parte baixa da montanha.

CRISTÃO: Tenho a impressão de que será tão perigoso descer a montanha quanto foi difícil subi-la.

PRUDÊNCIA: Sim, será. É uma tarefa difícil para um homem descer o Vale da Humilhação, onde estás prestes a chegar, sem escorregar. É por isso que viemos contigo.

Com muito cuidado desciam a montanha, e apesar de toda a cautela, Cristão escorregou por uma ou duas vezes.

{141} Então, vi em meu sonho que, ao chegarem ao sopé da montanha, os bons companheiros de Cristão entregaram a ele um pedaço de pão, uma garrafa de vinho e uma porção de uvas secas. Assim, continuou a caminhar.

No Vale da Humilhação, o pobre Cristão passou por maus momentos. Após caminhar poucos passos adiante, encontrou um terrível demônio vindo em sua direção, cujo nome era Apolião. O medo tomou conta de Cristão e nele gerou dúvida; questionava-se se deveria retornar ou permanecer firme onde estava. Considerou que suas costas não estavam protegidas pela armadura; portanto,

concluiu que não poderia virar as costas para o inimigo, pois isso daria a ele vantagem para atingi-lo com seus dardos.

Cristão aborda Apolião

Cristão arriscou permanecer firme onde estava, ponderando: “Se desejar viver, essa é a melhor atitude a ser tomada.”

{142} Quando Apolião aproximou-se de Cristão, pôde-se ver com clareza as suas formas: um monstro horrendo, coberto por escamas semelhantes às de um peixe (símbolo de seu orgulho); tinha asas como as de um dragão e patas de urso; de seu estômago saíam fogo e fumaça e sua boca se assemelhava à de um leão. Ao encontrar-se com Cristão, Apolião o fitou com desdém e começou a questioná-lo:

{143} APOLIÃO: De onde vens e para onde vais?

CRISTÃO: Venho da Cidade da Destruição, lugar onde habita muita maldade, e caminho para a Cidade de Sião.

APOLIÃO: Dizes, então, que eras um dos meus, pois toda aquela cidade pertence a mim; sou o príncipe, o deus de tudo aquilo. Como ousas fugir do teu rei? Se não julgasse útil que continues a prestar-me serviço, terminaria com tua vida agora mesmo com um único sopro.

{144} CRISTÃO: De fato nasci sob teus domínios, mas o trabalho era tão pesado e pagavas teus servos com tanta miséria que mal era possível viver, “pois o salário do pecado é a morte”. (Rm 6.23) Portanto, conforme amadureci em idade, fiz como qualquer pessoa sensata faria: procurei uma forma de remediar minha situação.

A tentativa de persuasão de Apolião

APOLIÃO: Príncipe algum abre mão de um súdito com tanta facilidade; também eu não perderei a ti tão cedo. Se o problema fora

o trabalho e o salário, conforme reclamaste, fique feliz em retornar à tua pátria; tudo o que se pode encontrar em meus domínios pertencerá a ti.

CRISTÃO: Mas sou agora servo de outro que é Rei até mesmo dos príncipes. Como poderia voltar a ti?

{145} APOLIÃO: Tu fizeste como diz o provérbio: "Trocaste o mal pelo pior"; mas é comum em meu trabalho receber de volta aqueles que se confessaram servos dele, pois depois de um tempo acabam por retornar a mim. Verás que o mesmo acontecerá contigo e, então, tudo ficará bem.

CRISTÃO: Dei a ele minha fé e jurei lealdade. Como poderia voltar atrás em minha palavra sem ser considerado um traidor?

APOLIÃO: Fizeste o mesmo para comigo; apesar disso, estou disposto a passar por cima de tudo se desejares retornar a mim.

{146} CRISTÃO: O que prometi a ti fora em minha minoridade, logo, não tem valia; além disso, espero que o Príncipe sob cuja bandeira agora marchou me absolva de tal promessa para contigo e me perdoe por tudo o que fiz para te agradar. E digo a ti, Apolião destruidor, a verdade sobre meu real senhor: gosto de servi-lo, gosto dos ganhos, dos servos que comigo trabalham, aprecio seu governo, sua companhia e sua terra muito mais que um dia apreciei o que a ti pertence ou o que de ti vem. Portanto, desista de tentar me persuadir; sou servo dele e persistirei em segui-lo.

{147} APOLIÃO: Considere bem enquanto conservas o sangue frio, e pense no que poderás encontrar no caminho que trilhas. Tu sabes que a maior parte dos seus servos têm um fim terrível por haverem infringido minhas leis e transgredido contra mim. Quantos deles não morreram de forma vergonhosa! Além disso, dizes que o trabalho dele é melhor que o meu, mas por que ainda não saiu do lugar onde habita para libertar seus servos? Quanto a mim, porém, o mundo inteiro é testemunha: por inúmeras vezes libertei aqueles que me servem fielmente, seja por poder ou astúcia, das mãos dele e dos seus, apesar de estarem sob seu comando; assim também libertarei a ti.

CRISTÃO: Ele se demora para libertar os seus a fim de provar o amor de seus servos e ver se permanecem fiéis a ele até o fim. E, acerca do fim terrível de seus servos, conforme disseste, estou certo de que fora para eles um fim de glória mui excelente. Pois não esperavam ser libertos dos males presentes e decerto sabiam aguardar pela glória vindoura, a qual receberão quando o seu Príncipe vier em sua Glória com os anjos.

APOLIÃO: Já o traíste no teu serviço. Como esperas receber algo dele?

CRISTÃO: Quando, Apolião, fui infiel ao meu senhor?

{148} APOLIÃO: Assim que saíste de casa, desfaleceste e quase te

afogaste no Pântano da Desconfiança. Tentaste trilhar caminhos alternativos para se livrar do fardo, quando deverias ter ficado com ele até que o teu Príncipe o retirasse das tuas costas. Além disso, tu te entregaste ao sono pecaminoso, perdendo o objeto de mais valor para ti. E mais: quase voltara para trás quando os leões te encheram de medo. Quando falas da jornada que tens percorrido, de tudo o que ouviste e viste, emerge em ti a vanglória.

CRISTÃO: Tudo o que dizes é verdade e ainda há muito mais que esqueces de mencionar. O Príncipe que sirvo e honro é misericordioso e perdoador. Ademais, estes males me dominaram quando ainda estava sob teus domínios, pois ali eu os tomei para mim; por eles lamentei, pedi perdão e alcancei a misericórdia do meu Príncipe.

{149} Apolião não pôde conter-se de raiva e disse:

APOLIÃO: Sou inimigo do teu Príncipe! Odeio sua pessoa, suas leis e seu povo. Vim firme no propósito de me contrapor à tua decisão.

CRISTÃO: Apolião, vê bem o que fazes. Estou na estrada do Rei, o caminho da santidade, é bom que tomes cuidado.

Ao ouvir o aviso de Cristão, Apolião estendeu-se a ocupar toda a largura do caminho e disse: "Não tenho medo. Prepara-te para morrer, pois eu juro pelo meu covil infernal que não te deixarei avançar neste caminho. Arrancarei de ti a tua alma!"

{150} Dizendo isso, lançou um dardo inflamado contra o peito de Cristão. Todavia, Cristão tinha no braço o escudo e bloqueou o ataque, escapando do golpe. Desembainhou a espada, pois viu que era hora de agir, enquanto Apolião lançava-lhe dardos tão espessos quanto granizo. Os esforços de Cristão não foram o suficiente para livrá-lo de ser acertado na cabeça, na mão e em um dos pés. Ferido, recuou alguns passos e Apolião continuou empenhado em tirar-lhe a vida; Cristão conseguiu recobrar as forças, tomou coragem e resistiu tanto quanto pôde. O doloroso combate durou cerca de metade de

um dia; Cristão estava já por um fio, cada vez mais enfraquecido por razão de suas feridas.

{151} Então, Apolião aproveitou a oportunidade e começou a aproximar-se dele, desferindo golpes corpo a corpo e causando-lhe uma terrível queda. A força do golpe fez a espada se soltar da mão de Cristão.

APOLIÃO: Agora estou certo de que és meu.

Cristão vira a morte se achar e começou a perder as esperanças, mas Deus quisera que, enquanto Apolião se preparava para dar seu último golpe e acabar com a vida do bom homem, Cristão rapidamente estendeu a mão e alcançou sua espada, tomando-a e dizendo: "Ó inimigo meu, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei". (Mq 7.8)

A vitória de Cristão sobre Apolião

E então desferiu contra ele um golpe fatal que o fez recuar, como quem é mortalmente ferido. Percebendo isso, Cristão ganhou novas forças e o atacou outra vez, dizendo: "Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou". (Rm 8.37) Com este último golpe, Apolião abriu suas asas de dragão e fugiu depressa, e Cristão não voltou a vê-lo. (Tg 4.7)

{152} Homem algum pode imaginar tamanho combate senão quem o testemunhara como eu; os gritos e terríveis rugidos de Apolião durante toda a luta, pois falava como um dragão, contrastando com os gemidos e suspiros de dor saídos do coração de Cristão. Durante a longa batalha, os olhos de Cristão só brilharam de alegria quando percebeu que havia ferido Apolião com sua espada de dois gumes; chegou a sorrir e voltar os olhos para o alto. Aquela fora a cena mais horrenda que já presenciei.

Onde poderia ser vista luta mais desigual?

Cristão enfrentou um anjo, isso é descomunal.

Fora valente, munido de Escudo e Espada;

Fez o terrível Dragão bater em retirada.

{153} Ao fim da batalha, Cristão disse: “Rendo graças àquele que me livrou da boca do leão; àquele que me deu auxílio para derrotar Apolião.” E prosseguiu:

“Grande Belzebu, capitão do inimigo

Planejaste minha ruína, colocaste-me em perigo

Teu demônio ardiloso enviaste para a luta

Criatura infernal, aguerrida a sua conduta.

Abençoado fui, porém, com a preciosa ajuda

Da força da espada que o fez recorrer à fuga.

Rendo graças àquele que é autor de todo o bem,

Bendito o seu santo nome para todo o sempre, amém.”

{154} Então, uma mão misteriosa deu a ele uma porção de folhas da árvore da vida, as quais Cristão tomou e aplicou nas feridas que lhe foram feitas durante a batalha, recebendo a cura imediata. Sentou-se para se alimentar de pão e beber da garrafa que lhe haviam dado pouco tempo antes. Renovadas as forças, prosseguiu em sua jornada com a espada na mão, pois pensava: “Devo estar preparado para encontrar outro inimigo”. Afronta alguma, porém, voltara a receber naquele trecho do caminho.

{155} Passado o Vale da Humilhação, Cristão adentrou o Vale da Sombra da Morte e precisou passar por ele, pois era a estrada que o conduziria à Cidade Celestial. Lugar solitário era aquele. O profeta Jeremias o descreveu como: “uma terra de ermos e de covas, uma terra de sequidão e sombra de morte, uma terra em que ninguém transitava (a não ser Cristão) e na qual não morava homem algum.” (Jr 2.6)

Nessa terra, Cristão se viu em mais dificuldade do que quando lutava contra Apolião.

{156} Quando chegou à fronteira da Sombra da Morte, encontrou dois homens, filhos daqueles que trouxeram más notícias sobre a boa terra (Nm 13), dizendo a ele que se apressasse em voltar, a quem Cristão respondeu:

{157} CRISTÃO: Para onde ireis?

HOMENS: Para trás, para trás! E aconselhamos que faças o mesmo se prezas pela tua vida e paz.

CRISTÃO: Por quê? Qual o problema?

HOMENS: Qual o problema? Caminhávamos na mesma direção para a qual tu vais e fomos tão longe quanto pudemos ir. Mas nem sabemos como conseguimos voltar, pois se íamos um pouco mais adiante, não estaríamos aqui para lhe dar as notícias.

CRISTÃO: Mas o que encontrastes?

{158} HOMENS: O que encontramos? Encontramos o próprio Vale, tão escuro quanto um abismo! Vimos também duendes, sátiros e dragões das profundezas; ouvimos uivos e gritos contínuos naquele lugar, como que de um povo em miséria indizível, preso ali por correntes, sofrendo interminavelmente. Pairam sobre o vale nuvens desanimadoras de confusão e a morte também o sobrevoa. Em suma, é terrível em cada canto e completamente desordenado. (Jó 3.5; 10.22)

CRISTÃO: Nada entendo de vossas palavras senão que este é exatamente o caminho para o almejado refúgio. (Jr 2.6)

HOMENS: Se queres ir, vá! Esse caminho não é para nós.

Partiram os homens e Cristão prosseguiu, segurando ainda a espada por medo de ser atacado.

{159} Continuei a ver em meu sonho até onde se estendia o vale.

Havia na parte direita da estrada uma vala muito profunda, na qual alguns cegos têm guiado outros cegos há eras, perecendo todos. (Sl 69.14,15) À esquerda havia lameiro, onde mesmo um homem bom pode cair e não mais encontrar solo firme onde pisar os pés. Foi nesse lameiro que caíra uma vez o rei Davi, e decerto teria se afogado, não fosse pela mão daquele que o resgatou.

{160} O caminho tornara-se ainda mais estreito, por isso o bom Cristão teve maior dificuldade, pois quando conseguia enxergar a vala em meio à escuridão e tentava evitá-la, era quase que sugado pela lama do outro lado. Quando, porém, buscava escapar do lameiro, precisava ser cuidadoso ao extremo para não cair de pronto na vala. Assim seguiu Cristão, suspirando amargamente, pois além dos perigos da estrada, o caminho era demasiado escuro; por vezes, quando retirava um pé do solo para movê-lo adiante, não sabia onde haveria de pisar a seguir.

Pobre homem! O dia se fez noite em tua estrada.

Não desanimes, bom homem, tua viagem é acertada.

O caminho ao céu passa pelos portões do inferno;

Anima-te, sê firme, o fim ser-lhe-á terno.

{161} Mais ou menos na metade do vale, vi abrir-se a boca do inferno, perto da estrada, e Cristão se perguntava o que haveria de fazer. Vez ou outra, chamas e fumaça saíam do abismo em abundância, acompanhadas de faíscas e sons terríveis que não temiam a espada de Cristão como Apolião, a ponto de forçá-lo a embainhá-la e recorrer a outra arma: a oração. (Ef 6.18) Ele clamou, dizendo: "Ó Senhor, te invoco, livra a minha alma!" (Sl 116.4) E continuou a clamar por um longo período, às vezes lutando contra as chamas que persistiam em envolvê-lo. Ouvia vozes de lamento, correndo de um lado para o outro, fazendo-o pensar que seria despedaçado ali mesmo, ou pisoteado como a lama sob seus pés. Cristão presenciou terríveis cenas e ouviu barulhos atemorizantes

por muitas e muitas milhas, até que chegou a um lugar onde pensou ter ouvido uma legião de demônios vindo em sua direção. Ele parou e pôs-se a pensar

em uma saída para a situação. Às vezes, passava rapidamente por sua cabeça a ideia de voltar para trás; então, concluía que já devia estar na metade do vale. Lembrava-se dos tantos perigos que houvera superado até ali, e que o perigo de voltar poderia ser maior do que o de prosseguir; decidia sempre ir adiante. Os demônios pareciam se aproximar cada vez mais, mas quando chegaram a quase

alcançá-lo, Cristão clamou com veemência: “Andarei na força do Senhor Deus!” e recuaram para não mais avançar.

{162} Uma coisa não pude deixar de notar. Percebi que o pobre Cristão estava tão confuso que não reconhecia a própria voz. Quando estava prestes a sobrepujar a boca do abismo ardente, abordou-lhe por trás um dos seres malignos, achegando-se a ele devagar e suspirando blasfêmias severas em seu ouvido, as quais Cristão chegou a acreditar que fossem seus próprios pensamentos. Isso lhe abalou as estruturas como nada antes; pensar que agora blasfemava contra aquele a quem tanto amou. No entanto, se pudesse ter evitado, não o teria feito. Mas não podia distinguir onde acabavam seus próprios pensamentos e começavam as vozes ao seu redor, não reconhecia de onde vinham tantas blasfêmias.

{163} Após um longo tempo passando por desconsolada condição, Cristão pensou ter ouvido a voz de um homem, como que adiante dele, dizendo: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo.” (Sl 23.4)

{164} E então se alegrou.

Primeiro, porque considerou estar na companhia de alguém que temesse a Deus como ele naquele vale.

Depois, porque se apercebeu que Deus estava com aquele alguém

naquele estado sombrio e tenebroso em que se encontravam; por que, então, não estaria também com ele, embora, por razão dos obstáculos que o sobrevinham naquele lugar terrível, não conseguisse se atentar à sua presença? (Jó 9.11)

E, finalmente, porque tinha a esperança de gozar da companhia daquele cuja voz ouvira.

Cristão seguiu em frente e chamou por aquele que andava adiante, mas este não sabia o que responder, pois também pensava estar sozinho. Pouco a pouco o dia clareava, e Cristão dizia: “a densa treva torna-se em manhã”. (Am 5.8)

{165} Era já manhã quando olhou para trás, não como quem quisesse retornar, mas para ver que perigos havia ele ultrapassado na escuridão. Viu com mais clareza a vala que estava à direita e o lameiro à esquerda. Viu também quão estreita era a passagem entre ambos e notou que os duendes, sátiros e dragões do abismo estavam já longe (porque após o raiar do dia, não ousavam chegar perto). Todas essas coisas se manifestaram a ele, conforme o que está escrito: “Das trevas manifesta coisas profundas e traz à luz a densa escuridade”. (Jó 12.22)

{166} Cristão ficara grandemente impactado com o livramento de tantos perigos em seu caminho solitário, os quais antes temera sobremaneira e agora enxergava com clareza, pois a luz do dia os tornava conspícuos. A essa altura, o sol começava a raiar; outro evento misericordioso para o coração cansado de Cristão. Se a primeira parte do Vale da Sombra da Morte fora perigosa, a segunda que estava por vir haveria de ser ainda mais, se é que existe tal possibilidade. O caminho do lugar onde agora estava situado até o final do vale era tão repleto de armadilhas, emboscadas e laços, tão cheio de abismos, obstáculos, barrancos e valas que se fosse ainda noite como fora na primeira parte, Cristão seria inevitavelmente destruído, ainda que tivesse mil vidas. Porém, como disse, o sol havia se levantado. E disse Cristão: “Quando fazia resplandecer a

sua lâmpada sobre a minha cabeça, quando eu, guiado por sua luz, caminhava pelas trevas.” (Jó 29.3)

{167} À luz do dia, portanto, chegou ao fim do vale. E, em meu sonho, vi que ao final do caminho havia sangue, ossos, cinzas e corpos esmagados de homens, talvez peregrinos que por ali passaram no passado. Enquanto ponderava a razão de tais destroços estarem ali, avistei uma caverna poucos passos adiante de mim, onde há tempos habitaram dois gigantes: Papa e Pagão, cujo poder e tirania foram a causa da morte dos homens cujos ossos e cinzas ali estavam. Por este lugar Cristão passou sem sofrer dano algum, situação que cheguei a questionar; mas depois soube que Pagão fora morto há muitos anos, enquanto o outro, embora ainda vivo, estava já vetusto e sofria as consequências dos astutos golpes que sofrera na juventude, de forma que nada podia fazer além de estar à porta da caverna, zombando dos peregrinos que passavam e se enfurecendo por não ser capaz de alcançá-los.

{168} Cristão continuou a caminhada. Ao deparar-se com a visão do ancião sentado à entrada da caverna, não sabia o que pensar, especialmente porque, embora não pudesse alcançar o peregrino, disse a ele: “Não haverá emenda até que muitos outros de vós sejais queimados.” Cristão, porém, manteve-se em silêncio e passou ileso pelo gigante, cantando:

“Ó mundo de maravilhas, assim o vejo,

Pois minha vida foi poupada apesar de tamanho ensejo.

Bendita seja a mão que me livrou do perigo,

Das veredas escuras, de toda espécie de inimigo.

Demônios e o próprio inferno encontrei nessa estrada,

Armadilhas, abismos, em cada canto uma cilada.

Dependesse do caminho, estaria arruinado,

Mas se vivo estou agora, seja Jesus coroado!”

{169} Ao seguir em frente, Cristão deparou-se com uma pequena elevação, posta ali para que, sobre ela, os peregrinos pudessem observar o que virá adiante. Ao olhar para o horizonte de cima da elevação, Cristão avistou Fiel em sua jornada, e bradou: “Ei! Ei! Aguarde um instante e caminharemos juntos!” Fiel olhou para trás, enquanto Cristão bradava outra vez: “Espere, espere que te alcance!” Mas Fiel respondeu: “Não posso, minha vida está em risco e vem aí o vingador.”

{170} Cristão se entristeceu com a resposta, mas correu com todo o seu vigor e logo alcançou Fiel, chegando a ultrapassá-lo, de forma que o último era agora o primeiro. Cristão sorriu, vangloriando-se por passar à frente do irmão, mas, sem prestar atenção por onde pisava, tropeçou e caiu; não era capaz de levantar-se sozinho; teve de esperar até que Fiel lhe prestasse ajuda.

A queda de Cristão proporciona sua caminhada com Fiel

Vi em meu sonho que Fiel e Cristão caminhavam em harmonia, conversando alegremente sobre tudo o que haviam passado na peregrinação.

{171} CRISTÃO: Querido e honrado irmão Fiel, como estou feliz por tê-lo alcançado! Graças a Deus que proveu ao nosso espírito a bênção de andarmos na companhia um do outro neste bom caminho.

FIEL: Tinha a intenção de vir contigo desde a nossa terra, mas tu te adiantaste e fui forçado a vir sozinho.

CRISTÃO: Quanto tempo demoraste para sair da Cidade da Destruição após minha partida?

FIEL: Fiquei até não conseguir mais. Fora grande o tumulto assim que tu partiste, pois muito se falava sobre a destruição iminente da cidade com fogo do céu.

CRISTÃO: Como? Teus vizinhos falavam disso?

FIEL: Sim! Por um tempo, todos falavam disso.

CRISTÃO: Como? E mais nenhum deles além de ti quis escapar do perigo?

FIEL: Embora todos falassem no assunto, não penso que acreditavam, de fato, que a destruição aconteceria. Pois, no calor da discussão, ouvi alguns deles zombarem de ti e da tua jornada desesperada – assim chamavam tua peregrinação –, mas eu dei crédito a cada palavra e, até agora, ainda acredito que nossa cidade em breve estará submersa em fogo e enxofre. Por isso, saí em fuga.

{172} CRISTÃO: Tiveste notícia do vizinho Flexível?

FIEL: Sim, Cristão, ouvi que te seguiu até o Pântano da Desconfiança, onde, conforme alguns diziam, acabou por cair. Ele não revelara o que lhe sucedeu, mas não podia esconder a lama que o cobria quando retornou.

CRISTÃO: E o que disseram os vizinhos quando o viram?

FIEL: Desde que voltou, Flexível tem sido alvo de chacota entre as gentes. Alguns o desprezam e zombam dele, a ponto de quase não encontrar quem lhe dê trabalho. Está agora sete vezes pior do que estaria se nunca tivesse deixado a cidade.

CRISTÃO: Mas por que se viraram contra ele com tanta intensidade, se desprezam o caminho que ele abandonou?

FIEL: Chamam-lhe traidor e dizem que não fora leal à sua palavra. Penso que Deus incitou seus inimigos para escarnecerem dele por

ter abandonado o caminho. (Jr 29.18,19)

CRISTÃO: Falaste com ele antes de partir?

FIEL: O encontrei uma vez na rua, mas desviou o olhar para o outro lado, creio que por vergonha do que fizera; por isso, não nos falamos.

{173} CRISTÃO: Quando parti, tinha esperanças naquele homem, mas agora temo que pereça nas ruínas da cidade. Pois aconteceu com ele conforme diz o provérbio: "Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal." (2Pe 2.22)

FIEL: Tenho o mesmo receio. Mas quem poderá impedi-lo de ter esse terrível fim?

CRISTÃO: Bom, vizinho Fiel, deixemos de falar nele e nos concentremos nos assuntos que nos dizem respeito. Diga-me, com que te deparaste no caminho? Suponho que tenhas histórias dignas de serem ouvidas.

{174} FIEL: Escapei do Pântano no qual ouvi que caíste e subi à porta sem expor-me a esses perigos. Mas encontrei uma moça cujo nome era Libertina, que quase causou-me dano.

CRISTÃO: Fico contente por teres escapado de sua teia; José também esteve em dificuldade com ela e escapou como tu; no entanto, grande risco correu sua vida. (Gn 39.11-13) Mas o que ela fizera contra ti?

FIEL: Não imaginas, só quem a encontrara é que pode dizer quão lisonjeira é sua língua. Convidou-me a me desviar com ela e me prometera toda a sorte de prazeres.

CRISTÃO: Mas não te prometera o prazer da consciência tranquila.

FIEL: Sabes a que prazeres me refiro; os carnavais.

CRISTÃO: Graças a Deus escapaste dela: "Aquele contra quem o Senhor se irar cairá em sua teia". (Pv 22.14)

FIEL: Na verdade, não sei ao certo se escapei completamente dela.

CRISTÃO: Não consentiste com os desejos dela, certo?

FIEL: Não, não quis me contaminar, pois me lembrei de um escrito antigo que li há algum tempo, dizendo: "Os seus passos conduzem-na ao inferno." (Pv 5.5) Fechei os olhos para não ser enfeitiçado por seu olhar. (Jó 31.1) Ela muito me injuriou e, então, segui meu caminho.

CRISTÃO: Não foste atacado mais nenhuma vez no caminho para cá?

{175} FIEL: Quando cheguei ao sopé da montanha Dificuldade, deparei-me com um ancião que me perguntou quem eu era e de onde vinha. Disse a ele que era um peregrino a caminho da Cidade Celestial. E ele me respondeu: "Tu pareces ser um rapaz honesto; ficarias contente em morar em minha casa e me servir a preço de um bom salário?" Então, perguntei-lhe o nome e onde morava. Ele se chamava Adão Primeiro e morava na Cidade do Engano. (Ef 4.22) Perguntei-lhe qual trabalho haveria de realizar e qual seria a paga. Segundo ele, o trabalho seria muito prazeroso, enquanto o salário se tratava da herança por ele deixada. Questionei acerca do sustento de sua casa e quem eram seus servos, ao que ele respondeu ser uma casa mantida com todo o requinte do mundo, e os servos produzidos por ele próprio. Procurei saber se tinha filhos. "Tenho três filhas: Concupiscência da Carne, Concupiscência dos Olhos e Soberba da Vida; poderás tomá-las em casamento, se quiseres", (1 Jo 2.16) disse ele. Perguntei-lhe por quanto tempo me manteria em sua casa; ele disse que eu poderia ficar enquanto ele vivesse.

CRISTÃO: E qual fora o desfecho da conversa entre vocês?

FIEL: Primeiro, senti-me inclinado a acompanhar o ancião, pois julguei ser verdade o que dizia. No entanto, ao olhar para a sua frente enquanto conversávamos, notei que estava escrito: “Despojai-vos do velho homem com todas as suas obras.”

CRISTÃO: E então?

{176} FIEL: Então, tudo o que ele dizia a partir deste momento, não importa o quão lisonjeiro fosse, fazia queimar em minha mente o pensamento de que, assim que chegássemos em sua casa, me venderia como escravo. Por isso, pedi que parasse de falar, pois não chegaria nem mesmo a passar perto da porta de sua casa. Ele me dirigiu muitas injúrias e disse que mandaria seguir-me alguém que faria minha alma amargurar-se no caminho. Depois disso, virei-lhe as costas para me afastar dele, mas assim que me preparei para dar o primeiro passo, sentia que me segurava e arrancava uma parte de mim mesmo, ao que exclamei: “Desventurado homem que sou!” (Rm 7.4) E continuei minha caminhada montanha acima. Quando cheguei na metade da subida, olhei para trás e vi que alguém me seguia, célere como o vento, e me alcançou ao chegar próximo do lugar de descanso.

CRISTÃO: Foi lá que me sentei para descansar, mas fui tomado por um sono profundo e deixei cair meu rolo.

{177} FIEL: Mas ouça-me, irmão. Assim que o homem me alcançou, bastou uma palavra e um sopro para me derrubar e quase matar-me. Quando voltei a mim, perguntei por que motivo me atormentava. “Por causa da tua inclinação secreta a Adão Primeiro”, disse ele. Com essas palavras, desferiu contra mim outro golpe brutal no peito e me deixou caído aos seus pés, tão inconsciente quanto antes. Quando, outra vez, voltei a mim, pedi-lhe misericórdia, mas ele respondeu: “Não conheço misericórdia”, e continuou a me bater. Sem dúvida, teria acabado com minha vida se não fosse por um outro que passava pelo caminho e ordenou que parasse.

CRISTÃO: E quem era este?

FIEL: Não o reconheci a princípio, mas, conforme passou por mim, notei as feridas em suas mãos e no lado, então concluí que era o nosso Senhor. Assim, persisti em subir a montanha.

{178} CRISTÃO: O homem que te seguira era Moisés. Ele não poupa a um sequer e não sabe agir de misericórdia para com aqueles que transgridem a sua lei.

FIEL: Sei muito bem. Não fora essa a primeira vez que viera ao meu encontro. Tinha antes vindo a mim enquanto eu habitava em segurança, dizendo que queimaria minha casa se nela permanecesse.

CRISTÃO: E não viste uma casa que fica no cume da montanha, ao lado do lugar onde Moisés te encontrou?

FIEL: Sim, também os leões antes da entrada. Mas, quanto a eles, acredito que dormiam, pois era quase meio-dia. Como havia ainda muitas horas de sol pela frente, passei pelo porteiro e desci a montanha.

CRISTÃO: De fato, Vigilante me dissera que havia te visto passar. Quem dera tu tivesses ficado na casa; terias visto muitas raridades das quais dificilmente se esqueceria até o dia de tua morte. Mas, diga-me, encontraste alguém no Vale da Humilhação?

{179} FIEL: Sim, encontrei com Descontentamento, muito disposto a me convencer a voltar junto com ele. Alegava que aquele vale estava completamente desonrado. Disse, ainda, que aquele caminho ofenderia meus amigos Orgulho, Arrogância, Presunção, Vanglória e alguns outros se eu fosse tolo o bastante a ponto de caminhar por aquele vale.

CRISTÃO: E que resposta deste?

{180} *A resposta de Fiel a Descontentamento*

FIEL: Disse a ele que, embora todos aqueles cujos nomes havia citado alegassem ser próximos a mim – e de fato eram parentes meus pela carne –, desde quando me tornei peregrino, passaram a me repudiar, assim como eu também os rejeitei. Portanto, sentia como se nunca tivessem sido parte da minha linhagem. Disse também que, quanto ao vale, ele havia desvirtuado seu significado; a humilhação precede a honra, e um espírito soberbo precede a queda. Por essa razão, preferia passar por aquele vale a fim de alcançar a honra segundo os sábios do que escolher aquela estimada pelas nossas paixões.

CRISTÃO: Encontrei com mais alguém no vale?

{181} FIEL: Se encontrei alguém? Sim, esbarrei com Vergonha. Mas considerando todos os outros que encontrei no caminho, acredito que este carregue o nome errado. Os anteriores cediam após alguma argumentação, mas Vergonha era audacioso e nunca cessava sua fala.

CRISTÃO: O que disse ele a ti?

FIEL: O que disse? Ora, fez objeções até contra a religião. Afirmou ser patético e limitado um homem ocupar-se com a religião; que a honradez da consciência era uma fraqueza; que a coisa mais ridícula de todos os tempos é um homem que se atenta demais ao que diz e faz, amarrando-se àquela liberdade ativa a que os espíritos corajosos de hoje se habituaram. Também objetou que poucos dos poderosos, ricos e sábios compartilhavam de minha opinião (1 Co 1.26; 3.18; Fp 3.7,8), e não o fizeram antes de serem persuadidos a tornarem-se tolos (Jo 7.48) e convencerem-se ser necessário arriscar perder tudo por sabe-se lá o quê. Continuou suas objeções falando acerca da condição baixa e servil dos peregrinos de nossos tempos, sua ignorância e falta de conhecimento quanto à ciência natural. Palestrou por horas a fio sobre isso e muitos outros assuntos

semelhantes, tais como o quão vergonhoso era chorar e gemer ao ouvir um sermão e voltar para casa com os olhos inchados, assim como pedir perdão ao próximo por faltas leves, ou restituir algo que subtraiu de alguém. Dizia que a religião faz os homens se afastarem dos poderosos por causa de alguns poucos vícios, os quais chamava por nomes muito mais leves, e os faz reconhecer homens inferiores como irmãos por causa da fraternidade religiosa. “Não é uma vergonha?”, dizia ele.

{182} CRISTÃO: E o que tu disseste a ele?

FIEL: O que disse? Na verdade, não sabia bem como responder a princípio. Suas palavras afetaram-me tanto que senti meu sangue esquentar e tomar conta de toda a minha face; Vergonha mesmo me tomou o rosto e quase me venceu. Mas, então, comecei a considerar que “aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus”. (Lc 16.15) Pensei comigo que Vergonha me falava sobre o que são os homens, mas nada me dizia sobre o que Deus e Sua Palavra são; no dia do julgamento, não seremos destinados à vida ou à morte eterna segundo os espíritos arrogantes deste mundo, mas segundo a sabedoria e lei do Altíssimo. Portanto, os conselhos de Deus são infinitamente superiores, ainda que todos os homens na terra sejam contrários a eles. Percebo que Deus é favorável à sua religião, a uma consciência tranquila, e aqueles que se fazem tolos por amor ao reino dos céus são os mais sábios; o homem pobre que ama a Cristo é mais rico que o maior dos homens a odiá-lo. Disse a Vergonha: “Afasta-te de mim, pois és inimigo da minha salvação! Deveria eu dar-te atenção em detrimento do meu soberano Senhor? Como haveria eu de contemplar sua face em sua vinda? Se eu agora me envergonhasse de suas leis e de seus servos, como poderia esperar ser abençoado?” (Mc 8.38) Todavia, Vergonha era um vilão insistente; mal conseguia me livrar de sua companhia, pois me perseguia e sussurrava em meu ouvido continuamente as infirmezias em que caem os que se conectam à religião. Mas acabei por dizer a ele que seu trabalho e esforço eram inúteis, pois as coisas que ele desdenhava eram, para mim, as mais gloriosas. Assim

consegui ultrapassar o importunador. E, quando o fiz, segui cantando:

Os homens obedientes ao chamado celeste

São sempre submetidos a toda sorte de testes;

Diversos, inúmeros, à carne interessam,

Uma e outra vez, não acabam, não cessam.

Nos cercam vez e sempre e é possível que sejamos

Derrotados, rejeitados, tomados pelos enganos.

Ó peregrinos, peregrinos no caminho do Senhor,

Vigiai, sede aprovados, contra o mal lutai sem temor.

{183} CRISTÃO: Muito me alegra, irmão, que tenhas suportado esse mal com tanta coragem. Como disseste, acredito que o homem do qual falava carregue um nome inadequado para sua personalidade; é tão audacioso a ponto de nos seguir pelas ruas, tentando nos fazer ficar envergonhados do que é bom. No entanto, não fosse ele audacioso assim, não haveria de fazer o que faz. Resistamos-lhe apesar de todas as suas bravatas; tenha ele sucesso somente com os tolos e ninguém mais. "Os sábios herdarão honra, mas os loucos tomam sobre si a ignomínia". (Pv 3.35)

FIEL: Penso que devemos clamar por auxílio Àquele que deseja de nós bravura para com a verdade na terra, e que nos proteja de Vergonha.

CRISTÃO: Dizes bem. Mas não encontraste mais ninguém no vale?

FIEL: Não, não encontrei. A luz do sol brilhou durante o resto do meu caminho pelo vale, assim como no Vale da Sombra e da Morte.

{184} CRISTÃO: Foste feliz, então. Decerto não sucedera o mesmo em meu caso. Passei por um longo e funesto combate contra um terrível demônio chamado Apolião, logo que adentrei o vale. Cheguei a ter certeza de que me tiraria a vida, especialmente quando me derrubou e me esmagou com seu peso, como se desejasse me ver aos pedaços. Quando me lançou para longe, minha espada caiu-me da mão; nesse momento, ele me disse: "Agora estou certo de que és meu!" Mas eu clamei a Deus, Ele ouviu minha oração e livrou-me de todas as minhas aflições. Então, adentrei o Vale da Sombra e da Morte e não houve luz por cerca de metade do caminho. Por diversas vezes pensei que seria morto ali, até que o dia enfim chegou, iluminado pelo sol. Assim, fui capaz de prosseguir em meio aos perigos anteriores com muito mais facilidade e sossego.

{185} Vi ainda em meu sonho que ao avançarem, Fiel olhou para o lado e viu um homem cujo nome era Falastrão a andar ao lado; no entanto, estava distante deles, pois havia espaço suficiente no caminho para todos. Era um homem alto, cuja feição era mais agradável de longe do que de perto. Fiel se dirigiu a ele, dizendo:

FIEL: Amigo, para onde caminhas? Vais para o país celestial?

FALASTRÃO: É para lá que vou, sim.

FIEL: Ora, que boa notícia! Espero que possamos ter o prazer de tua companhia.

FALASTRÃO: Sim, com mui boa vontade vos farei companhia.

{186} FIEL: Achega-te a nós, caminhemos juntos e gastemos o tempo de estrada conversando sobre o que nos possa edificar.

O desgosto de Falastrão pelas conversas fúteis

FALASTRÃO: Muito me agrada a boa conversa, seja convosco ou com quaisquer outras pessoas. Bom é encontrar quem se incline a tão benéfico exercício, pois, honestamente, pouquíssimos se dedicam a fazer bom proveito do tempo de viagem; preferem conversar sobre frivolidades, o que muito me incomoda.

FIEL: É, de fato, algo a se lamentar. O que poderia ser mais digno de menção e aprofundamento entre os homens que os assuntos de Deus e dos céus?

FALASTRÃO: Gosto imensamente de ti, pois és convicto do que dizes. Acrescento ainda: qual assunto poderia ser mais prazeroso e edificante do que as questões relacionadas a Deus? O que poderia ser mais agradável? Digo... Para alguém que encontre deleite em maravilhas. Por exemplo, se a um homem agrada conversar acerca da história e dos enigmas da vida, ou dos milagres, perplexidades e sinais, onde mais poderia encontrar registros tão fantásticos, escritos com tamanha delicadeza, senão nas Santas Escrituras?

{187} FIEL: É verdade. Mas devemos sempre ser edificados pelas nossas conversas.

O discurso refinado de Falastrão

FALASTRÃO: Sim, concordo. Falar de tais coisas traz muito mais benefício; ao fazê-lo, um homem é capaz de acumular conhecimento acerca de muitos assuntos, tanto relacionados à vaidade das coisas terrenas como ao proveito das celestiais. Isto em geral; falando mais particularmente, é possível compreender a necessidade do novo nascimento, a insuficiência das nossas obras, nossa dependência da

justiça de Cristo, entre outras coisas. Além disso, é possível ainda aprender, por meio de conversas, do que devemos nos arrepender, no que devemos acreditar, para que devemos orar, os motivos pelos quais devemos sofrer e do que devemos gostar. Por meio delas, é possível descobrir as grandes promessas e consolações do evangelho para o próprio conforto do homem. Além do mais, uma conversa pode trazer ensinamentos acerca de como refutar opiniões falsas, vindicando a verdade e instruindo o ignorante.

FIEL: Alegro-me muito em ouvir tantas verdades de ti.

FALASTRÃO: Infelizmente, a falta desse conhecimento é a causa pela qual tão poucos compreendem a necessidade da fé e da obra da graça na alma a fim de obter a vida eterna; ignorantes, vivem na dependência das obras da lei, que de forma alguma possibilita a chegada ao reino dos céus.

{188} FIEL: Mas, permita-me dizer, o conhecimento celestial de tais coisas é dom de Deus; homem algum pode alcançá-lo com esforços humanos ou apenas ao conversar sobre ele.

FALASTRÃO: Sei de tudo isso muito bem. Um homem não recebe nada que não seja dado pelos Céus; tudo é pela graça, não pelas obras. Poderia dar-lhe centenas de passagens bíblicas para endossar o que digo.

FIEL: Bom, então, sobre o que devemos conversar agora?

FALASTRÃO: Sobre o que quiseres. Podemos falar acerca de coisas terrenas ou celestiais, tanto das morais como das evangélicas, das sagradas e das profanas, das passadas e das vindouras, das estrangeiras e das do país, das essenciais e das circunstanciais. Falarei sobre qualquer uma delas, desde que possam nos edificar.

{189} Fiel começara a pensar consigo mesmo e, aproximando-se de Cristão (pois andava por todo esse tempo isolado dos outros dois), disse-lhe com voz baixa: "Que excelente companheiro

encontramos! Certamente é um peregrino formidável.”

Cristão sorriu com modéstia e disse: “Esse homem que tanto lhe agrada enganará com sua língua vinte e tantos homens que não o conhecem.

FIEL: Tu o conheces?

{190} CRISTÃO: Se o conheço? O conheço muito mais do que ele próprio.

FIEL: Ora, quem é ele?

CRISTÃO: Chama-se Falastrão, mora em nossa cidade. Surpreende--me que não o conheças.

FIEL: Quem é seu pai? Em que redondezas habita?

CRISTÃO: É filho de um Bem-Falante e morava na rua da Boa-Prosa. Apesar de seu discurso refinado, é apenas um infeliz sujeito.

{191} FIEL: Pois parece ser um homem muito direito.

CRISTÃO: Sim, claro, para aqueles que não tem familiaridade alguma com ele. Parece melhor longe de casa, quando está perto é bastante feio. Tua opinião sobre ele dizendo-me que é um homem direito faz-me lembrar das obras de pintura; de longe são belíssimas, mas quando se chega bem perto, tornam-se mais desagradáveis.

{192} FIEL: Estou pronto a presumir que estás apenas brincando por causa desse sorriso em teu rosto.

CRISTÃO: Livre-me Deus de brincar com tal assunto (embora tenha sorrido), ou de acusar alguém falsamente! Darei mais detalhes de sua pessoa. Esse homem acompanha qualquer pessoa e conversa sobre qualquer assunto; o que lhe disse há pouco, dirá também quando parar numa taverna. Quanto mais bebida lhe sobe à cabeça,

mais dessas palavras lhe saem da boca. A religião verdadeira não habita em seu coração, em sua casa, ou em suas atitudes. Tudo o que tem, reside em sua língua; sua religião consiste em dizer que a possui.

{193} FIEL: Não diga! Se é assim, devo dizer que fui tremendamente enganado por esse homem.

CRISTÃO: Enganado! Disseste bem. "Porque dizem e não fazem". (Mt 23.3) E "o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder". (1 Co 4.20) Ele fala de oração, de arrependimento, da fé e do novo nascimento, mas deles sabe somente falar. Estive em sua casa e pude observar seu comportamento tanto em casa como longe dela; sei que são verdadeiras minhas palavras sobre ele. Sua casa é tão desprovida de religião quanto a clara de um ovo é desprovida de sabor. Ali não há oração nem sequer sinal de arrependimento pelos pecados. Os irracionais, a seu modo, servem melhor a Deus do que ele. É a própria mancha, o opróbrio, a vergonha da religião para todos que o conhecem. É difícil ouvir uma única palavra boa sobre o sujeito nos arredores de sua cidade. (Rm 2.24,25) É comum ouvi-los dizer que "é um santo de longe, mas um demônio em casa". Sua pobre família também concorda, pois o vê sendo sempre irado, insensato e rude para com eles e os servos que nunca sabem como agradá-lo ou falar-lhe algo. Os homens que com ele fecharam algum acordo dizem que é melhor negociar com um turco do que com ele, pois certamente serão mais justos e honestos. Falastrão aproveitará cada oportunidade de passar por cima, defraudar, seduzir e sobrepujar quem com ele ousar acordar algo. Além disso, conduziu seus filhos no mesmo caminho e, se por um acaso encontra neles o menor sinal de temor tolo (pois assim chama o primeiro sinal de sensibilidade da consciência), os insulta dizendo serem néscios e estúpidos, e de forma alguma os empregará ou os recomendará a outros. De minha parte, acredito que sua conduta perversa tenha já sido causa de tropeço e queda para muitos; e continuará a ser, se Deus não impedir, a ruína de muitos outros.

{194} FIEL: Acredito em ti, meu irmão. Não somente por dizeres que o conheces, mas também porque, como Cristão, deves dar testemunho verdadeiro dos homens. Não creio que dizes assim por má vontade ou maldade, mas porque essa é a verdade.

CRISTÃO: Se eu não o conhecesse mais que tu, teria, talvez, tido a mesma impressão que tiveste ao conversar com ele. E, se tais palavras me tivessem sido ditas por inimigos da religião, as teria tomado por calúnia, como aquelas que não raro saem da boca de homens perversos acerca do nome e da conduta de bons homens. No entanto, todas essas coisas e muitas outras piores vi com meus próprios olhos; posso prová-lo culpado delas. Além disso, homens decentes se envergonham dele, não podem sequer chamá-lo irmão ou amigo, pois até mesmo a menção de seu nome entre eles os faz corar caso o conheçam.

{195} FIEL: Vejo que o falar e o proceder são duas coisas diferentes; daqui em diante, terei de distingui-las com mais sabedoria.

CRISTÃO: De fato, são duas coisas tão distintas como são o corpo e a alma, pois assim como o corpo sem a alma nada é além de uma carcaça sem vida, sozinha a religião também o é. A alma da religião é a prática: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo." (Tg 1.27; ver vv. 22-26) Falastrão não está ciente disso; pensa que ouvir e falar o fará um bom cristão, e assim engana a própria alma. O ouvir é somente o semear da semente, e o falar não é suficiente para provar que o fruto foi gerado no coração e na vida. Devemos nos lembrar de que no dia do julgamento os homens serão julgados de acordo com seus frutos. (Mt 13.25) Não lhes será questionado: "Tu acreditaste?", mas "Foste um praticante ou um falastrão apenas?", e assim serão julgados. O fim dos tempos é comparado à nossa colheita; sabes bem que nada mais importa aos ceifeiros senão o fruto. Não digo que coisa alguma poderá ser aceita se não proveniente da fé, mas

digo isso para mostrar-lhe o quão insignificante o discurso de Falastrão será naquele dia.

{196} FIEL: Isso me traz à memória o que disse Moisés ao descrever o animal limpo. (Lv 11.3-7; Dt 14.6-8) É aquele que tem o casco fendido e rumina; não somente tem o casco fendido, ou apenas rumina. A lebre rumina, mas é considerada impura, pois não tem o casco fendido. Assim também é Falastrão: rumina, busca por conhecimento, mastiga a palavra, mas não tem o casco fendido, não se aparta do caminho dos pecadores. Semelhante à lebre, tem patas de cão ou de urso, portanto é impuro.

CRISTÃO: Falaste agora, segundo o que sei, o verdadeiro sentido evangélico destes textos. Acrescento mais um: Paulo chamou os homens dados à conversa “o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1 Co 13.1-3) ou, como em outra passagem, “instrumentos inanimados que quando emitem sons se indistinguem”. (1 Co 14.7) São instrumentos sem vida, ou seja, sem a verdadeira fé e a graça do evangelho; conseqüentemente, nunca entrarão no reino do céu ou habitarão entre os filhos da vida, embora soem, por seu discurso, como a voz de um anjo.

FIEL: Eis o motivo que me fez ficar agradado por sua companhia a princípio, mas agora já me aborrece. O que faremos para nos livrar dele?

CRISTÃO: Ouça meu conselho e faça como eu lhe disser. Verás que em breve ele estará farto de tua companhia também, a não ser que Deus lhe toque o coração e o converta.

FIEL: O que devo fazer?

CRISTÃO: Vá até ele e inicie uma conversa séria sobre o poder da religião. Pergunte a ele francamente (depois de ter concordado contigo, como sei que fará) se assim sucede em seu coração, em sua casa ou em sua conduta.

{197} Fiel apressou o passo outra vez a fim de alcançar Falastrão, e disse a ele: “Então, como vais agora?”

FALASTRÃO: Muito bem, obrigado! Pensei que teríamos conversado mais a essa altura do caminho.

{198} FIEL: Se assim desejares, o faremos agora. E já que incumbiste a mim a escolha do assunto, peço que me respondas: como se manifesta a graça salvadora de Deus quando existe no coração do homem?

A falsa descoberta de Falastrão sobre a obra da graça

FALASTRÃO: Percebo, portanto, que nossa conversa se dará acerca do poder das coisas. É uma ótima questão e estou disposto a respondê-la brevemente: primeiro, quando a graça de Deus está no coração, causa nele um grande clamor contra o pecado. Depois...

FIEL: Mais devagar, consideremos um por vez. Creio que prefiras dizer que a graça se manifesta inclinando a alma a aborrecer o próprio pecado.

FALASTRÃO: Ora, e qual a diferença entre clamar contra o pecado e aborrecê-lo?

{199} FIEL: A diferença é enorme! Um homem pode clamar contra o pecado por diplomacia, mas não o aborrecer por virtude de uma antipatia divina. Ouvi muitos homens clamarem contra o pecado no púlpito, mas o tolerarem bem no próprio coração, na própria casa e nas próprias atitudes. A esposa de Potifar clamou em alta voz, como se fosse santíssima, mas estava disposta a, apesar de suas palavras, incitar e cometer pecado. Alguns clamam contra o pecado como uma mãe repreende o filho, desferindo-lhe palavras de censura, mas pouco depois o enchendo de beijos e abraços.

FALASTRÃO: Vejo que queres apanhar-me nos meus próprios dizeres.

{200} FIEL: Não, não quero. Estou apenas fazendo apontamentos para que tudo esteja certo. Mas, diga, qual o segundo ponto pelo qual tu provas a manifestação da obra da graça no coração?

FALASTRÃO: O vasto conhecimento dos mistérios do evangelho.

FIEL: Este deveria ter sido o primeiro para ti. Mas primeiro ou último, é falso. Pois é possível que se tenha vasto conhecimento dos mistérios evangélicos e, ainda assim, não haver obra alguma da graça na alma. (1 Co 13) Mesmo que um homem disponha de todo o conhecimento, pode ainda continuar sendo nada e, por consequência, não ser filho de Deus. Cristo disse aos discípulos: "Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes." (Jo 13.17) Ele não abençoa aqueles que possuem o conhecimento, mas aqueles que colocam o conhecimento em prática. Pois existe o conhecimento que não é acompanhado pelas obras: aquele cujo detentor sabe a vontade de seu mestre e não a pratica. Um homem pode saber como um anjo e não ser cristão, portanto sua manifestação é falsa. Fato é que o saber agrada aos que muito falam e aos arrogantes, enquanto a prática é o que agrada a Deus. Não digo que o coração possa ser bom sem o conhecimento, pois, sem ele, se resume a nada. Existem, portanto, espécies diferentes de conhecimento: aquele que consiste na mera especulação e aquele que é acompanhado da graça da fé e do amor, que colocam o coração do homem no caminho da vontade de Deus. O primeiro tipo de conhecimento agrada ao que muito fala; mas sem o segundo, o verdadeiro cristão não encontra satisfação. "Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei; de todo o coração a cumprirei." (Sl 119.34)

FALASTRÃO: Queres apanhar-me outra vez. Essa conversa não é para edificação.

FIEL: Bom, se quiseses, podes propor outra maneira como a obra da graça se manifesta.

FALASTRÃO: Não o farei, pois não entraremos em acordo.

FIEL: Bom, se não o farás, dá-me permissão para fazê-lo?

FALASTRÃO: És livre. Usufrua tua liberdade.

{201} FIEL: A obra da graça na alma se manifesta tanto naquele que a tem no coração como naquele que por ela espera. Naquele que a tem no coração, é gerada a convicção do pecado, principalmente da impureza de sua natureza e do pecado da incredulidade (pelo qual está destinado à condenação se não encontrar na mão de Deus a misericórdia, pela fé em Cristo Jesus [Jo 16.8; Rm 7.24; Jo 16.9; Mc 16.6]). O vislumbre e a compreensão deste cenário geram nele tristeza e vergonha do pecado. Além disso, passa a enxergar revelado em si o Salvador do mundo e sentir a absoluta necessidade de estar com Ele para sempre, tornando-se faminto e sedento por Ele. Por meio de sua fome de Cristo, a promessa lhe é feita. (Sl 38.18; Jr 31.19; Gl 2.16; At 4.12; Mt 5.6; Ap 21.6) Depois, proporcionais à força ou à fraqueza de sua fé no Salvador, encontram-se nele a alegria e a paz, o amor à santidade, o desejo de conhecê-lo

ainda mais e de servi-lo neste mundo. No entanto, embora eu diga que a obra da graça se manifesta dessa forma, dificilmente aquele que a recebe é capaz de identificar que é, de fato, a obra da graça, pois suas corrupções e sua razão afetada impedem a mente de avaliar a questão com clareza. Portanto, identificar a obra da graça requer daquele em que é manifesta um julgamento consistente antes de estar ele pronto para assim julgar.

{202} Aos outros, se manifesta da seguinte forma:

1. Por uma confissão experimental de sua fé em Cristo. (Rm 10.10; Fp 1.27; Mt 5.19)

2. Por uma vida responsável pela confissão feita; uma vida de santidade no agir e no sentir, que alcança a família (se tiver família) e também em sua conduta no mundo. A santidade o leva a

aborrecer profundamente o próprio pecado e, por consequência, a si mesmo em segredo; o leva a suprimi-lo em sua família e a promover a santidade no mundo. Não o faz apenas com palavras, como um hipócrita ou um galrão, mas por meio de uma sujeição prática, tanto na fé como no amor, ao poder da Palavra. (Jo 14.15; Sl 50.23; Jó 42.5-6; Ez 20.43) Agora, senhor, após essa breve explanação da obra da graça e sua manifestação, se tiver algo a contestar, conteste; se não, peço sua permissão para propor-lhe uma segunda pergunta.

{203} FALASTRÃO: Não, não estou em posição de contestar agora, mas de ouvir. Por favor, dirija-me tua segunda pergunta.

FIEL: Pois bem; vives tu a primeira parte dessa descrição? Tua vida e tuas obras testificam a mesma coisa? Ou a tua religião habita numa palavra, na ponta da língua, e não nas obras e na verdade? Ao responder-me, diga somente aquilo para o qual Deus dirá amém; nada além do que tua consciência pode justificar, pois não é aquele recomendado por si mesmo o aprovado, mas aquele recomendado pelo Senhor. Além disso, dizer ser assim e assim, quando a conduta e todos os vizinhos que a testemunham dizem o contrário, é grande perversidade.

{204} Falastrão, a princípio, enrubesceu. Mas, recompondo-se, respondeu: "Falas agora de vivência, de consciência e de Deus; apelas a Ele para justificação do que é dito. Eu não esperava essa espécie de discurso e não estou disposto a responder tais perguntas, pois não me vejo obrigado a fazê-lo, a não ser que sejas tu um catequista. Na verdade, ainda que sejas, eu me recuso a fazer de ti o meu juiz. Responda-me tu, por que me questionas tanto?"

{205} FIEL: Porque percebi que és dado a conversa e não sabia que tudo o que tens são conceitos. Além disso, para dizer a verdade, ouvi falar de ti, um homem cuja religião consiste no discurso, mas o que sai de sua boca é contrário à sua conduta.

A franqueza de Fiel ao lidar com Falastrão

Dizem que és uma mancha no meio dos cristãos, e que a religião toma má aparência por causa da tua má conduta; dizem que alguns chegaram a tropeçar nas tuas atitudes perversas, e muitos correm o risco de serem destruídos por elas. Tua religião, tua frequência nas tavernas, a ganância que nutres, a impureza em ti, as palavras sujas que proferes, tuas mentiras, a manutenção das más companhias e tantos outros atos teus se apresentarão todos juntos. É verdadeiro o provérbio que diz: “a prostituta é uma vergonha para todas as mulheres” e se aplica a ti; és uma vergonha para todos os que professam a fé.

FALASTRÃO: Já que estás pronto a retomar meus feitos e julgá-los tão rapidamente, nada posso fazer senão concluir que és rabugento ou melancólico; não vale a pena discutir contigo. Portanto, *adieu*.

{206} Cristão achegou-se a Fiel e disse ao irmão: “Não disse que assim sucederia? Tuas palavras e sua luxúria não poderiam entrar em concordância; foi-lhe preferível abster-se de tua companhia a reformar a própria vida. Mas, enfim, se foi, como disse que iria. Que vá; a perda é somente dele. Livrou-nos da perturbação de nos retirarmos de sua presença, pois sua permanência conosco (suponho eu que permaneceria não fosse pela última conversa) apenas nos mancharia. Sobre isso, o apóstolo diz: ‘Destes, retirai-vos’.”

FIEL: Mas me contenta a curta conversa que tivemos; pode ser que venha a refletir sobre o assunto outra hora. Entretanto, fui franco com ele, portanto minhas mãos estão limpas de seu sangue, caso pereça.

{207} CRISTÃO: Fizeste bem em ser franco como foste. Poucos são ainda sinceros ao lidarem com os homens nos dias de hoje, o que faz a religião cheirar mal às narinas de muitos, pois muitos são falastrões tolos cuja religião está apenas nas palavras, enquanto sua conduta é desregrada e vã. Ao serem acolhidos na comunhão dos

piedosos, confundem o mundo, mancham o Cristianismo e entristecem os sinceros de coração. Quem me dera todos agissem para com estes como tu fizeste! Assim, se conformariam à religião, ou a companhia dos santos lhes seria intensa demais.

Então, Fiel disse:

“Chegara Falastrão, coberto de altivez.

Quão belo o seu discurso! Quão grande a insensatez!

Enxerga-se mui justo no espaço de um sermão

Mas fica diminuto ao ouvir da obra no coração

Como a lua cheia passa de repente a ser minguante

Ao ouvir Fiel falar, afastou-se num instante

Assim sucederá a todo homem falastrão

Mas não ao que conhece o que é a obra no coração.”

{208} Enquanto caminhavam, continuaram conversando sobre o que haviam visto pelo caminho. Tornou-se fácil a jornada que, sem dúvida, seria para eles tediosa se não dispusessem de tão proveitoso assunto, pois agora passavam por um deserto.

{209} Quando estavam prestes a chegar ao fim do trecho, Fiel olhou para trás e notou a presença de um conhecido a persegui-los. Fiel disse a Cristão: “Ora! Quem vem de longe?” Cristão olhou e disse: “Meu bom amigo, Evangelista!” E Fiel respondeu: “É meu amigo também! Foi ele quem me instruiu na caminhada até a porta estreita.” Evangelista os alcançou e os saudou:

{210} EVANGELISTA: Paz seja convosco, amados! Paz seja com os que vos auxiliam.

CRISTÃO: Bem-vindo, bem-vindo, querido Evangelista! Ver-te novamente traz-me à memória tua bondade e teus esforços infatigáveis de outrora em favor do meu destino eterno.

FIEL: Seja milhares de vezes bem-vindo. Quão desejada é a tua companhia no meio de nós peregrinos, querido Evangelista!

EVANGELISTA: Como tendes passado, meus amigos, desde nossa última despedida? Com o que vos deparastes e como vos comportastes?

{211} Cristão e Fiel contaram a Evangelista tudo o que sucedera a eles no caminho e as dificuldades que encontraram para chegar onde agora estavam.

{212} EVANGELISTA: Alegro-me muito! Não por causa dos perigos que enfrentastes, mas pela vossa vitória sobre eles. Apesar de tantos obstáculos, continuastes firmes no caminho até o dia de hoje. Como estou feliz! Por mim mesmo e por vós. Eu semeiei, vós ceifastes, e se aproxima o dia em que tanto os que semearam como os que ceifaram se regozijarão juntos; isto é, se resistirdes: “porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos”. (Jo 4.36; Gl 6.9) A coroa está diante de vós, e é incorruptível; prossegui e a conquistareis. (1 Co 9.24-27) Há alguns que se põem a caminhar para conquistar essa coroa, mas após andarem prolongado tempo, vem outro e a toma deles. Agarraí, pois, o que tendes, para que homem algum vos tire vossa coroa. (Ap 3.11) Não estais ainda fora da mira do diabo; não haveis resistido até o sangue, combatendo contra o pecado. Esteja o reino sempre diante de vós, e crede firmemente no que não podeis enxergar. Não deixeis adentrar-vos as coisas deste mundo e, acima de tudo, cuidai bem do vosso coração, fugindo e rejeitando suas luxúrias, pois “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto”. (Jr 17.9) Tendes ao vosso lado todo o poder do céu e da terra.

{213} Cristão agradeceu-lhe a exortação e pediu novas instruções,

úteis para o restante do caminho, pois bem sabiam que era um profeta, capaz de falar-lhes acerca de que dificuldades poderiam encontrar na jornada, ajudando-os a resistir e superá-las. Fiel consentiu, e então Evangelista lhes respondeu:

EVANGELISTA: Filhos meus, ouvistes, pelas palavras da verdade do evangelho, que deveis entrar no reino dos céus por meio de muitas tribulações. Havereis de passar por aflições em todo lugar; portanto, não esperais ir longe em vossa peregrinação sem elas, de uma forma ou de outra. Tendes já encontrado testemunho dessa verdade e outros seguirão após, pois agora, como vedes, estais prestes a sair deste deserto. Logo adentrarão uma cidade onde, ao avançarem, encontrarão cada vez mais inimigos ávidos por matá-los. Estais certos de que um, ou ambos, de vós terá de selar seu testemunho com sangue. Todavia, sede fiéis até a morte, e o Rei vos dará a coroa da vida.

{214} Aquele que ali morrer, ainda que de forma aviltante e dolorosa, terá melhor sorte que o companheiro; não apenas por chegar mais cedo à Cidade Celestial, mas também porque escapará de muitos sofrimentos que o outro encontrará no restante da jornada. Quando chegardes à cidade que está próxima e suceder como vos tenho dito, lembrai-vos do vosso bom amigo. Agi como homens e encomendai vossas almas a Deus, o fiel Criador.

{215} Vi, então, em meu sonho, que ao saírem do deserto, avistaram um povoado chamado Vaidade, no qual se faz uma feira que se prolonga pelo ano inteiro e possui o mesmo nome da cidade. Carrega este nome porque o lugar em que é celebrada é ainda mais frívolo que a vaidade, assim como tudo o que se vende nela. Como diz o sábio, “tudo é vaidade.” (Ec 1; 2.11,17; 11.8; Is 11.17)

{216} A Feira da Vaidade não é nenhum negócio novo, mas um comércio antigo que se perpetuou. Tratarei de dizer-vos como tudo começou.

Quase cinco mil anos atrás, peregrinos caminhavam para a Cidade Celestial, como os dois homens honestos que temos acompanhado. Belzebu, Apolião e Legião, com seus companheiros, percebendo que o caminho trilhado pelos peregrinos passava pela Cidade de Vaidade, tramaram estabelecer uma feira que duraria o ano todo, na qual estaria à venda toda sorte de vaidades. Por isso, encontram-se na feira todo tipo de mercadoria: casas, terras, negócios, empregos, honrarias, títulos, países, reinos, luxúrias, prazeres e diversos deleites como prostitutas, esposas, maridos, filhos, mestres, servos, vidas, sangue, corpos, almas, prata, ouro, pérolas, pedras preciosas e muitas outras coisas. Além disso, ali também se encontram, o tempo todo, enganações, jogos, diversões, animais de circo, trapaças e vigarices de todo tipo. Há também roubos, assassinatos, adultérios e calúnias, todos regados de sangue sem motivo aparente.

{217} Como em outras feiras menos importantes, há diversas ruas e corredores, cada qual nomeada de acordo com o produto que ali é vendido. De semelhante modo, algumas carregam o nome de lugares, países e reinos, como a rua da França, a rua da Itália, a rua da Espanha, a rua da Alemanha, onde há disponível uma variedade de vaidades. No entanto, como em outras feiras, há certas mercadorias cuja demanda é mais alta; nessa feira, os produtos de Roma são largamente divulgados. Somente nossa nação, a Inglaterra, e algumas outras é que não agradam tanto à clientela.

{218} Como disse, o caminho para a Cidade Celestial passa por essa cidade onde a lasciva feira é mantida. Aquele que se dirige à Cidade, mas não a cruza, terá de sair do mundo. (1 Co 5.10) O próprio Príncipe dos príncipes, quando habitava neste mundo, passou por essa cidade a fim de chegar em sua pátria. Esteve também na feira que pertence a Belzebu, o qual o convidou a comprar algumas de suas vaidades; chegou até mesmo a oferecer-lhe tudo gratuitamente, sob a condição de que o Príncipe lhe fizesse reverência ao passar pela cidade. (Mt 4.8; Lc 4.5-7) Por ser o Príncipe alguém muito honrado, Belzebu o levou de rua em rua,

mostrando-lhe todos os reinos do mundo em um instante, tentando convencê-lo a comprar suas vaidades. Entretanto, o Príncipe não tinha interesse algum nas mercadorias, portanto deixou a cidade sem oferecer sequer uma moeda em troca delas. Essa feira, portanto, é muito antiga, de longa permanência e grande importância.

{219} Como estava a dizer, nossos peregrinos precisavam cruzar essa cidade e assim o fizeram. No entanto, assim que seus pés pisaram a feira, todo o povo se alvoroçou e a cidade foi tomada por um intenso burburinho por sua causa. E isso por muitas razões.

{220} Primeiro, porque os peregrinos estavam cobertos por vestimentas diferentes de qualquer outra que se pudesse encontrar naquela feira. Os mercadores, portanto, encaravam os peregrinos; alguns chamavam-lhes tolos, outros chamavam-lhes desordeiros, outros diziam que eram estrangeiros. (1 Co 2.7-8)

{221} Segundo, porque assim como se espantaram com as vestimentas dos peregrinos, também foram surpreendidos por seu discurso, pois falavam o idioma de Canaã, enquanto os comerciantes eram homens deste mundo. Por isso, de uma ponta à outra da feira, soavam como bárbaros para os outros.

{222} Terceiro, porque o que mais assombrava os comerciantes era o desdém dos peregrinos para com as mercadorias, a ponto de nem ao menos as olharem. E, se alguém os chamava a atenção com o intuito de oferecer-lhes algo, tapavam os ouvidos e diziam: "Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade" e olhavam para cima, como sinal de que seu tesouro estava no céu. (Sl 119.37; Fp 3.19-20)

{223} Um dos mercadores, querendo zombar dos peregrinos, disse a eles: "O que comprareis?" Mas eles, com semblante sério, responderam: "Compramos a verdade." (Pv 23.23) A resposta foi motivo suficiente para que os homens os desprezassem ainda mais.

Alguns zombavam deles, outros os insultavam; alguns os repreendiam, outros tentavam reunir quem quisesse surrá-los. A feira transformou-se num enorme tumulto, de forma que já não havia ordem alguma. Os rumores chegaram ao responsável pela feira, o qual rapidamente desceu para ver o que ocorria e ordenou que alguns de seus amigos mais próximos examinassem os dois homens de quem tanto se falava, motivo de tamanho alvoroço. Então, os peregrinos foram examinados. Aqueles que os interrogavam perguntaram-lhes de onde vinham, para onde iam e o que faziam ali, vestindo trajes tão incomuns. Os dois lhes disseram que eram peregrinos, estrangeiros no mundo, e que se dirigiam para a própria pátria: a Jerusalém celestial (Hb 11.13-16), e que não deram motivo para os habitantes ou os mercadores da cidade os insultarem. Disseram aos interrogadores que chegaram a pedir para os deixarem seguir viagem, mas os comerciantes insistiam em oferecer-lhes o que comprar; por isso, responderam que só queriam comprar a verdade. Os juízes, porém, ao ouvirem suas justificativas, não acreditaram neles e os acusaram de desordeiros e loucos vindos à cidade com o único objetivo de causar confusão. Portanto, os surraram e os cobriram de lama, depois os encerraram numa gaiola, para servirem de espetáculo aos feirantes.

Os peregrinos vede agora

Acorrentados lado a lado

Como Cristo fora outrora

No Calvário imolado.

[224} Ali permaneceram por um tempo, e serviram de diversão, malícia e vingança para os homens da cidade, enquanto o responsável por todo o comércio e seu funcionamento ria-se de tudo o que lhes acontecia. Os peregrinos, porém, pacientes, não retribuíram os insultos, mas abençoaram os que os insultavam, lançando-lhes palavras boas enquanto eram amaldiçoados e sendo

bondosos quando injuriados. Alguns homens que pela feira passavam mais atentos e menos violentos que os outros começaram a repreender os que continuamente abusavam dos peregrinos. No entanto, irritados com a repreensão, voltavam-se contra eles também, os acusando de serem tão maus quanto os dois prisioneiros, dizendo que eram aliados e deveriam partilhar suas desgraças. Os que tomavam parte dos peregrinos respondiam que, até onde podiam observar, os prisioneiros estavam calados, sóbrios e não pareciam ameaçar ninguém; acrescentaram que muitos outros negociantes da feira eram mais merecedores da gaiola que os pobres viajantes. Assim, discutiam acaloradamente, enquanto os peregrinos permaneciam tranquilos e sensatos diante deles, dentre os quais muitos saíram feridos. Cristão e Fiel foram novamente levados a juízo e declarados culpados pelo tumulto causado na feira. Foram lamentavelmente espancados e tiveram ferros pendurados sobre si, depois levados a passear pela feira acorrentados, a fim de servirem como exemplo e causarem temor nos outros, para que ninguém tomasse partido deles ou a eles se juntasse. Entretanto, os dois se portaram com ainda mais prudência; receberam a ignomínia e o opróbrio que sobre eles foram lançados cheios de mansidão e paciência. Procedendo assim, ganharam para o seu lado muitos homens que na feira estavam, embora fosse o número ainda modesto em comparação ao restante. Com efeito, os acusadores se enfureceram ainda mais, a ponto de determinar a morte de ambos os peregrinos. Desferiam-lhes ameaças, dizendo que as correntes e a gaiola não lhes bastariam; seria necessário entregá-los à morte pelo crime cometido e por enganarem os comerciantes.

Foram, então, dirigidos novamente à gaiola, até que uma nova ordem fosse enviada acerca de como haveriam de castigá-los. Dentro dela, prenderam seus pés a um cepo.

{225} Presos, lembraram-se do que haviam ouvido de seu fiel amigo Evangelista e, trazendo à memória aquelas palavras acerca do que os aconteceria, sentiram-se confiantes de seu caminho e sofrimento. Passaram também a confortar um ao outro com a ideia

de que quem mais sofresse, melhor sorte haveria de ter, o que os fez secretamente desejar ser o beneficiado, entregando-se nas mãos Daquele que tudo governa satisfeitos. Suportaram sua condição até que lhes fosse determinado o destino.

{226} Chegado o tempo oportuno, os levaram para o tribunal a fim de serem julgados e receberem sua sentença. Colocaram a ambos diante de seus inimigos e acusadores. O juiz se chamava doutor Ódio-ao-Bem, e eram acusados pelo mesmo motivo, embora alguns pontos se divergissem, que consistiam em:

{227} “Foram inimigos e desordeiros da feira; causaram grande tumulto e divisões na cidade, levantaram partido dentre eles para com suas perigosíssimas opiniões, desprezando a lei do príncipe.”

Fiel, esforçando-se, orou a Deus:

“Não temei o dolo dos perversos nem a sua vara

Falai com confiança, a verdade lhe é cara

Morra por ela, vida eterna já ganhara”

{228} *A defesa de Fiel*

Fiel, então, respondeu que se opusera apenas a quem antes se levantou contra o Altíssimo. Disse também que, quanto ao tumulto, nada havia suscitado, pois era um homem de paz; os homens que deles tomaram partido o fizeram ao observar sua verdade e inocência, trocando o pior pelo melhor. Acrescentou, ainda, que quanto ao príncipe de quem falavam, Belzebu, inimigo do Senhor, o resistiria e rejeitaria, assim como a todos os seus anjos.

{229} Foi proclamado o momento em que todos os que tinham algo a dizer ao rei contra o réu deveriam apresentar-se e oferecer suas provas. Vieram, então, três testemunhas: Inveja, Superstição e Bajulação. Foi-

-lhes perguntado se conheciam o réu e o que tinham a dizer ao rei contra ele. Inveja adiantou-se e começou a falar.

{230} INVEJA: Excelentíssimo Senhor Juiz, conheço esse homem há muito tempo, e testemunho sob juramento diante deste tribunal que ele é...

JUIZ: Esperai! Fazei o juramento.

O juramento foi feito e Inveja prosseguiu.

INVEJA: Excelentíssimo Senhor Juiz, esse homem, apesar de carregar um bom nome, é um dos mais vis em nossa pátria. Não respeita príncipe nem civil, lei nem tradição; faz tudo o que pode para convencer a todos de suas ideias terríveis, as quais chama de princípios de fé e santidade. De sua própria boca já o ouvi afirmar que o Cristianismo e os costumes da nossa cidade, Vaidade, são diametralmente opostos, sem possibilidade de reconciliação. Dito isso, meritíssimo, ele não apenas condena completamente todos os nossos louváveis hábitos, como também a nós mesmos por mantê-los.

JUIZ: Tens algo mais a acrescentar?

INVEJA: Excelentíssimo Senhor Juiz, poderia acrescentar muito mais, mas não tenho a intenção de entediar a corte. Entretanto, se as provas das próximas testemunhas não forem suficientes para condená-lo, estenderei meu depoimento contra ele.

Após terminada sua oportunidade, chamaram Superstição e pediram-lhe que olhasse para o réu, perguntando-lhe o que podia dizer ao rei contra ele. Submeteram-lhe ao juramento e permitiram que iniciasse sua fala.

{231} SUPERSTIÇÃO: Excelentíssimo Senhor Juiz, não tenho profunda familiaridade com esse homem, nem desejo conhecê-lo melhor. No entanto, sei que é um sujeito perigoso por causa de uma

conversa que com ele tive nessa cidade. O ouvi dizer que a nossa religião é vã, e que não se pode agradar a Deus por meio dela. Sabes bem, meritíssimo, que por esse discurso se pode concluir que, na opinião do réu, prestamos adoração em vão, permanecemos em nossos pecados e estamos condenados. Isso é tudo o que tenho a dizer.

{232} Feito o juramento de Bajulação, ordenaram-lhe que dissesse o que sabia ao senhor rei contra o réu.

O depoimento de Bajulação

BAJULAÇÃO: Excelentíssimo Senhor Juiz e cavalheiros, conheço esse sujeito há muito tempo. O ouvi dizer coisas que não ousa repetir, pois insultam nosso nobre príncipe Belzebu e desacatam seus honráveis amigos, os senhores Velho Homem, Deleite Carnal, Luxúria, Desejo-de-Vanglória, o ancião Libertinagem, o cavaleiro Ganância e todos os outros membros de nossa nobreza. Diz ainda o réu que, se todos pensassem como ele, nenhum desses nobres homens habitaria mais nesta cidade. Além disso, não teme insultá-lo, meu senhor, que agora está em posição de seu juiz; chama-te ímpio, vilão, entre inúmeros outros termos de difamação, incluindo também grande parte da gente de nossa cidade.

{233} Ao terminar Bajulação seu depoimento, o Juiz dirigiu a palavra ao réu da corte, dizendo: “Tu, renegado, herege e traidor, ouviste o que esse honesto cavaleiro disse contra ti?”

FIEL: É permitido que eu diga algo em minha defesa?

JUIZ: Ignóbil és tu! Não mereces a vida, mas ser morto imediatamente; todavia, para que todos vejam quão bondosos somos para contigo, ouviremos o que tens a dizer, vil renegado!

{234} A defesa de Fiel

FIEL: Digo, primeiramente, em resposta ao senhor Inveja, que as

palavras pelas quais me incrimina foram: toda regra, lei, tradição, costume, ou povo que se põe contra a Palavra de Deus é diametralmente oposta ao Cristianismo. Se fui descabido em minha colocação, convençei-me do meu erro e estarei pronto a me retratar diante de vós.

{235} Depois, quanto ao senhor Superstição e seu depoimento contra mim, tudo o que disse fora: a adoração a Deus requer uma fé Divina, mas não pode haver fé Divina sem a Divina revelação da vontade de Deus. Portanto, tudo quanto for feito em adoração a Deus e não estiver em concordância com a Divina revelação não pode ser feito senão por uma fé humana, a qual não alcança a vida eterna.

{236} Finalmente, dirigindo a palavra ao senhor Bajulação, digo (evitando termos, já que sou tomado por insultuoso) que o príncipe de vossa cidade, juntamente com os que o acompanham, são mais dignos do inferno que desta cidade e deste país. Termino pedindo ao Senhor que tenha misericórdia de mim!

{237} Então, o Juiz tratou de reunir o júri (que a tudo observava e ouvia): "Cavalheiros do júri, podeis ver este homem que provocara tamanho tumulto nesta cidade. Ouviste também o que disseram as dignas testemunhas contra ele. Ouviste também sua resposta e confissão. Encontra-se agora em vossas mãos a decisão de enforcá-lo ou salvar sua vida. Mas, antes, devo instruí-los em nossa lei.

{238} Nos dias do Grande Faraó fora promulgado um Ato cuja intenção fora impedir a multiplicação e fortificação dos povos seguidores de religiões contrárias à nossa; o Ato decretava que todo varão fosse lançado no rio. (Ex 1.22) Havia também outro, promulgado nos dias do Grande Nabucodonosor, outro servo do nosso príncipe, condenando qualquer que não se curvasse em adoração à sua imagem de ouro à fornalha ardente. (Dn 3.6) Outro, ainda, promulgado nos dias de Dário, condenando qualquer que adorasse outro além dele a ser lançado na cova dos leões. (Dn 6)

Este rebelde transgredira a essência de tais leis, não somente com suas ideias (insuportáveis por si só), mas também com suas palavras e obras, o que é intolerável.

{239} Percebais que a lei de Faraó fora feita sobre uma suposição, a fim de evitar danos, ainda que o crime não fosse aparente; entretanto, há diante de vós um crime aparente. Quanto ao segundo e terceiro atos, podeis ver que tratam da oposição à nossa religião; pela traição que confessara, este réu merece a morte.”

{240} Retirou-se o júri, formado pelos senhores Cegueira, Injustiça, Malícia, Volúpia, Libertinagem, Levidão, Altivo, Inimizade, Mentiroso, Crueldade, Ódio-à-Luz e Implacável. Em grupo, comunicaram um ao outro seu veredito particular contra o réu, depois decidiram com unanimidade declará-lo culpado diante do Juiz. O presidente do júri, Cegueira, disse:

CEGUEIRA: Vejo claramente que este homem é um herege.

INJUSTIÇA: Tirai este sujeito da face da terra!

MALÍCIA: Enoja-me olhá-lo.

VOLÚPIA: Nunca o suportei!

LIBERTINAGEM: Eu também não, pois sempre condenou meus hábitos.

LEVIDÃO: Forca, ponham-no na forca!

ALTIVO: É um miserável.

INIMIZADE: Meu coração se revolta contra ele!

MENTIROSO: É um malfeitor!

CRUELDADE: Enforcá-lo é pouco.

ÓDIO-À-LUZ: Despachemo-lo para fora do caminho.

IMPLACÁVEL: Ainda que me dessem o mundo todo, não poderia me reconciliar com ele. Declaremo-lo agora mesmo condenado à morte.

Assim o fizeram. Fiel foi imediatamente condenado a ser transportado de onde estava para o lugar onde o tumulto começara, e ali ser submetido à mais cruel das mortes.

{241} Trouxeram-no para fora a fim de justicá-lo conforme a lei. Primeiro açoitaram-no, depois o fustigaram, então cortaram-lhe a carne com facas; não satisfeitos, apedrejaram-no, feriram-no com espadas e, por fim, lançaram-no ao fogo e reduziram-no a cinzas. Assim foi o fim de Fiel.

{242} Vi, porém, parada atrás da multidão uma carruagem levada por alguns cavalos, esperando por Fiel. Logo após ser supliciado e morto pelos seus adversários, foi arrebatado para dentro dela e de pronto transportado por entre as nuvens ao som de trombetas; rumou ao Portão Celestial.

Valente Fiel, falaste e agiste com muito valor

Acusadores irados não lhe pouparam da dor

Juiz e júri haverão de enfrentar a morte

Mas viver para sempre será tua sorte.

{243} Quanto a Cristão, deram-lhe uma trégua, foi conduzido outra vez à prisão. Ali permaneceu por um tempo, mas Aquele que governa sobre todas as coisas e detém o furor dos inimigos na palma de suas mãos permitiu que Cristão dali escapasse e seguisse seu caminho. Enquanto saía, cantava:

Amigo Fiel, professaste a fé com lealdade

Diante do Senhor com quem habitas na eternidade.

E os descrentes, entregues ao regalo vão,

Do suplício infernal por misericórdia clamarão.

Cante, Fiel, cante! P'ra sempre lembrado seja;

Tua vida lhe fora tirada, mas viveste e venceste a peleja!

{244} Vi, portanto, em meu sonho, que Cristão não saíra da cidade sozinho, pois juntou-se a ele um cidadão chamado Esperança; obteve este nome ao observar a ele e a Fiel em seu falar e proceder enquanto eram maltratados na feira. Tratou Cristão com doce fraternidade e prometeu-lhe ser seu companheiro. Assim, ao perecer Fiel por dar testemunho da verdade, das suas cinzas surgira outro amigo, a fim de acompanhar Cristão enquanto peregrino. Disse Esperança que muitos outros homens na feira os seguiriam.

{245} Pouco depois de saírem da feira, encontraram outro que estava adiante deles, chamado Interesse-Próprio, e disseram-lhe: “De onde és, senhor? Há quanto tempo andas neste caminho?”

INTERESSE-PRÓPRIO: Venho da Cidade das Lisonjas e me dirijo à Cidade Celestial (mas não lhes revelou o nome).

CRISTÃO: Cidade das Lisonjas? Há por lá alguém que seja bom? (Pv 26.25)

INTERESSE-PRÓPRIO: Sim, decerto.

CRISTÃO: Ora, senhor, como devo chamá-lo?

INTERESSE-PRÓPRIO: Vede, sou para vós um desconhecido, assim como sois para mim. Se fores por este caminho, me agradecerá a vossa companhia; senão, passarei sem ela.

CRISTÃO: Ouvi falar da Cidade das Lisonjas. Se bem lembro, dizem

ser um lugar de riquezas.

INTERESSE-PRÓPRIO: Posso assegurar-lhe de que é, sim. Eu mesmo tenho parentes riquíssimos lá.

{246} CRISTÃO: Se não lhe falto com respeito, poderia perguntar quem são teus parentes habitantes de lá?

INTERESSE-PRÓPRIO: Quase a cidade toda. Especialmente os senhores Oportunista, Contemporizador e Lisonjeiro, cujos ancestrais nomearam a cidade. Há ainda os senhores Sereno, Duas-Caras, Qualquer-Coisa, e o nosso líder, senhor Língua-Dobre, irmão de minha mãe por parte de pai; honestamente, sou um cavalheiro de boa linhagem, embora meu avô não passasse de um barqueiro que olhava para um lado e remava para o outro. Quase todos os meus bens adquiri pela mesma profissão.

CRISTÃO: És tu um homem casado?

INTERESSE-PRÓPRIO: Sim. Minha esposa é uma mulher virtuosíssima, assim como fora sua mãe, a senhora Emulação; portanto, vem de família muito distinta, tendo chegado a tão alto nível familiar, que sabe bem como se vive com um príncipe ou um camponês. É verdade que nossa religião diverge da opinião de outros, mas somente em dois pontos: primeiro, nunca lutamos contra o vento e a maré; segundo, somos sempre muito zelosos com a religião quando se apresenta em sandálias de prata, pois gostamos de andar com ela pelas ruas, onde brilha o sol, quando todos a enxergam e aplaudem-na.

{247} Cristão afastou-se um pouco dele e se achegou ao seu parceiro, Esperança, dizendo: "Passa pela minha mente que esse sujeito possa ser Interesse-Próprio, da Cidade das Lisonjas; se este for, de fato, com quem falamos, levamos conosco o maior patife das redondezas." E Esperança respondeu: "Pergunte a ele; por certo não se envergonhará de responder o próprio nome." Então, Cristão

aproximou-se dele outra vez e disse: “Senhor, falas como se soubesse algo que ninguém mais no mundo sabe. E, se não estou enganado, arrisco dizer que desconfio saber quem és. Serias tu o senhor Interesse-Próprio, da Cidade das Lisonjas?”

INTERESSE-PRÓPRIO: Não, não é este o meu nome de batismo, mas um apelido que me foi dado por alguns que não me admiram; devo dizer que o considero um insulto, como o consideraram outros bons homens antes de mim.

CRISTÃO: Mas nunca deste motivo algum para chamarem-no por tal nome?

INTERESSE-PRÓPRIO: Nunca, nunca! O pior dos motivos que posso tê-los oferecido para chamarem-me assim é a sorte que tenho de estar sempre em conformidade com as concepções do tempo presente, sejam elas quais forem, e a elas me adaptar. Considero, assim, ter recebido uma bênção; não acho certo que uns poucos maliciosos me repreendam por isso.

{248} CRISTÃO: Presumi que foste, de fato, o homem de quem ouvi falar. Sendo honesto acerca do que penso, temo que este nome lhe sirva com mais justiça do que estás disposto a reconhecer.

INTERESSE-PRÓPRIO: Bem, não posso lhe impedir de pensar assim. Encontrarás em mim boa companhia se ainda me aceitares como companheiro.

CRISTÃO: Se vieres conosco, terás de lutar contra o vento e maré; percebo, porém, que isso fere um dos teus princípios. Acompanhar-nos implica, também, reconhecer a religião quando vestida de trapos ou quando em sandálias de prata; deves permanecer com ela quando acorrentada ou ao andar pelas ruas recebendo aplausos.

INTERESSE-PRÓPRIO: Não tentes impor-se sobre minha fé. Deixe-me livre para proceder como desejar, e assim o acompanharei.

CRISTÃO: Nem um passo adiante, a não ser que faças como lhe fora proposto.

INTERESSE-PRÓPRIO: Nunca hei de renunciar aos meus princípios antigos, pois são inofensivos e me trazem muito lucro. Se não posso seguir convosco, farei como estava a fazer antes de me encontrarem: caminharei sozinho até que algum outro se agrade de minha companhia.

{249} Vi, então, no meu sonho, que Cristão e Esperança o abandonaram, mantendo certa distância adiante dele. Um deles, ao olhar para trás, avistou três homens seguindo a Interesse-Próprio, o qual dirigiu-lhes respeitosa saudação ao se aproximarem. Os senhores se chamavam Apego-ao-Mundo, Amor-ao-Dinheiro e Avareza, com os quais Interesse-Próprio tinha certa familiaridade, pois haviam estudado juntos quando jovens, sob tutela do mestre Caturrice, na escola do Amor-ao-Lucro, situada na Cidade de Cobiça, ao norte. Foram ensinados sobre a arte do ganho, tanto pela violência, fraude, adulação, mentira, como sob o disfarce da religião. Os quatro cavalheiros aprenderam profundamente a arte de seu mestre, a ponto de serem capazes de passar o conhecimento adiante.

{250} Quando, então, saudaram-se uns aos outros, o senhor Amor-ao-Dinheiro, ao avistar de longe Cristão e Esperança, disse ao senhor Interesse-Próprio: “Quem são aqueles adiante de nós?”

A imagem dos peregrinos segundo Interesse-Próprio

INTERESSE-PRÓPRIO: São conterrâneos de uma cidade distante que, a seu modo, estão em peregrinação.

AMOR-AO-DINHEIRO: Ora essa! Por que não seguram o passo para que gozemos de sua boa companhia? Acredito que todos nós estejamos em peregrinação.

INTERESSE-PRÓPRIO: Estamos, sim. Mas esses homens são tão

rígidos, amam tanto as próprias concepções e têm tão pouca estima para com as opiniões alheias, que não importa o quão devoto seja o indivíduo: se não anda conforme suas regras, logo se afastam de sua companhia.

{251} AVAREZA: Isso é mau. Mas há nos livros exemplos de pessoas justas demais; a rigidez de homens assim se acentua no julgamento e condenação de outrem, mas nunca de si mesmos. Pergunto-me agora quais e quantos foram os motivos de divergência entre vós.

INTERESSE-PRÓPRIO: Eles, com sua teimosia, afirmam que devem persistir em avançar na jornada, não importa o clima; eu sou a favor de esperar pelo vento e pela maré. Eles estão dispostos a arriscar tudo por Deus em um piscar de olhos; eu sou a favor de aproveitar todas as vantagens a fim de manter seguros a mim e a meus bens. Eles se apegam aos seus preceitos ainda que todos os outros se oponham a eles; eu sou a favor de defender a religião até onde me permitirem os tempos e minha segurança. Eles reconhecem a religião mesmo quando em trapos e vilipendiada; eu sou a favor dela quando calçada em sandálias douradas, andando à luz do sol e recebendo aplausos.

{252} APEGO-AO-MUNDO: E deves continuar assim, bom senhor Interesse-Próprio. Pela minha parte, ele não passa de um tolo que, tendo a liberdade de manter suas posses, age com tamanha insensatez a ponto de perdê-las. Sejamos sábios como as serpentes e ceifemos a erva à luz do sol; vês como a abelha repousa durante todo o inverno e só se movimenta quando pode obter algum proveito? Deus ora manda chuva, ora sol; se são tão néscios e desejam sair sob chuva, sigamos contentes aproveitando o bom tempo. Pela minha parte, agrada-me mais a religião que garante as bênçãos de Deus sobre nós. Pois se Deus nos concedeu as coisas boas desta vida, quem seria tão destituído de razão a ponto de imaginar que Ele se agradaria ao ver-nos renunciá-las por Sua causa? Abraão e Salomão enriqueceram na religião. E Jó disse que

um bom homem deve guardar ouro como pó. Mas o homem que segue adiante de nós não deve ser assim, se for mesmo como descrevestes tu.

AVAREZA: Acredito que concordemos todos nesse ponto. Portanto, não se faz necessário alongarmo-nos no assunto.

AMOR-AO-DINHEIRO: Não, de fato, não precisamos estender o assunto. Pois aquele que não crê nem nas Escrituras, nem na razão (e tu podes ver que temos ambos ao nosso favor), também não terá ciência da própria liberdade, nem buscará a própria segurança.

{253} INTERESSE-PRÓPRIO: Irmãos, como podem ver, estamos todos em peregrinação; para melhor nos desviarmos do mal, peço permissão para vos propor uma questão. Suponhamos que um ministro, ou um comerciante, tivesse bem diante de seus olhos a oportunidade de alcançar as boas dádivas desta vida, mas não pudesse de forma alguma aproveitá-la sem se tornar extremamente zeloso, ao menos na aparência, em alguns pontos da religião com que não se preocupava até então. Se o homem se utilizar destes meios para alcançar seu objetivo, poderá ser considerado honesto?

{254} AMOR-AO-DINHEIRO: Vejo a raiz de tua questão. Com a licença dos bons cavalheiros, aplicarei meus esforços em elaborar uma resposta. Primeiro, tratando a questão como que se tratando de um ministro: suponhamos que este, um homem digno, não se valesse de mais que um pequeno benefício eclesiástico, mas tivesse diante de si uma oferta incomparavelmente maior. Teria ao seu alcance a chance de obtê-la, bastando-lhe estudar um bocado mais, pregar com mais frequência e com mais zelo e, por fim, alterar alguns de seus princípios, pois o temperamento das pessoas o exige. Pela minha parte, não vejo razão que o impeça de fazê-lo, desde que tenha a vocação, e continue a ser um homem honesto. Isso porque:

{255} 1. Seu anseio por um benefício mais alto é lícito; sobre isso

não há discussão, desde que lhe tenha sido oferecido por Providência Divina. Portanto, é permitido que aceite a oferta sem necessidade de questionamentos à consciência.

{256} 2. Além disso, seu anseio pelo benefício o fará um pregador mais estudioso e mais zeloso; por consequência, um homem melhor. O levará a aprimorar seu papel, gesto que está em conformidade com a vontade de Deus.

{257} 3. Agora, quanto à sua atitude de divergir dos próprios princípios a fim de se conformar ao temperamento das pessoas para servi-las, isso implica em três conclusões: primeiro, seu temperamento é de autonegação; em segundo lugar, sua conduta é doce e exitosa; em terceiro, encaixa-se com perfeição à função ministerial.

{258} 4. Concluo, portanto, que ao trocar o pequeno pelo grande, um ministro não deve ser tomado por ganancioso; pelo contrário, deve ser visto como alguém que atende ao seu chamado, pois haverá de aprimorar o exercício de suas funções ao aceitar a boa oportunidade que lhe fora dada.

{259} Partiremos agora à segunda parte da questão, que diz respeito ao comerciante. Suponhamos que o homem possua apenas uma modesta venda, mas, ao tornar-se religioso, aperfeiçoa seu negócio, talvez se case com uma mulher de família abastada, ou atraia clientes muito mais ricos à sua loja. Pela minha parte, não vejo razão pela qual não se possa fazê-lo licitamente.

1. Converter-se à religião é uma virtude, seja qual for o meio pelo qual o fez.

2. Tomar uma esposa rica é também aceitável, assim como atrair clientes abastados para o comércio.

3. Além disso, o homem que enriquece ao se tornar religioso obtém uma coisa boa de outra coisa boa, fazendo-se bom a si

mesmo. Eis aqui, então, uma boa esposa, bons clientes e alto lucro, tudo por se tornar religioso, o que também é bom. Portanto, tornar-se religioso para alcançar tantos ganhos é um projeto lucrativo e bom.

{260} Essa resposta, dada pelo senhor Amor-ao-Dinheiro à questão do senhor Interesse-Próprio, fora ovacionada por todos os cavalheiros presentes; concluíram ser ela sã e vantajosa. E porque pensavam que homem algum poderia contestá-la, apressaram o passo para fazer o mesmo questionamento a Cristão e a Esperança, principalmente por terem antes discordado de Interesse-Próprio. Chamaram por eles, que por sua vez pararam de caminhar, esperando os cavalheiros chegarem à altura do caminho em que estavam. Enquanto se aproximavam de Cristão e Esperança, decidiram que o senhor Apego-ao-Mundo, em vez de Interesse-Próprio, é que deveria propor-lhes a questão, pois presumiram que dessa forma sua resposta estaria livre de qualquer resquício de exaltação que os incutira antes, ao conversarem com Interesse-Próprio.

Alcançaram os peregrinos e, após uma breve saudação, o senhor Apego-ao-Mundo propôs o questionamento a Cristão e seu companheiro, ordenando-lhes que respondessem se fossem capazes.

CRISTÃO: Até mesmo um recém-chegado à religião é capaz de responder a milhares de perguntas como essa. Pois se é ilícito seguir a Cristo em busca de pão (como diz o capítulo seis de João), mais abominável ainda será fazer dele e da religião um pretexto para obter e gozar do mundo! Nenhum outro tomaria tal concepção por certa a não ser pagãos, hipócritas, demônios e bruxas.

{261} 1. Quanto aos pagãos: quando Hamor e Siquém desejaram a filha e o gado de Jacó, e viram que não havia outro jeito de o conseguirem senão ao serem circuncidados, disseram aos seus companheiros: "Se cada um de nossos homens for circuncidado como são eles, não serão o gado e o seu produto, além de todas as

feras pertencentes a eles, nossos?” A moça e o gado eram o que procuravam adquirir, e sua religião era apenas um pretexto para chegarem àquilo que almejavam. Podeis ler a história toda. (Gn 34.20-23)

{262} 2. Os hipócritas fariseus também seguiam a mesma espécie de religião. Em público, faziam longas orações, mas isso era apenas um pretexto, pois sua intenção era tomar as casas de pobres viúvas. O resultado fora ainda maior condenação da parte de Deus. (Lc 20.46-47)

{263} 3. Judas, o demônio, fora outro adepto dela. Era religioso pela bolsa e pelo que ela continha; mas foi esquecido, rejeitado e tornou-se o próprio filho da perdição.

{264} 4. Simão, o feiticeiro, também era dessa religião; pois teria recebido o Espírito Santo, e a partir dele tentara obter dinheiro; sua sentença foi então proferida por Pedro. (Atos 8: 19-22)

{265} 5. Não me sairá da mente que todo homem que adere a uma religião por causa do mundo também haverá de lançá-la fora por causa do mundo. Pois tão certo quanto Judas renunciou ao mundo para tornar-se religioso, assim também vendeu a religião e seu Mestre por amor ao mundo. Portanto, responder afirmativamente a essa questão, como me parece que tens feito, e aceitar essa

resposta como verdadeira é ser pagão, hipócrita e demoníaco. Assim, vossa recompensa será conforme vossas obras.

Ao ouvirem a resposta de Cristão, encaravam uns aos outros, mas não encontravam qualquer argumento para replicá-lo. Esperança também aprovou a saudável resposta; e fez-se um enorme silêncio entre todos eles. Senhor Interesse-Próprio e seus companheiros, desconcertados, seguraram o passo a fim de que Cristão e Esperança os ultrapassassem. Então, Cristão disse ao seu companheiro: “Se estes homens não suportam a sentença dos

homens, que farão perante a sentença de Deus? Se ficam mudos quando repreendidos por vasos de barro, que farão quando forem reprovados pelas chamas de um fogo consumidor?”

{266} Então, Cristão e Esperança saíram outra vez até chegarem a uma agradável planície chamada Alívio, por onde passaram com alegria. No entanto, a planície era exígua, por isso logo chegaram ao seu fim. Na extremidade daquela planície, havia uma pequena colina chamada Lucro e, em cima dela, uma mina de prata. Alguns peregrinos, em tempos antigos, se desviaram do caminho para vê-la, pois se tratava de uma raridade, mas, chegando demasiado próximo à beira do abismo, pisaram em solo instável e terminaram mortos. Alguns outros acabaram por ficar aleijados, e até o fim de seus dias não voltaram a ser os mesmos.

{267} Vi, então, em meu sonho, que a certa distância da estrada, próximo à entrada da mina, estava Demas convidando os caminhantes a parar e contemplar; dirigiu-se, então, a Cristão e seu companheiro: “Ei! Desviai-vos para cá e vos mostrarei algo.”

CRISTÃO: Que coisa poderia ser tão digna de contemplação a ponto de nos desviar do nosso caminho?

DEMAS: Há aqui uma mina de prata onde se pode cavar e encontrar tesouros. Se vierdes aqui, com alguns poucos esforços ficarão ricos.

{268} ESPERANÇA: Vamos até lá olhar!

CRISTÃO: Não, eu não irei. Já ouvi acerca desse lugar e de quantos foram mortos ali. Além disso, riquezas são armadilhas para aqueles que as buscam, pois atrapalham a peregrinação.

Então, Cristão disse a Demas: “O lugar não é perigoso? Não tem já prejudicado a jornada de muitos peregrinos?” (Os 14.8)

DEMAS: Não, não é muito perigoso, somente para os descuidados

(todavia, seu rosto enrubesceu enquanto falava).

Cristão se dirigiu a Esperança e disse: “Não daremos um só passo para fora do caminho; mantenhamo-nos na estrada.”

ESPERANÇA: Garanto que, quando Interesse-Próprio chegar a essa altura do caminho, se receber o convite que recebemos, se desviará do caminho para olhar a mina.

CRISTÃO: Não tenho dúvidas, pois seus princípios o levam a fazê-lo. É quase certo que ali encontre a morte.

Demás os chamou uma vez mais, dizendo: “Então não virão olhar a mina?”

{269} CRISTÃO: Demás, tu és um inimigo das retas veredas do Senhor deste caminho, e já foste condenado por um dos juízes da Sua Majestade, pois haveis te desviado. (2 Tm 4.10) Por que tentas arrastar-nos para a condenação que recebeste? Além disso, se nos desviarmos do caminho, nosso Senhor e Rei certamente saberá, e nos envergonhará onde menos desejamos ser envergonhados: em sua presença.

Demás clamou novamente, dizendo ser membro da mesma fraternidade, e afirmou que, se aguardassem um pouco, caminharia com eles.

{270} CRISTÃO: Como te chamas? Não é teu nome aquele pelo qual lhe chamei?

DEMÁS: Sim, me chamo Demás e sou filho de Abraão.

CRISTÃO: Conheço quem és. Geazi foi teu bisavô, e Judas, teu pai; tu seguiste os mesmos passos por eles trilhados. (2 Rs 5.20; Mt 26;14,15; 27.1-5) Tentaste pregar-nos uma peça demoníaca. Teu pai fora enforcado por ser um traidor; tu não mereces recompensa melhor. Tenhas a certeza de que, quando nos apresentarmos ao Rei,

diremos a ele acerca do que se passara aqui.

Assim, seguiram caminho.

{271} A essa altura, Interesse-Próprio e seus companheiros estavam à vista. Ao primeiro aceno, caminharam na direção de Demas. Agora, se caíram no abismo ao pisar em solo instável, ou se desceram para cavar em busca de tesouros, ou se foram sufocados pela molúria que normalmente surge, não sei. O que sei é que nunca mais foram vistos outra vez no caminho. Cristão, apercebendo-se disso, cantou:

Senhores Interesse-Próprio e Demas da prata são bem semelhantes;

Um chama, o outro atende mui prontamente em poucos instantes.

Cavam em busca de prata, depois consideram partilhar a sorte;

Abraçam os prazeres do mundo, mas nada adquirem senão sua morte.

{272} Vi, então, que do outro lado da planície os peregrinos chegaram a um lugar onde havia sido erguido um antigo monumento. Ao avistarem-no, ambos se espantaram, pois lhes parecia a imagem de uma mulher transformada em uma espécie de pilar. Ficaram imóveis, observando o monumento por um longo tempo, incapazes de compreender o que viam. Até que Esperança encontrou acima da cabeça da estátua uma frase escrita em caligrafia incomum, mas, por ser pouco versado na leitura, chamou Cristão (pois fora instruído nas letras) para tentar descobrir o significado. Cristão passou os olhos atenciosamente sobre o letreiro e, depois de juntar uma e outra letra, leu: "Lembra-vos da esposa de Ló". Então, pronunciou em voz alta a frase para o companheiro; ambos concluíram que aquele era o pilar de sal no qual a esposa de Ló havia se tornado ao olhar para trás com coração ganancioso, enquanto era retirada de Sodoma por segurança. (Gn 19.26)

Tamanho espanto deu-lhes ocasião para a seguinte conversa:

{273} CRISTÃO: Ó, meu irmão! Essa visão vem a calhar. Veio em tempo oportuno após o convite de Demas para subir a Colina do Lucro. Tivéssemos nós aceitado, como ele desejava e tu estavas inclinado a fazer, irmão, teríamos nos tornado semelhantes a essa mulher: um espetáculo a ser observado por aqueles que vêm atrás.

ESPERANÇA: Sinto muito por ter sido tão tolo. Surpreende-me que não esteja agora como a mulher de Ló, pois qual fora a diferença entre o pecado dela e o meu? Ela apenas olhou para trás; eu desejei ir até a mina para olhar. Seja a graça engrandecida e eu envergonhado por ter abrigado tamanha vileza em meu coração.

{274} CRISTÃO: Entendamos o que vemos aqui para que tenhamos respaldo no futuro. Essa mulher escapara de um julgamento, pois não fora destruída com a cidade de Sodoma. Todavia, fora assolada por outro, como a vemos aqui transformada num pilar de sal.

ESPERANÇA: É verdade. Ela é para nós um alerta e um exemplo; um alerta para que fujamos do pecado em que caíra, um exemplo do que o julgamento fará àqueles que não se valerem do alerta. Assim também Corá, Datã e Abirão com os duzentos e cinquenta homens, que pereceram em seu pecado, serviram de advertência a outros. (Nm 26.9,10) Mas, acima de tudo, reflito sobre como podem Demas e seus companheiros desviarem-se do caminho à procura de prata com tanta confiança, quando essa mulher, apenas ao olhar para trás, pois não encontramos registrado que tenha desviado um só passo para fora do caminho, fora transformada em um pilar de sal. Isso me preocupa especialmente porque o julgamento que a ela fora aplicado serve de exemplo aos que seguem, pois não podem escolher não a enxergarem ao erguerem seus olhos.

{275} CRISTÃO: É, de fato, algo a se pensar. Isso prova que seus corações estão completamente perdidos; não posso pensar em

alguém a quem se comparem tão adequadamente quanto àqueles que roubam na presença do próprio juiz, ou aos que assassinam perante a força. Foi dito sobre os homens de Sodoma que eram extremamente pecadores, pois eram pecadores diante do Senhor, ou seja, à sua vista, apesar de Sua bondade para com eles (Gn 13.13); a terra de Sodoma era como o jardim do Éden. (Gn 13.10) Isso provocou-o muito mais e fez com que sua praga fosse tão ardente quanto poderia ser o fogo derramado do céu do Senhor. É muito razoável concluir que aqueles que permanecem pecando à vista do Senhor, a despeito de tantos exemplos continuamente apresentados a eles, haverão de merecer condenações mais severas.

ESPERANÇA: Não há dúvida de que dizes a verdade. Mas que imensa misericórdia recebemos eu e tu, especialmente eu, ao termos sido livrados de nos tornarmos exemplos como este! Isso nos dá ocasião para agradecermos a Deus por temermos a Ele e sempre nos lembrarmos da esposa de Ló.

{276} Vi então que prosseguiram viagem e passaram por um rio agradabilíssimo, chamado pelo rei Davi de “o rio de Deus”, e por João de “o rio da água da vida”. (Sl 65.9; Ap 22; Ez 47) Passar pelo rio era parte do caminho, portanto Cristão e seu companheiro puseram-se a caminhar com grande alegria; beberam também de sua água e sentiram grande refrigério, pois seu espírito fora reanimado. Ademais, às margens do rio havia verdíssimas árvores carregadas de toda sorte de frutos, cujas folhas serviam de bons medicamentos. Os peregrinos se deliciaram com os frutos e se alimentaram das folhas a fim de evitar as doenças que acometem os viajantes. O rio era rodeado de prados ornamentados por belos lírios e mantinha-se verde durante o ano todo. Ali, Cristão e Esperança se deitaram e adormeceram, pois sabiam que estavam seguros. Quando despertaram, colheram mais uma porção de frutos das árvores e beberam outra vez da água do rio, então se deitaram novamente para descansar. (Sl 23.2; Is 14.30) Assim continuaram a fazer por muitos dias e noites, cantando:

Contemplai o fluir do rio: tão límpido, cristalino,
É alívio à extenuante jornada de todo peregrino.

Há prados verdejantes, doces aromas ao redor,

Não haverá noutro canto fruto assim, nem melhor.

Aquele que prova da água e das delícias dessa terra aqui,

Há de vender tudo o que tem e comprá-la para si.

Quando se dispuseram a seguir caminho (pois ainda não haviam terminado a jornada), comeram, beberam e partiram.

{277} Vi em meu sonho que não haviam caminhado muito, quando chegaram ao ponto em que se dividia o rio e a estrada, o que não deixou de contristá-los; no entanto, não ousaram desviar-se do caminho. Quanto mais longe do rio, mais áspera se tornava a estrada, e mais sensíveis ficavam os pés dos peregrinos por muito caminharem. Por causa disso, a alma de Cristão e Esperança desanimara do caminho. (Nm 21.4) Embora persistissem, desejavam um caminho melhor. Então, bem diante deles, à direita do caminho, havia uma campina e uma trilha para que passassem por ela; chamava-se Campina-do-Atalho. Cristão disse ao companheiro: "Se essa campina segue junto à estrada pela qual caminhamos, sigamos por ela." Aproximou-se Cristão da trilha da campina para observar melhor por onde seguia, e avistou um atalho que continuava paralelo à estrada, do outro lado. "É exatamente como desejava", disse Cristão, "por aqui a caminhada será facilitada; venha, Esperança, continuemos por aqui."

{278} ESPERANÇA: Mas e se nos perdermos?

CRISTÃO: Não nos perderemos. Veja só, não são paralelos?

Esperança, persuadido por seu companheiro, foi após ele pela

campina. Ao adentrar o atalho, acharam o caminho muito agradável aos seus pés. Avistaram, então, adiante deles um homem a caminhar na mesma direção, cujo nome era Vã-Confiança. Chamaram por ele e perguntaram-lhe para onde levava aquela estrada. O homem lhes respondeu: "Para o Portão Celestial." Então, disse Cristão a Esperança: "Não lhe disse? Sabemos agora que estamos no caminho certo." Seguiram assim os peregrinos alguns passos atrás do homem. Mas a noite caiu e obscureceu-se a estrada, e aqueles que andavam atrás perderam de vista o que estava adiante.

{279} Vã-Confiança, sem poder enxergar o que vinha pela frente, caiu num buraco profundo (Is 9.16), cavado naquela altura do caminho pelo Príncipe daquele solo, a fim de capturar os tolos vangloriosos e reduzi-los a pedaços pela queda.

{280} Cristão e seu companheiro ouviram o som da queda e gritaram pelo cavaleiro para saber o que havia, mas somente o ouviram gemer. Disse Esperança: "Onde estamos?" E Cristão se calou, como que desconfiado de que estavam desviados do caminho. Logo começou a chover, a trovejar e a relampear tremendamente, fazendo elevarem-se as águas. Esperança lamentou consigo mesmo: "Ó, tivesse eu mantido o meu caminho!"

{281} CRISTÃO: Quem poderia prever que este atalho nos levaria para fora do caminho?

ESPERANÇA: Isso era o que eu temia desde o princípio e gentilmente lhe alertei quando sugeriste. Teria falado com mais franqueza, mas tu és mais velho que eu.

Cristão se arrepende de desviar seu irmão do caminho

CRISTÃO: Querido irmão, não se ofenda. Perdoa-me por trazer-te para fora do caminho e colocá-lo nessa situação de iminente perigo. Peço-te que me perdoe, irmão, não tive a intenção de causar mal algum.

ESPERANÇA: Podes aquietar-te, meu irmão, pois lhe dou meu perdão. E acredito, ainda, que isso nos poderá fazer algum bem.

CRISTÃO: Alegra-me muito ter a companhia de tão misericordioso irmão, mas não devemos permanecer aqui. Tentemos retornar.

ESPERANÇA: Sim. Mas peço-te que me deixe caminhar à frente.

CRISTÃO: Se permitires, irei eu à frente, pois se houver algum perigo serei pego primeiro, já que estamos aqui por minha causa.

{282} ESPERANÇA: Não, não irás à frente. Tua mente conturbada pode fazê-lo se desviar ainda mais.

Então, para a felicidade dos peregrinos, ouviram uma voz que dizia: "Presta atenção na vereda, no caminho por onde passaste; regressa às tuas cidades." (Jr 31.21) No entanto, as águas já estavam demasiado elevadas, e por isso o caminho fazia-se ainda mais perigoso. Concluí que é mais fácil achar o desvio do caminho quando se está dentro dele do que retornar quando se está fora. Os peregrinos persistiram em regressar, mas estava tão escuro e a maré tão alta, que, ao lutarem para voltar, foram submersos nove ou dez vezes.

{283} Naquela noite, nem todos os seus esforços seriam suficientes para fazê-los encontrar outra vez a trilha. Por isso, após inúmeras tentativas, encontraram um pequeno espaço onde se abrigar e ali se assentaram até o raiar do dia. Exaustos, adormeceram. Havia perto daquele lugar um castelo chamado Dúvida, cujo dono era o Gigante Desespero; os peregrinos dormiam agora em seu território. Levantando-se o Gigante pela manhã, passeou pelos seus campos e encontrou Cristão e Esperança adormecidos em suas terras. Então, com voz severa e rude, os despertou, perguntando-lhes de onde vinham e o que faziam em seu território. Responderam os viajantes que eram peregrinos perdidos. O Gigante respondeu: "Haveis invadido minha propriedade esta noite, pisando e adormecendo em minhas terras, portanto devem vir

comigo.” Os peregrinos foram forçados a acompanhá-lo, pois era maior e mais forte. Tinham, também, poucos argumentos a seu favor, pois sabiam que haviam cometido um erro. O Gigante os levou adiante de si e os colocou para dentro do castelo, guiando-lhes até uma masmorra escura, asquerosa e malcheirosa ao espírito dos dois bons homens. (Sl 88.18) Ali permaneceram desde a manhã de quarta-feira até a noite de sábado, sem uma migalha de pão ou uma gota de água sequer; sem luz ou qualquer um que se preocupasse em perguntar-lhes como passavam. Estavam presos em solo inimigo, longe de amigos ou conhecidos. Cristão ficou duplamente entristecido, pois fora seu conselho desavisado que os levara a tamanha agonia.

Os peregrinos procuravam por conforto,

Acabaram por adentrar um caminho torto!

Mais um perigo agora os acomete,

Pois a ruína ao prazer da carne compete.

{284} O Gigante Desespero tinha uma esposa, chamada Desconfiança. Ao deitar-se para dormir, contou a ela o que havia se passado, detalhando que havia capturado dois prisioneiros e os prendido na masmorra por invadirem seu território. Então, pediu-lhe sugestão sobre o que fazer a seguir. Desconfiança perguntou ao marido quem eram os prisioneiros, de onde vinham e para onde iam, recebendo a resposta para suas questões. Ela, portanto, o aconselhou a surrá-los sem misericórdia assim que se levantasse pela manhã. Então, logo que despertou o Gigante, tomou um horrendo chicote

e desceu à masmorra onde estavam os peregrinos. Começou a insultá-los como se fossem cães, mas nada respondiam em repúdio ao Gigante. Dedicou-se, então, a surrá-los temivelmente, até não poderem se mover ou revirar-se de um lado para o outro no chão. Feito isso, retirou-se Desespero e os deixou a sofrerem a própria

miséria, lamentando-se de dor e sofrimento. Nada fizeram pelo resto daquele dia senão suspirar e gemer amargamente. Na noite seguinte, Desconfiança conversou com seu marido acerca de como havia prosseguido a situação; entendendo que estavam ainda vivos os peregrinos, disse ao marido que os aconselhasse a tirarem a própria vida. Quando a manhã chegou outra vez, o Gigante foi até Cristão e Esperança, rude como no dia anterior. Vendo que os homens sofriam as dores da surra dada, disse-lhes para refletirem sobre a própria situação, pois nunca deixariam aquela masmorra; logo, a única saída era que terminassem com a própria vida, fosse com o auxílio de uma faca, uma barra de ferro ou veneno. Disse-lhes: "Por que escolheriam a vida, visto que são acometidos por tantos desprazeres?" Todavia, os peregrinos desejavam ser libertos da masmorra e pediam-no ao Gigante. Desespero, por sua vez, os encarou cheio de ira e, de súbito, levantou-se contra eles; decerto teria posto um fim nos dois, não fosse ele atingido pelo próprio golpe, perdendo temporariamente o uso de uma das mãos. Forçado a retirar-se, os deixou sozinhos como antes, refletindo acerca da situação. Os prisioneiros consultaram um ao outro, considerando o conselho do Gigante. Assim fora a conversa:

{285} CRISTÃO: Irmão, que faremos agora? Temos vivido uma vida miserável. Para mim, não sei o que soa melhor: continuar a viver assim ou morrer de uma vez. "Pelo que a minha alma escolheria, antes ser estrangulada; antes a morte do que esta tortura." (Jó 7.15) Devemos fazer como diz o Gigante?

{286} ESPERANÇA: De fato, nossa condição presente é terrível; a morte seria por mim recebida com mais agrado que permanecer em tamanha miséria. Ainda assim, consideremos o que disse o Senhor da pátria para onde nos dirigimos: "Não matarás"; se nos proibiu de fazê-lo a outrem, quanto mais a nós mesmos. Além disso, aquele que mata a outro comete homicídio contra o corpo, mas aquele que mata a si mesmo mata de uma só vez o corpo e a alma. Meu irmão, tu falas de alívio após o sepulcro, mas por acaso te esqueceste do inferno para onde vão os que matam? "Pois nenhum assassino tem a

vida eterna.” Agora, lembremo-nos também que a lei não está por completo nas mãos do Gigante Desespero. Pelo que entendo, outros foram antes presos por ele como estamos agora; todavia, escaparam de suas mãos. Quem sabe se Deus, Criador de tudo o que há, fará morrer o Gigante Desespero, ou talvez permitir que se esqueça de nos trancar aqui? Ou, ainda, venha novamente surrar-nos e com um dos próprios golpes perca um de seus membros? Se assim acontecesse, estou disposto a aplicar todas as minhas energias e tentar até o meu último suspiro fugir de seu domínio. Fui um tolo por não ter tentado antes; contudo, irmão meu, sejamos pacientes e suportemos um pouco mais. Haverá de chegar a hora feliz em que seremos libertos, mas não sejamos nossos próprios assassinos.

Com essas palavras, Esperança foi capaz de acalmar o espírito de seu irmão. Então, continuaram juntos naquele dia, mesmo que na escuridão, em sua condição miserável e dolorosa.

{287} À tarde, o Gigante desceu à masmorra outra vez para ver se os prisioneiros haviam agido conforme aconselhara. Mas, ao abrir a masmorra, encontrou a ambos com vida, embora debilitadíssimos, pois, pela falta de água e comida e por causa das feridas que lhes cobriam a carne, nada podiam fazer além de respirar. Seja como for, vivos estavam. E por isso o Gigante se enfureceu, dizendo-lhes que, se desconsiderassem seu conselho outra vez, prefeririam jamais ter nascido.

{288} Os peregrinos estremeceram de medo, e acredito que Cristão tenha desmaiado. Mas, voltando um pouco a si, recorreram novamente sobre o conselho do Gigante. Cristão se inclinara mais uma vez a segui-lo, mas Esperança argumentou de novo.

{289} ESPERANÇA: Irmão, não te lembras quão valente tens sido até aqui? Apolião não pôde derrotá-lo, nem qualquer outro daqueles que ouviste, viste ou sentiste no Vale da Sombra da Morte. Por quantas dificuldades, terrores e assombros passaste! Agora te reduces a medo! Vejas que na masmorra estou eu, homem de

natureza muito mais fraca que a tua, junto contigo. Este Gigante me ferira tanto quanto a ti, e tem negado pão e água à minha boca como tem feito à tua; ambos estamos rodeados de escuridão. Exercitemos, porém, um pouco mais a paciência; lembra-te do valor que mostraste na Feira da Vaidade: não temeste as correntes, nem a gaiola, nem mesmo a morte violenta. Por isso, suportemos o quanto pudermos, para evitarmos a vergonha.

{290} Anoiteceu, e o Gigante com sua esposa deitaram-se para dormir. Desconfiança perguntou ao marido a respeito dos prisioneiros, procurando saber se já haviam seguido seu conselho. Desespero respondeu: "Os patifes são fortes; preferem suportar todo o sofrimento a terminar com a própria vida." Então, ela lhe disse: "Leve-os ao pátio do castelo amanhã cedo e mostre a eles os restos e ossos daqueles que já dizimaste; faça-os acreditar que antes do final da semana tu os despedaçarás, assim como fizeste a outros antes deles."

{291} Ao raiar do dia, o Gigante foi ao encontro dos peregrinos e os levou ao pátio do castelo, onde lhes mostrou as ossadas, conforme havia mandado sua esposa, dizendo: "Esses foram peregrinos como vós um dia. Invadiram minha propriedade como vós e, no tempo oportuno, os parti em pedaços. Assim vos farei dentro de dez dias. Ide, voltaí para a vossa masmorra." E surrou-os por todo o caminho de volta. Portanto, passaram o sábado em lamentável condição, como antes. Quando outra noite caiu, e a senhora Desconfiança pôs-se a conversar com o marido, prolongaram-se a respeito dos prisioneiros. O velho Gigante ponderou que não foi capaz de vindimá-los por meio de seu conselho, nem com as surras. Então, sua esposa respondeu-lhe: "Temo que esperem a chegada de alguém para libertá-los e trazer alívio, ou que tenham tido acesso a alguma chave falsa, por meio da qual planejam sua fuga. Achas que possa ser possível, querido?" E o Gigante respondeu: "Procurarei saber pela manhã."

{292} À meia-noite de sábado, os peregrinos se puseram a orar e

assim continuaram até quase o raiar do dia. Pouco antes de amanhecer, o bom Cristão, como que perplexo, irrompeu num discurso intenso, dizendo: “Ó, tremendo tolo que sou! Deitar-me ao chão de uma masmorra malcheirosa, enquanto poderia andar em liberdade. Tenho em meu bolso uma chave chamada Promessa; creio que ela abrirá qualquer fechadura no Castelo da Dúvida.” E Esperança respondeu: “Que tremenda notícia! Tire-a do teu bolso, irmão, tentemos escapar!”

{293} Uma chave no bolso de Cristão, chamada Promessa, abre qualquer fechadura do Castelo da Dúvida

Cristão tirou do bolso a chave e a encaixou na fechadura da porta, cujo trinco recuou ao virar a chave, abrindo a porta com grande facilidade. Cristão e Esperança saíram da masmorra, depois se dirigiram à porta exterior que os levava ao pátio do castelo, a qual também fora aberta pela chave de Cristão. Depois, dirigiram-se para o portão de ferro e, embora a fechadura estivesse mais dura que a anterior, abriram-na também. Então, se esforçaram para abrir o portão e fugir depressa, mas o barulho fora tão alto que acordou o Gigante Desespero. Levantando-se apressadamente para retomar seus prisioneiros, falharam-lhe as forças, pois fora atingido novamente por um de seus golpes, e não foi capaz de persegui-los. Prosseguiram Cristão e Esperança, retornaram ao caminho do Rei, e viram-se seguros, pois já caminhavam fora dos domínios do Gigante.

{294} Ao saírem da trilha que passava pela campina, planejaram entre si uma forma de alertar outros peregrinos a fim de evitar que caíssem nas mãos do Gigante Desespero. Concordaram, portanto, em erguer um pilar e escrever nele a sentença: “Ao final deste caminho fica o Castelo da Dúvida, cujo dono é o Gigante Desespero, que despreza o Rei do País Celestial e se esforça para destruir seus santos peregrinos.” Muitos que vieram depois deles leram seu escrito e escaparam do perigo. Feito isso, cantaram Cristão e Esperança:

Nos desviamos do caminho e caímos na armadilha

A um terreno proibido nos levou a bela trilha;

Sede cuidadosos, viajantes que vindes atrás,

Vigiai o bom caminho e mantenham vossa paz.

Não pisai em solo inimigo ou far-se-ão prisioneiros

O castelo chama-se Dúvida, e o seu dono é Desespero.

{295} Caminharam até chegar às Montanhas Deleitantes, pertencentes ao Senhor daquela colina antes mencionada. Subiram até o cume para contemplar os jardins, pomares, vinhas e fontes, onde também saciaram sua sede, se lavaram e comeram livremente das vinhas. Havia ali no topo da montanha alguns Pastores apascentando seus rebanhos; estavam agora à beira do caminho. Os Peregrinos, portanto, achegaram-se a eles, e, apoiados em seus bordões (como é comum fazerem os viajantes cansados quando param na estrada para falar com alguém), perguntaram:

A quem pertencem essas belas Montanhas Deleitantes

E os rebanhos apascentados em seus pastos verdejantes?

Caminham os peregrinos para o topo da montanha

E encontram bons Pastores com admiração tamanha.

Recomendam-lhes belezas criadas pelo Senhor;

Peregrinos seguem firmes na fé e no temor.

{296} PASTORES: Essas montanhas pertencem a Emanuel; delas se pode enxergar sua Cidade. As ovelhas também lhe pertencem; entregara a própria vida por elas. (Jo 10.11)

CRISTÃO: É este o caminho para a Cidade Celestial?

PASTORES: Sim, já estais nele.

CRISTÃO: Qual a distância daqui até lá?

PASTORES: Longe demais para os que não hão de chegar, mas perto para aqueles que persistirem.

CRISTÃO: O caminho é seguro ou perigoso?

PASTORES: É seguro para aqueles a quem há de ser seguro; mas os transgressores encontrarão nele ruína. (Os 14.9)

CRISTÃO: Há aqui algum alívio para os peregrinos cansados e desfalecidos?

PASTORES: O Senhor dessas montanhas nos incumbiu de sermos hospitaleiros. Portanto, está à vossa disposição tudo o que há de bom. (Hb 13.1-2)

{297} Vi, também, em meu sonho, que quando os Pastores perceberam que aqueles eram peregrinos, começaram a questioná-los, enquanto eles respondiam como fizeram em outros lugares por onde passaram: de onde vindes? Como entrastes no caminho? Como ultrapassaram os obstáculos para chegar até aqui? Pois poucos que iniciam a jornada chegam a apresentar-se nessas montanhas. Quando os Pastores ouviram as respostas dos peregrinos, alegraram-se e os olharam com amor, dizendo: "Sejam mui bem-vindos às Montanhas Deleitantes".

{298} Os Pastores, cujos nomes eram Ciência, Experiência, Vigilância e Honestidade, tomaram os peregrinos pela mão e os levaram às tendas para eles preparadas, os tornando participantes de tudo o que ali havia. Disseram: "Permanecei por um tempo aqui para que vos familiarizeis conosco e sejais consolados pelos deleites das montanhas." Cristão e Esperança responderam que muito se alegrariam em ficar, então se retiraram para o seu descanso, pois era tarde.

{299} Vi, então, em meu sonho, que pela manhã os Pastores chamaram Cristão e Esperança para um passeio por sobre as montanhas. Andaram juntos por um tempo, acompanhados de belas paisagens por todos os lados. Os Pastores disseram uns aos outros: "Haveremos de mostrar a estes peregrinos algumas maravilhas?" Após decidirem fazê-lo, os levaram até o topo de uma colina chamada Erro, íngreme do lado oposto, e ordenaram que olhassem para baixo. Ao atenderem o pedido, Cristão e Esperança avistaram inúmeros homens despedaçados pela queda do topo da montanha abaixo. Cristão perguntou: "O que significa isso?" E os Pastores responderam: "Não ouviste falar dos que foram levados ao erro por darem ouvidos a Himeneu e Fileto quanto à fé na ressurreição do corpo"? (2 Tm 2.17,18) Ao que os peregrinos responderam afirmando que sim. Então, continuaram os Pastores: "São estes que vedes despedaçados na parte baixa da montanha; permanecem até o dia de hoje desenterrados, para servirem de exemplo aos outros, e para que não subamos alto demais, nem nos acheguemos muito à beira desta montanha".

{300} Vi os peregrinos serem levados para o topo de outra montanha, cujo nome era Cautela, e ordenados a olhar para o horizonte. Avistaram, então, diversos homens andando para cima e para baixo por entre os túmulos que ali jaziam. Até que perceberam que os homens eram cegos, pois às vezes tropeçavam nos túmulos e porque não conseguiam sair dali. Cristão perguntou: "O que significa isso?"

{301} PASTORES: Vedes, um pouco mais abaixo, uma trilha que dá para um prado à esquerda do caminho? Ela leva direto ao Castelo da Dúvida, cujo dono é o Gigante Desespero. Esses homens que vedes por entre os túmulos vieram em peregrinação, assim como vós, por aquela mesma trilha. Por ser o caminho reto áspero demais, escolheram continuar pela trilha que vai sobre o prado, e assim foram levados até o Gigante Desespero e feitos prisioneiros no Castelo da Dúvida. Depois de um tempo presos na masmorra, o

Gigante arrancou-lhe os olhos e os deixou perdidos por entre os túmulos, onde continuam a vagar até o dia de hoje para que o desejo do sábio se cumpra: "O homem que se desvia do caminho do entendimento na congregação dos mortos repousará." (Pv 21.16)

Cristão e Esperança olharam um para outro e nada disseram aos Pastores.

{302} Vi, em meu sonho, que os Pastores os levaram para outro lugar, no fundo do vale, onde havia uma porta ao lado da colina, a qual abriram e pediram que olhassem o que havia dentro dela. Os peregrinos olharam e perceberam que estava muito escuro e cheio de fumaça; também pensaram ouvir um som ensurdecedor como de fogo, junto ao clamor de pessoas que pareciam ser atormentadas e um forte cheiro de enxofre. Cristão perguntou: "O que significa isso?"

PASTORES: Essa é uma pequena porta do inferno, por onde entram os hipócritas que vendem sua primogenitura, como fez Esaú; que vendem seu mestre, como fez Judas; que blasfemam contra o evangelho, como fez Alexandre; que mentem e atuam, como fizeram Ananias e Safira.

ESPERANÇA: Pelo que vejo, esses homens receberam um sinal dos peregrinos, como nós, não receberam?

{303} PASTORES: Sim, e alguns por bastante tempo.

ESPERANÇA: Até onde chegaram em sua peregrinação antes de se perderem miseravelmente?

PASTORES: Alguns chegaram para além dessas montanhas, outros não se afastaram muito.

Os peregrinos então disseram um ao outro: "Devemos pedir força Àquele que é poderoso."

PASTORES: Sim, e precisarão também usá-la quando necessário.

{304} Os peregrinos desejavam agora prosseguir viagem, e os Pastores concordaram; então, caminharam juntos até o final das montanhas. Disseram os Pastores uns aos outros: "Mostremos aos Peregrinos os portões da Cidade Celestial, se puderem vê-la através de nossos óculos."

{305} Portanto, esforçaram-se para olhar, mas a lembrança do que haviam visto por último fazia suas mãos tremerem. Por causa disso, não puderam olhar fixamente através dos óculos, mas tiveram a impressão de avistarem algo parecido com um portão e alguma coisa gloriosa naquele lugar. Depois, foram embora cantando:

"Os Pastores revelaram-nos segredos grandiosos

Que não serão mostrados nem mesmo a poderosos.

Vinde aos Pastores, se desejardes compreender

Mistérios mui profundos que hão de te valer."

{306} Quando estavam prestes a partir, um dos Pastores deu-lhes instrução do caminho que deveriam seguir. Outro os alertou a serem cautelosos contra o Adulador. O terceiro disse-lhes que tomassem cuidado para não adormecerem no Terreno Encantado. E o quarto desejou-lhes boa viagem, os despedindo sob a proteção de Deus. Então, acordei do meu sonho.

{307} Todavia, adormeci outra vez e continuei a sonhar. Vi os mesmos Peregrinos descenderem as montanhas a caminho da Cidade. Pouco abaixo das montanhas, ao lado esquerdo, ficava o país da Prepotência, de onde saía um tortuoso atalho para a estrada onde andavam os Peregrinos. Encontraram ali com um rapaz muito acelerado vindo do país; chamava-se Ignorância. Cristão perguntou-lhe de onde viera e para onde se dirigia.

{308} IGNORÂNCIA: Nasci no país que fica à esquerda da estrada, senhor. Caminho para a Cidade Celestial.

CRISTÃO: Mas como planejas adentrar o portão? Pois pode ser que encontre certa dificuldade.

IGNORÂNCIA: Conheço a vontade do meu Senhor e tenho sido um bom cidadão. Pago o que devo, oro, jejuo, pago o dízimo, dou esmolas e deixei o meu país para alcançar o meu destino.

{309} CRISTÃO: Mas tu não entraste pela porta estreita que está na extremidade dessa estrada; vieste por um atalho tortuoso. Temo que, embora penses assim de si mesmo, quando chegar o dia da contagem, terás na tua conta o título de ladrão em vez de ser aceito na Cidade.

IGNORÂNCIA: Cavalheiros, nada sois senão estranhos para mim; não vos conheço. Prossegui satisfeitos e segui a religião do vosso país, enquanto sigo a religião do meu. Espero que tudo suceda bem. E, quanto à porta que mencionaste, todos sabem que fica demasiado longe do nosso país. Não creio que haja alguém por essas bandas que conheça sequer o caminho que leva para lá. Mas também não precisamos nos preocupar com isso, pois, como vedes, temos um atalho cuja grama é verde e agradável que dá direto nessa estrada.

{310} Quando Cristão percebeu que o rapaz era “sábio aos próprios olhos”, sussurrou para Esperança: “Maior esperança há no insensato do que nele”. (Pv 26.12) E continuou: “Quando o tolo vai pelo caminho, falta-lhe o entendimento; e, assim, a todos mostra que é estulto. (Ec 10.3) Que dizes, sigamos conversando com ele, ou apressemos o passo e o deixemos pensando no que dissemos para depois esperarmos até que nos alcance? Será que talvez, pouco a pouco, possamos fazê-lo algum bem?” Esperança respondeu:

Deixemos Ignorância a refletir no que foi dito,

Esperando que pondere seu possível veredito.

Prevaleça sobre ele a boa e sã doutrina,

Lembre bem que os bons tesouros não se encontram numa mina.

Pois Deus fala, quanto aos que nenhum conhecimento detêm,

Que embora os tenha criado, Salvação eles não têm.

ESPERANÇA: Não penso que seja bom dizer-lhe de uma só vez tudo o que deve ouvir. Passemos adiante dele, como sugeriste, e falemos com ele mais tarde se estiver pronto a suportar o que haveremos de dizer.

{311} Ambos prosseguiram, mas Ignorância ficara para trás. Após estarem certa distância à frente, adentraram uma vereda muito escura, onde encontraram um homem atado com cordas grossas por sete demônios que o carregavam de volta para a porta que viram ao lado da montanha. (Mt 12.45; Pv 5.22) O bom Cristão estremeceu de medo, assim como Esperança. Enquanto os demônios carregavam o homem, Cristão olhou para ver se o conhecia, pensando que pudesse ser um cidadão da cidade da Apostasia. Mas não podia ver sua face com clareza, pois se escondia como um ladrão pego roubando. Depois de ter passado, Esperança notou que em suas costas havia um papel em que estava escrito: "Cristão devasso e maldito apóstata."

Cristão disse ao companheiro: "Agora me lembro de uma ocasião sobre a qual ouvira acerca de um homem bom que vive por aqui. Chamava-se Pouca-Fé, mas era um bom cidadão, e habitava na Cidade da Sinceridade. Na entrada dessa passagem pela qual caminhamos, abre-se uma vereda que vem da porta do Caminho-Largo, chamada Vereda dos Mortos. Recebera este nome por causa dos assassinatos que costuma sediar. Aconteceu que Pouca-Fé, peregrino como nós, acabou por parar na cidade e ali adormeceu. Enquanto isso, desciam da vereda que vem do Caminho-Largo três

irmãos malfeitores: Covardia, Desconfiança e Culpa. Ao pousarem os olhos em Pouca-Fé, adormecido, vieram galopando depressa em sua direção. O bom homem já despertava para se levantar e pôr-se a caminhar, quando os três o abordaram com ameaças, ordenando-lhe que ficasse. Pouca-Fé empalideceu e nada pôde fazer, nem teve para onde fugir. Então, disse Covardia: "Entrega a tua bolsa." Mas o infeliz peregrino, demorando a cumprir a ordem por temer perder seu dinheiro, teve o bolso esvaziado por Desconfiança, que rapidamente arrancou de lá uma bolsa de prata. Pouca-Fé gritou: "Ladrões! Ladrões!" E então Culpa, com uma grande clava em mãos, o atingiu na cabeça, fazendo-o cair inconsciente no chão, vertendo rios de sangue a ponto de quase morrer. Os ladrões permaneciam em volta de Pouca-Fé, mas ouvindo os sons de alguém que descia a estrada e, com medo de que fosse um tal de Grande-Graça, habitante de Boa-Convicção, fugiram depressa e deixaram o bom homem à própria sorte. Depois de um tempo, Pouca-Fé voltou a si e, levantando-se, esforçou-se para voltar à sua jornada. Assim foi.

{312} ESPERANÇA: Mas levaram tudo o que tinha o pobre peregrino?

CRISTÃO: Não. Esqueceram-se de procurar onde ficavam guardadas as joias, por isso as pôde manter. Mas soube que o bom homem ficou muito abalado com a perda, pois os ladrões levaram quase todo o dinheiro com que se sustentava. Deixaram-no apenas com as joias, como mencionei, e algumas moedas, mas, com o que sobrara, mal podia chegar ao fim de sua viagem. (1 Pe 4.18) Se não me engano, foi forçado a pedir esmolas no caminho para manter-se vivo, pois não podia vender suas joias. Todavia, mesmo tendo de pedir esmolas, continuou a caminhar, quase sempre faminto.

{313} ESPERANÇA: Estranha-me não lhe terem tirado o rolo pelo qual seria permitido entrar na Cidade Celestial.

CRISTÃO: Concordo. Mas se não o tiraram dele, não fora por causa de suas habilidades, pois, assustado com a abordagem dos três

ladrões, não teria força ou destreza para esconder qualquer coisa deles. Fora por providência divina que ficara com o rolo, não por seus esforços.

{314} ESPERANÇA: Deve ter sido reconfortante para ele perceber que suas joias não foram levadas.

CRISTÃO: Haveria de servir-lhe de conforto, se as tivesse usado como deveria. No entanto, soube que fez pouquíssimo uso delas durante o resto do caminho por causa do susto que levou ao ter seu dinheiro levado. Na verdade, esqueceu-se delas por boa parte da jornada. Além disso, quando se lembrava que as possuía e era confortado, vinha-lhe à memória a grande perda que sofrera e se entristecia outra vez. (1 Pe 1.9)

{315} ESPERANÇA: Ora, pobre homem! Há de ter sofrido um bocado.

CRISTÃO: E como! Sofrera muito, de fato. Não teria qualquer um de nós sofrido tivéssemos sido roubados e feridos num lugar estranho como foi Pouca-Fé? Surpreende-me que não tenha morrido de tristeza, pobrezinho! Soube que fora deixando pelo caminho nada além de lamentações amargas e dolorosas. Dizia a todos os que o encontravam como e onde fora roubado, o quanto fora ferido e que quase não escapara com vida.

{316} ESPERANÇA: Estranho é que suas necessidades não o tenham feito vender ou penhorar algumas de suas joias a fim de encontrar algum alívio na jornada.

CRISTÃO: Tu falas como alguém que nascera ontem. Onde haveria de penhorá-las ou a quem haveria de vendê-las? No país onde fora roubado, não se dá valor a joias; ademais, que alívio poderia encontrar naquele lugar? Se lhe faltassem suas joias quando chegasse ao portão da Cidade Celestial, não teria parte na herança dali (disso sabia bem), o que seria pior do que ser assaltado por centenas de ladrões.

{317} ESPERANÇA: Por que és tão ríspido, irmão? Esaú vendeu sua primogenitura por um prato de lentilhas; a primogenitura era sua maior joia. Se ele a vendeu, por que não o faria Pouca-Fé? (Hb 12.16)

CRISTÃO: Esaú vendeu sua primogenitura, sim, assim como fazem muitos ainda hoje, excluindo a si mesmos da bênção maior, como aconteceu àquele infeliz. Mas debes distinguir Esaú de Pouca-Fé, assim como a condição de um e do outro. A primogenitura de Esaú era típica, mas as joias de Pouca-Fé não eram; o estômago de Esaú era seu deus, mas o de Pouca-Fé não era; Esaú deleitou-se em seu apetite carnal, Pouca-Fé não o fez. Além do mais, Esaú não era capaz de enxergar nada além da satisfação das próprias luxúrias; “Estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura?” (Gn 25; 32) Mas Pouca-Fé, apesar de ter apenas um pouco de fé, o pouco que tinha o protegera de tamanha extravagância como se desfazer de suas joias, preferindo vê-las e apreciá-las, diferente do que fez Esaú à sua primogenitura. Não encontrarás em lugar algum o registro de que Esaú tinha alguma fé; não, nem um pouco dela. Portanto, não é surpresa que aquele em que predomina a carne (como acontece ao homem que não tem fé para resistir) venda a própria primogenitura, a própria alma e tudo mais quanto tiver ao demônio do inferno. Pois homens assim são semelhantes à jumenta selvagem que não pode ser detida. (Jr 2.24) Quando sua mente se rende às luxúrias, farão o que for necessário para satisfazê-las. Mas Pouca-Fé era diferente; sua mente estava nas coisas divinas, sua subsistência nas coisas espirituais. Portanto, por que motivo alguém de tal temperamento venderia suas joias (ainda que alguém as quisesse comprar) a fim de encher a mente de coisas vãs? Dará um homem uma moeda sequer para encher sua barriga com palha? Poderá alguém persuadir a rola a viver de carniça, como o corvo? Ainda que os infiéis, pelos desejos carnis, penhorem ou vendam o que têm e o que são sem hesitar, os fiéis, guardando a fé, ainda que pequena, não o podem fazer. Aqui está explicado, meu irmão, onde erraste.

{318} ESPERANÇA: Reconheço agora. Entretanto, tua reflexão severa quase me enfurecera.

CRISTÃO: Por quê? Tudo o que fiz foi comparar-te aos pássaros recém-nascidos mais espertos, que correm daqui acolá ainda presos à casca. Mas ignore o que disse e tratemos do que importa, assim tudo estará bem entre nós.

ESPERANÇA: Mas, Cristão, estou convencido em meu coração de que estes três sujeitos não passam de covardes, pois fugiram ao ouvirem os passos de alguém que se aproximava. Não poderia Pouca--Fé ter sido um pouco mais corajoso? Penso que deveria ter arriscado enfrentá-los e se rendido somente quando já não havia remédio.

CRISTÃO: Que são covardes, muitos concordam. No entanto, são poucos que se lembram disso na hora da provação. A esse respeito não fora Pouca-Fé nada corajoso, e percebo de ti, meu irmão, que os enfrentaria a princípio, mas logo iria se render. Na verdade, estás assim disposto porque estamos longe dos três ladrões, mas se nos abordassem como fizeram a Pouca-Fé, pensarias de outra forma.

{319} Mas considere que nada são senão ladrões subordinados, servos do rei do abismo sem fim, rei este cuja voz é como a de um leão que ruge. (1 Pe 5.8) Eu mesmo estive em situação semelhante à de Pouca-Fé, e foi terrível. Os três perversos vieram sobre mim e eu, como um Cristão, resisti; então, chamaram seu mestre. A minha vida estaria por um fio, não estivesse eu, por providência Divina, vestido com uma armadura. E embora estivesse bem equipado, saíra da luta com dificuldade. Ninguém pode dizer o que nos sobreveio em combate senão aquele que lutou.

{320} ESPERANÇA: Sim. Mas logo que presumiram ser o Grande-Graça, puseram-se a correr.

CRISTÃO: É verdade. Com frequência fogem depressa, tanto os três como seu mestre, quando Grande-Graça aparece. E não é

surpresa alguma, pois ele é o campeão do Rei. Penso que deves distinguir de certo modo Pouca-Fé do campeão do Rei. Nem todos os servos do Rei são campeões; logo, também não são capazes de tamanhas proezas de guerra quando provados, como ele. Fará sentido pensar que uma criança seria capaz de derrotar Golias como Davi? Ou pensar que uma carriça poderia ter a força de um touro? Alguns são fortes, outros são fracos; alguns são cheios de fé, outros se valem de apenas um pouco dela. Pouca--Fé era um dos fracos, portanto foi derrotado.

{321} ESPERANÇA: Oxalá tivesse aparecido Grande-Graça em seu favor.

CRISTÃO: Se assim tivesse sucedido, teria enchido as mãos com eles. Devo dizer que, embora Grande-Graça seja excelente no uso das armas, e seja capaz de manter seus inimigos à distância, sob a mira da ponta de sua espada, se viessem sobre ele Covarde, Desconfiança e o outro, estaria em grande dificuldade, mas afinal os deitaria ao chão. E quando um homem está caído, tu bem sabes, o que pode fazer?

{322} Quem olha com atenção para o rosto de Grande-Graça enxerga as cicatrizes e cortes em sua pele, os quais dão prova do que digo. Ouvi dizer que, uma vez, quando estava em combate, chegou a perder a esperança de viver. Quantos gemidos, lamentações e bramidos arrancaram esses três perversos de Davi? Heman e Ezequias, embora campeões a seu tempo, também foram forçados a lutar com avidez contra eles, quando assaltados, e passaram por enormes dificuldades. Pedro, em seu tempo, quis provar o que podia fazer, mas, embora alguns digam que ele é o príncipe dos apóstolos, também fora abordado pelos três, e fizeram-lhe tanto que mesmo uma mulher causou em Pedro grande temor.

{323} *A robustez do Leviatã*

Além disso, seu rei está a um assovio de distância. Nunca deixa de

ouvi-los; se em qualquer momento correm perigo, os alcança em auxílio. Sobre ele, dizem: “Se o golpe de espada o alcança, de nada vale, nem de lança, de dardo ou de flecha. Para ele, o ferro é palha, e o cobre, pau podre. A seta o não faz fugir; as pedras das fundas se lhe tornam em restolho. Os porretes atirados são para ele como palha, e ri-se do brandir da lança.” (Jó 41.26-29) O que pode um homem fazer numa situação dessa? Verdade é que se pudesse sempre contar com um cavalo como o de Jó, dispondo de habilidade e coragem para montá-lo, decerto faria coisas notórias. Pois revestirás o seu pescoço de crinas e não temerá o gafanhoto. Terrível é o fogo respirar das suas ventas. Escarva no vale, folga na sua força e sai ao encontro dos armados. Ri-se do temor e não se espanta; e não torna atrás por causa da espada. Sobre ele chocalha a aljava, flameja a lança e o dardo. De fúria e ira devora o caminho e não se contém ao som da trombeta. Em cada sonido da trombeta, ele diz: “Avante! Cheira de longe a batalha, o trovão dos príncipes e o alarido.” (Jó 39.19-25)

{324} Mas quanto a peões como tu e eu, melhor que nunca desejemos encontrar com tal inimigo, nem gloriemo-nos dizendo que faríamos melhor quando ouvimos sobre outros que foram derrotados; nem nos iludamos a pensar que somos fortes, pois os que assim pensam costumam ter o pior dos fins quando enfrentados. Veja o exemplo de Pedro, que mencionei há pouco: gabava-se de que faria melhor que os outros, como sua mente vazia lhe impulsionava a dizer, e suportaria mais que qualquer outro por seu Mestre; quem fora, porém, frustrado e fugira dos perversos? Portanto, quando ouvimos falar de tais assaltos na estrada do Rei, façamos assim:

{325} 1. Saíamos vestidos da armadura, certos de que carregamos nosso escudo, pois fora pela falta deste que o Leviatã foi rendido por aquele que fortemente o sobreveio. Quando o adversário nos toma sem escudo, nada teme. Portanto, aquele que o pode provar disse: “Embracando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno.” (Ef 6.16)

{326} 2. Também é bom pedirmos ao Rei escolta; que nos acompanhe na batalha. Foi assim que Davi se regozijou no Vale da Sombra da Morte; por isso Moisés preferia entregar-se à morte onde estava do que dar um só passo sem seu Deus. (Ex 33.15) Ó, irmão! Se ele nos acompanhar, o que podem mil homens fazer contra nós? (Sl 3.5-8; 27.1-3) Sem ele, porém, cairão os soberbos entre os mortos. (Is 10.4)

{327} Eu, por experiência própria, já estive na batalha. Somente pela bondade daquele que é vencedor é que estou, como vês, vivo; não posso, porém, gabar-me de minha força. Contento-me em não mais encontrar-me em tão terríveis situações, embora tema que não tenhamos ainda ultrapassado todo o perigo. Contudo, não tendo o leão e o urso ainda me devorado, espero em Deus sermos libertos também do próximo filisteu incircunciso.

Então, cantou Cristão:

“Pobre Pouca-Fé, foste por três homens assaltado?

Lembra-te de crer, da boa-fé sê transbordado.

Vitória sobre os inimigos terás de uma só vez,

Senão sobre mil homens, decerto sobre três.”

{328} Absortos nas conversas, seguiram caminho, enquanto Ignorância vinha atrás. Caminharam até chegar num lugar onde viram a estrada se abrir em duas, ambas com aparência de serem corretas, o que os fez ponderar a escolha. Não sabiam qual dos caminhos tomar, portanto decidiram parar para pensar a respeito. Enquanto pensavam sobre o caminho, aproximou-se deles um homem cuja carne era mui negra, coberto por uma capa claríssima, que lhes perguntou o que faziam ali. Os peregrinos responderam que se dirigiam à Cidade Celestial, mas não sabiam ao certo qual dos dois caminhos haveriam de tomar. “Segui-me”, disse o homem, “também me dirijo para lá.” Então, Cristão e Esperança seguiram-no

pelo caminho que decidiu tomar; mas, conforme iam caminhando, perceberam que faziam curvas e mais curvas, pouco a pouco se afastando da cidade onde desejavam chegar. Mesmo apercebidos da situação, continuaram a segui-lo. Pouco tempo depois, sem que se dessem conta, o homem os havia levado até uma rede, na qual viram-se presos e não encontravam saída. Feito isso, a capa branca desprendeuse das costas do homem. Então, viram onde estavam e choraram algum tempo por não encontrarem qualquer saída dali.

{329} CRISTÃO: Agora vejo onde erramos. Não nos alertaram os Pastores quanto aos Aduladores? Agora nos encontramos como diz o sábio: “O homem que lisonjeia a seu próximo arma-lhe uma rede aos passos.” (Pv 29.5)

ESPERANÇA: Os Pastores também nos deram diretrizes acerca do caminho, para termos a certeza de não nos desviarmos. Mas nos esquecemos de lê-las e não pudemos evitar os caminhos do destruidor. Nisso Davi fora mais sábio que nós, pois disse: “Quanto às ações dos homens, pela palavra dos teus lábios, eu me tenho guardado dos caminhos do violento.” (Sl 17.4)

Assim prosseguiram, lamentando-se presos à rede, até que avistaram um dos Seres Reluzentes vindo em sua direção com um pequeno chicote em mão. Ao se aproximar do lugar onde estavam os peregrinos, perguntou-lhes de onde vieram e o que faziam ali. Responderam que eram pobres peregrinos a caminho de Sião, mas que haviam se desviado do caminho por seguirem um homem negro vestido com uma capa branca, o qual havia dito que o seguissem, pois também se encaminhava para lá. Então, disse o Ser Reluzente: “Trata-se de um Adulador. É um falso apóstolo que se transformara num anjo de luz.” (Pv 29.5; Dn 11.32; 2 Co 11.13,14) Em seguida, rompeu a rede e os libertou, dizendo-lhes: “Segui-me para que vos conduza ao caminho reto outra vez.” E os guiou novamente ao caminho que deixaram para seguir o Adulador. Perguntou-lhes Reluzente: “Onde passastes a última noite?” E os peregrinos responderam: “Nas Montanhas Deleitantes junto aos Pastores”.

Foram, então, questionados se não receberam dos Pastores instrução acerca do caminho. Os dois responderam que sim. “Mas tirastes o papel do bolso para lerdes enquanto pensavam no caminho a seguir?”, perguntou Reluzente. E os peregrinos responderam: “Não, pois nos esquecemos”. Questionou-lhes, ainda, se os Pastores não lhes haviam alertado sobre os Aduladores. “Sim, mas não imaginamos que um homem de não bela fala seria um deles.” (Rm. 16.18)

{330} Vi, então, em meu sonho que o Ser Reluzente ordenara os peregrinos a se deitarem. Quando o fizeram, os castigou severamente para lhes ensinar o bom caminho em que deveriam andar (Dt 25.2) e, enquanto o fazia, disse-lhes: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te.” (2 Cr 6.26,27; Ap 3.19) Feito isso, ordenou-lhes que seguissem caminho e prestassem atenção às diretrizes dos Pastores. Os peregrinos agradeceram-no por sua bondade e seguiram tranquilamente pelo caminho reto, cantando:

“Achegai-vos, vós que andai pelo caminho reto,

Vede como os peregrinos desviaram-se decerto.

Numa enorme rede encontraram-se enrolados,

Esqueceram de praticar os conselhos que lhes foram dados.

Um Ser Reluzente, então, os livrou do tal perigo,

E para que fossem cautelosos, aplicara-lhes castigo.”

{331} Depois de certo tempo na caminhada, perceberam que de longe vinha um, sozinho e tranquilo, em sua direção. Cristão disse ao companheiro: “Vem chegando um homem cujas costas estão viradas para Sião”.

ESPERANÇA: Estou vendo. Fiquemos atentos dessa vez, pois pode

se tratar de outro Adulador.

O homem se aproximava pouco a pouco deles. Seu nome era Ateísta e perguntou aos peregrinos para onde estavam indo.

CRISTÃO: Estamos a caminho do Monte Sião.

Ateísta caiu numa profunda risada.

CRISTÃO: Por que te ris?

{332} ATEÍSTA: Dou risada ao ver que sois pessoas tão ignorantes a ponto de se submeterem a tão tediosa jornada, correndo o risco de nada obterem ao final senão a própria viagem.

CRISTÃO: Por que achas que não haveremos de ser recebidos na Cidade Celestial?

ATEÍSTA: Recebidos? Não existe lugar como o que sonhas em parte alguma neste mundo.

CRISTÃO: Mas existe no mundo vindouro.

{333} ATEÍSTA: Quando eu estava em casa, no meu país, ouvi falar desse lugar, e, ao ouvir falar, saí a procurá-lo; venho em busca dessa cidade há vinte anos, mas não encontrei nada desde o primeiro dia em que me pus a buscá-la. (Jr 22.12; Ec 10.15)

CRISTÃO: Ambos de nós, Esperança e eu, ouvimos e cremos que tal lugar existe e que poderemos achá-lo.

ATEÍSTA: Não tivesse eu acreditado, não teria vindo tão longe procurar. Mas, sem nada encontrar (e o teria encontrado se existisse, pois caminhei para mais longe que vós), voltarei para minha casa e buscarei refrigério nas coisas que lancei fora por esperança de encontrar o que, agora sei, não existe.

{334} CRISTÃO: (*para Esperança*) Será verdade o que diz esse homem?

A resposta graciosa de Esperança

ESPERANÇA: Preste atenção, ele é um dos adutores. Lembra-te o que nos custara antes ter dado ouvidos a sujeitos como ele. O que? Dizer que o Monte Sião não existe? Não vimos o portão da cidade quando estivemos nas Montanhas Deleitantes? E não estamos nós andando pela fé? Sigamos em frente, Cristão, para que não sejamos outra vez castigados. (2 Co 5.7) Tu devias me lembrar da lição que aprendemos: "Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento". (Pv 19.27) Digo outra vez, irmão, pare de ouvi-lo e acreditemos "na salvação da alma". (Hb 10.39)

{335} CRISTÃO: Irmão meu, não coloquei a questão por duvidar da verdade de nossa crença, mas para testar a ti e procurar saber se há algum fruto de honestidade em teu coração. Quanto a este homem, sei que fora cegado pelo deus deste mundo. Prossigamos, sabendo que cremos no que é certo, pois "mentira alguma procede da verdade".
(1 Jo 2.25)

ESPERANÇA: Agora me regozijo na esperança da glória de Deus.

Afastaram-se do homem e ele, rindo dos peregrinos, seguiu seu caminho.

{336} Vi em meu sonho que caminharam até chegar a certo país, cujo ar naturalmente fazia um estrangeiro tornar-se sonolento. Ali, Esperança começou a ficar entorpecido e pesado de sono, pelo que disse a Cristão: "Estou agora tão sonolento que mal consigo manter abertos os meus olhos; deitemo-nos aqui para um breve descanso".

CRISTÃO: De forma alguma! Se dormirmos aqui, nunca mais acordaremos.

ESPERANÇA: Por que, irmão? Doce é o sono para o trabalhador; acordaremos renovados se dormirmos agora.

CRISTÃO: Lembras que um dos Pastores nos alertou acerca do Terreno Encantado? Ao dizê-lo, quis aconselhar-nos a evitar o sono; "Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios." (1 Ts 5.6)

{337} ESPERANÇA: Reconheço-me em falta. Estivesse aqui sozinho, teria adormecido e colocaria minha vida em risco. Vejo ser verdade o que disse o sábio: "Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho". (Ec 4.9)

CRISTÃO: Agora, para afastar o sono, façamos proveito de uma boa conversa.

ESPERANÇA: Estou completamente de acordo.

CRISTÃO: Por onde devemos começar?

ESPERANÇA: Onde Deus começara conosco. Mas, por favor, seja o primeiro.

CRISTÃO: Primeiro, cantarei uma canção.

A vós que estais com sono, ouvi dos peregrinos,

Que estenderam em conversa a evitar os desatinos.

Contam logo um ao outro uma história relevante,

Assim mantêm abertos os olhos e não dormitam um só instante.

A comunhão dos santos pode ser um livramento,

Acordando os peregrinos e os livrando do tormento.

{338} CRISTÃO: Deixe-me fazer-te uma pergunta. Como lhe viera

à mente fazer o que fazes agora?

ESPERANÇA: Queres saber como passei a pensar no bem da minha alma?

CRISTÃO: Sim, isso mesmo.

ESPERANÇA: Continuei por um longo tempo a me deleitar nas coisas que se estavam à venda na feira da cidade; agora, acredito que se tivesse permanecido nelas, estaria afundado em perdição e ruína.

CRISTÃO: Que coisas são essas?

A vida de Esperança antes da conversão

ESPERANÇA: Toda sorte de tesouro e riquezas deste mundo. Também me agradavam os motins, as diversões, as bebidas, os xingamentos, as mentiras, a impureza, a transgressão do dia do Senhor e muitas outras que juntas forjavam a destruição da minha alma. Mas, por fim, ouvindo e considerando as coisas divinas, das quais me falaste, e acerca da forma como morrera o bom Fiel por sua fé e procedimento exemplar na Feira da Vaidade, percebi que “o fim de todas as coisas é a morte”. (Rm 6.21-23) E que por causa delas “vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência”. (Ef 5.6)

CRISTÃO: E permaneceste de pronto no poder dessa convicção?

{339} ESPERANÇA: Não, não estava de pronto disposto a conhecer a maldade do pecado, nem a condenação que segue os que o cometem. Antes, quando meu coração começava a ser comovido pela Palavra, me esforçava para fechar os olhos para a sua luz.

CRISTÃO: Mas qual fora a causa de sua resistência às primeiras obras do Espírito de Deus em ti?

{340} ESPERANÇA: Por estas coisas: 1. Não sabia que aquela era a obra de Deus em mim. Nunca pensei que seria despertando para o pecado que Deus iniciaria a conversão de um pecador. 2. O pecado era, ainda, agradável à minha carne, e pesava-me deixá-lo. 3. Não sabia como despedir-me de meus antigos companheiros, pois sua presença e suas atitudes muito me alegravam. 4. Os momentos em que a convicção do pecado me tomava eram para mim tão turbulentos e terríveis que meu coração não podia suportar sequer a

lembrança deles.

CRISTÃO: Então, dizes que por vezes eras capaz de te livrares deste incômodo?

ESPERANÇA: Sim, era. Mas, então, voltava-me outra vez à mente e sentia-me tão mal, talvez até pior, do que me sentira antes.

CRISTÃO: Por quê? O que lhe trazia de volta à mente os teus pecados?

{341} ESPERANÇA: Muitas coisas.

1. Simplesmente encontrar na rua um homem bom;
2. Qualquer leitura que fazia da Bíblia;
3. Se sentia alguma dor de cabeça;
4. Receber a notícia de um vizinho doente;
5. Ouvir os sinos tinirem pela morte de alguém;
6. Pensar em minha morte;
7. Ouvir falar em alguém que morre de repente;
8. Especialmente, quando pensava que eu mesmo seria, muito em breve, julgado.

{342} CRISTÃO: E eras capaz de receber algum alívio da culpa do pecado quando estes pensamentos lhe vinham à mente?

ESPERANÇA: Não. Pois apegavam-se à minha consciência e, se pensava em retornar ao pecado, indo contra minha mente, era duplamente atormentado.

CRISTÃO: E o que fazias?

ESPERANÇA: Pensava que devia me esforçar para reparar minha

vida. Do contrário, estava certo da condenação.

{343} CRISTÃO: E te esforçaste para fazê-lo?

ESPERANÇA: Sim, fugia não somente dos meus pecados, mas de companhias pecaminosas também. Voltei-me a atividades religiosas como a oração, a leitura, o lamento pelo pecado, falar da verdade para os meus vizinhos e afins. Fiz estas e muitas outras coisas, numerosas demais para dizer-te.

CRISTÃO: Já te julgavas bom ao dedicar-se a tais coisas?

ESPERANÇA: Sim, por um tempo. Mas, depois, voltei a sentir-me atormentado, apesar de tudo o que havia mudado.

{344} CRISTÃO: Mas como, se já havias mudado?

ESPERANÇA: Por muitos motivos. Especialmente versículos que dizem “todas as nossas justiças, como trapo da imundícia”. (Is 64.6) “Por obras da lei ninguém será justificado.” (Gl 2.16) “Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer”. (Lc 17.10) E muitos outros semelhantes. Assim, começava a pensar comigo mesmo: se pelas obras da lei, nenhum homem será justificado; se, mesmo tendo feito tudo, somos servos inúteis, é uma tolice pensar no céu pela lei. E prosseguia pensando: se um homem se endivida com certo comerciante, ainda que dali em diante pague em dia tudo o que comprar, seu débito anterior continua registrado no livro, e pode ser que o comerciante venha processá-lo e encerrá-lo na prisão até que pague sua dívida.

CRISTÃO: E como aplicaste isso a ti mesmo?

ESPERANÇA: Pensava: pelos meus pecados, fui registrado como devedor no livro de Deus; minha mudança de agora não me fará livre da dívida. Portanto, apesar de todos os meus reparos, tenho de manter meu pensamento na mudança para que seja liberto da condenação que mereço por minhas transgressões antigas.

{345} CRISTÃO: Boa aplicação. Por favor, continue.

ESPERANÇA: Outra coisa que muito me atormenta, desde minhas mudanças recentes, é que, se me dedico a analisar com cuidado minhas ações, ainda encontro o pecado, misturado até mesmo ao melhor que sou capaz de fazer. Assim, sou forçado a concluir que, apesar das falsas concepções que formava sobre mim e meus deveres, cometo sempre pecados suficientes para ser condenado ao inferno, ainda que minha vida toda fosse livre de máculas.

CRISTÃO: E o que fazias a respeito?

{346} ESPERANÇA: Não sabia o que fazer! Até que me confessei a Fiel, pois éramos muito próximos. Ele me disse que, a menos que pudesse obter a justiça de um homem sem pecado algum, nem toda a justiça do mundo poderia salvar-me.

CRISTÃO: E achas que Fiel falava a verdade?

ESPERANÇA: Se tivesse me dito tais coisas quando estava satisfeito com minhas próprias mudanças, teria achado tolice. Mas agora, desde quando percebi minha enfermidade e o pecado intrincado em minhas melhores ações, fui forçado a tomar sua fala por verdade.

{347} CRISTÃO: Mas, quando lhe sugerira a princípio, pensaste que poderias encontrar homem assim, sem pecado algum?

ESPERANÇA: Devo confessar que suas palavras, a princípio, soaram estranhas para mim. No entanto, depois de conversarmos a respeito e passarmos mais tempo juntos, tive convicção de que este homem existia.

CRISTÃO: Perguntaste a ele que homem era esse e como haverias de ser por ele justificado?

ESPERANÇA: Sim, e Fiel me disse que este homem era o Senhor Jesus, que está assentado à direita do Altíssimo. Assim, disse-me:

“Serás justificado por ele quando confiares no que Ele mesmo fez nos dias de sua carne, no seu sofrimento ao ser pendurado no madeiro”. Perguntei a ele como a justiça daquele homem poderia ser eficaz para justificar a outro diante de Deus. E ele me respondeu que se tratava do Deus poderoso, e que tudo quanto fez, a morte que morreu, não fora por si mesmo, mas por mim; a quem seriam imputados os seus feitos e todo o seu valor, se nEle cresse. (Hb 10; Rm 6; Cl 1; Pe 1)

{348} CRISTÃO: E que fizeste então?

ESPERANÇA: Fiz objeções contra o que dissera, pois pensei que o Senhor não estava disposto a me salvar.

CRISTÃO: O que te dissera Fiel?

ESPERANÇA: Mandou que fosse até Ele e fizesse prova. Disse, então, que seria muita presunção da minha parte, mas Fiel discordou, dizendo-me que eu fora convidado a fazê-lo. (Mt 11.28) Depois, deu-me um livro de Jesus, para me encorajar a me acercar com mais liberdade, acrescentando, a respeito daquele livro, que cada vírgula ali contida estava mais firme naquele livro do que o céu e a terra. (Mt 24:35) Então, perguntei-lhe sobre o que devia fazer para me aproximar dele; Fiel ensinou-me que devia rogar de joelhos ao Pai, com todo o meu coração e toda a minha alma, para que me revelasse Seu Filho. (Sl 95.6; Dn 6:10; Jr 29.12,13)

Perguntei-lhe outra vez como deveria suplicar, e disse-me: “Vá e o verás assentado num propiciatório, onde permanece o ano inteiro a fim de perdoar os que se achegam.” Eu disse a ele que não sabia o que deveria dizer ao me aproximar dEle. Fiel aconselhou-me a falar algo como: “Ó Deus, sê misericordioso para comigo, um pecador. Faze--me conhecer e crer em Jesus Cristo. Pois bem sei que, se não fosse pela sua justiça, ou se não tivesse nela tido fé, estaria completamente perdido. Senhor, ouvi dizer que és um Deus misericordioso, e que determinaste teu Filho, Jesus Cristo, como

Salvador do mundo. Ouvi também que estás disposto a concedê-lo a tão pobre pecador como eu (verdadeiro pecador). Senhor, toma a oportunidade e manifesta a tua graça na salvação da minha alma por meio do teu Filho, Jesus Cristo. Amém.” (Ex 25.22; Lv 16.2; Nm 7.89; Hb 4.16)

{349} CRISTÃO: E tu fizeste como lhe sugerira?

ESPERANÇA: Sim, por repetidas vezes.

CRISTÃO: E recebeste a revelação do Filho pelo Pai?

ESPERANÇA: Não na primeira tentativa, nem na segunda, nem na terceira, nem na quarta ou na quinta. Também não acontecera na sexta.

CRISTÃO: E o que fizeste a respeito?

ESPERANÇA: Não sabia o que fazer.

CRISTÃO: Não pensaste em cessar tuas orações?

ESPERANÇA: Sim, por duzentas vezes pensei.

CRISTÃO: E por que não o fizeste?

ESPERANÇA: Cri que era verdade o que Fiel havia dito a mim, que sem a justiça deste Cristo, nem mesmo o mundo inteiro poderia me salvar. Portanto, pensei comigo mesmo: se o deixo, morro; então, prefiro morrer ao pé do trono da graça. E de pronto me veio à mente: “Se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará”. (Hc 2.3) Continuei a orar até que o Pai me revelasse o Filho.

{350} CRISTÃO: E como fora-lhe revelado?

ESPERANÇA: Não o vi com meus olhos da carne, mas com os olhos do meu entendimento (Ef 1.18,19); foi assim: certo dia, estava muito triste, talvez mais triste do que jamais estivera em toda a

minha vida, tristeza esta que tivera origem quando me apercebi outra vez da magnitude e vileza dos meus pecados. Quando eu nada mais esperava senão o inferno e a condenação eterna da minha alma, pareceu-me, de repente, que via o Senhor Jesus Cristo a olhar do céu em minha direção, dizendo: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo." (At 16.30,31)

{351} Mas eu respondi: "Senhor, sou um terrível e grandíssimo pecador". Ele me disse: "A minha graça te basta". (2 Co 12.9) E continuei, dizendo: "Mas, Senhor, o que é crer?" Ao que ouvi sua resposta: "Aquele que vem a mim de modo algum terá fome, e quem crê em mim nunca mais terá sede", que o crer e o ir eram apenas um, pois aquele que vai, ou seja, que possui no coração as afeições pela salvação de Cristo, de fato nEle crê. (Jo 6.35) Meus olhos se encheram de lágrimas e continuei a questionar: "Mas, Senhor, poderá tão grande e terrível pecador como eu ser aceito e salvo por ti?" E ouvi a resposta: "O que vem a mim, de modo algum o lançarei fora". (Jo 6.37) Inconformado, continuei: "Mas como, Senhor, hei de pensar de ti enquanto vou a ti, para que minha fé seja boa diante de ti?" Respondeu-me: "Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores". (1 Tm 1.15) "Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê." (Rm 10.4) "O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação." (Rm 4.25) "Nos ama e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados." (Ap 1.5) "Ele é o mediador entre Deus e os homens." (1 Tm 2.5) "Vive sempre para interceder por eles." (Hb 7.25) Portanto, concluí que deveria buscar por justiça em sua pessoa, e pela remissão dos meus pecados no seu sangue; que sua consumação por obediência à lei do Pai, submetendo-se à sua pena, não fora por si mesmo, mas por aquele que aceita a salvação e se enche de gratidão. Então, meu coração transbordou de alegria, meus olhos se encheram de lágrimas e minhas afeições se multiplicaram de amor ao nome, ao povo e aos caminhos de Jesus Cristo.

{352} CRISTÃO: Não tenho dúvidas de que essa foi a revelação de Cristo à tua alma. Mas, diga-me, que efeito teve ela em teu espírito?

ESPERANÇA: Fez-me ver que o mundo inteiro, apesar de toda a sua justiça, está em estado de condenação. Fez-me ver que Deus, o Pai, sendo justo, pode justificar o pecador arrependido. Fez-me sentir imensa vergonha pela vileza de minha antiga vida, humilhou-me, fez-me conhecer e sentir a minha ignorância, pois nunca havia antes chegado ao meu coração um só pensamento que me revelasse a beleza de Jesus Cristo. Fez-me amar uma vida santa e desejar fazer tudo para a honra e glória do nome do Senhor Jesus. Fez-me conceber que me esvaziaria de todo o meu sangue por amor ao Senhor Jesus.

{353} Vi em meu sonho que Esperança olhou para trás e viu Ignorância, a quem haviam abandonado, aproximando-se. “Veja”, disse a Cristão, “vem de longe o rapaz e parece tentar nos alcançar”.

CRISTÃO: Sim. Mas não creio que deseje nossa companhia.

ESPERANÇA: Concordo. Mas não nos custa muito segurar o passo e esperá-lo.

CRISTÃO: É verdade, mas garanto a ti que ele pensa o contrário.

ESPERANÇA: Também acho que pensa o contrário, mas esperemos por ele.

{354} Então, Cristão disse a ele: “Venha! Por que ficaste para trás?”

IGNORÂNCIA: Tenho prazer em caminhar sozinho, agrada-me muito mais que ter companhia, a não ser que me seja muito boa.

Cristão disse a Esperança, sussurrando: “Não lhe disse que não se agradava de nossa companhia?”

CRISTÃO: Vamos, aproxime-se e conversemos sobre algo proveitoso. Como estás? Como vai entre Deus e a tua alma agora?

{355} *A esperança de Ignorância e seu fundamento*

IGNORÂNCIA: Espero que bem. Estou sempre cheio de boas intenções, de bons pensamentos, que me tomam a mente, a fim de achar conforto no caminho.

CRISTÃO: Quais bons pensamentos? Diga-nos.

IGNORÂNCIA: Penso em Deus e no céu.

CRISTÃO: Os demônios e as almas condenadas também.

IGNORÂNCIA: Mas não só penso neles, como também os desejo.

CRISTÃO: Também assim fazem muitos que não hão de chegar lá. "O preguiçoso deseja e nada tem". (Pv 13.4)

IGNORÂNCIA: Mas medito neles e por eles tudo abandono.

CRISTÃO: Duvido muito, pois abandonar tudo é uma tarefa difícil. Mais difícil do que se apercebem muitos. O que te leva a concluir que tudo abandonaste por Deus e o céu?

{356} IGNORÂNCIA: Meu coração me diz.

CRISTÃO: O sábio disse: "O que confia no seu próprio coração é insensato". (Pv 28.26)

IGNORÂNCIA: O sábio se refere a um coração maldoso, mas o meu é bom.

CRISTÃO: Como podes provar tal coisa?

IGNORÂNCIA: Conforta-me nas esperanças do céu.

CRISTÃO: Isso também pode ser enganoso, pois o coração de um homem pode confortá-lo na esperança daquilo que fundamento algum possui para esperar.

IGNORÂNCIA: Mas meu coração e minha vida andam juntos, portanto minha esperança está bem fundamentada.

CRISTÃO: Quem lhe disse que o teu coração e a tua vida andam juntos?

IGNORÂNCIA: Meu coração me diz.

CRISTÃO: Teu coração? Se a Palavra de Deus não der testemunho disso, outro testemunho não é válido.

{357} IGNORÂNCIA: Mas um bom coração não é aquele que tem bons sentimentos? Não é boa a vida que se conforma às ordenanças de Deus?

CRISTÃO: Sim, um coração bom tem bons sentimentos, e uma vida boa está em conformidade com as ordenanças de Deus; no entanto, uma coisa é tê-los, outra é pensar que os temos.

IGNORÂNCIA: O que consideras tu bons pensamentos e uma vida em conformidade com as ordenanças de Deus?

CRISTÃO: Existem bons sentimentos de diversos tipos; alguns dizem respeito a nós mesmos, alguns a Deus, alguns a Cristo e alguns a outros.

IGNORÂNCIA: Quais são os bons sentimentos a respeito de nós mesmos?

CRISTÃO: Aqueles que estão de acordo com a Palavra de Deus.

{358} IGNORÂNCIA: E quando que os nossos sentimentos a respeito de nós mesmos estão de acordo com a Palavra de Deus?

CRISTÃO: Quando julgamos de nós mesmos o que julga a Palavra. Para ser mais exato, a Palavra de Deus fala, sobre as pessoas que se encontram em um estado natural, que "não há um justo, um sequer que seja bom". (Rm 3) Também diz: "É continuamente mau todo desígnio do coração do homem". (Gn 6.5) E outra vez: "É mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade". (Gn 8.21) Quando pensamos assim a respeito de nós mesmos, então nossos sentimentos são bons, pois estão em conformidade com a Palavra de Deus.

IGNORÂNCIA: Nunca poderei acreditar que meu coração seja tão mau.

CRISTÃO: Portanto, nunca tiveste um só sentimento bom a respeito da tua vida. Mas, permita-me prosseguir. Assim como a Palavra faz um julgamento acerca do nosso coração, assim também o faz acerca de nossos caminhos. Quando nossos sentimentos em relação ao nosso coração e aos nossos caminhos estiverem em conformidade com o julgamento da Palavra acerca deles, então serão bons.

{359} IGNORÂNCIA: Explique melhor.

CRISTÃO: A Palavra de Deus diz que os caminhos do homem são tortuosos; não bons, mas perversos. (Sl 125.5; Pv 2.15) Ela diz que estão naturalmente fora do bom caminho, pois nunca o conheceram. (Rm 3) Quando o homem assim pensa sobre os próprios caminhos, ou seja, com sensatez e coração humilde, então tem bons sentimentos para com os próprios caminhos, pois estão em conformidade com o julgamento da Palavra de Deus.

{360} IGNORÂNCIA: E quais são os sentimentos bons a respeito de Deus?

CRISTÃO: Da mesma forma, quando nossos pensamentos sobre Deus estão em conformidade com o que a Palavra diz sobre Ele, ou seja, se pensamos em seu ser e em seus atributos como nos ensina a Palavra. Não posso me estender no tema, porém. Quanto a Deus e sua referência para conosco, temos bons pensamentos sobre Deus quando pensamos que Ele nos conhece melhor do que nós mesmos, e pode enxergar em nós o pecado quando e onde nada vemos no nosso interior. Quando pensamos que Ele conhece os nossos pensamentos mais profundos, e que o nosso coração, com todos os seus mistérios, está sempre aberto diante dEle; também quando pensamos que toda a nossa justiça cheira mal às suas narinas, portanto não pode admitir que estejamos na sua presença com confiança alguma em nossas obras, mesmo nas melhores.

{361} IGNORÂNCIA: Pensas que sou tão tolo a ponto de pensar que Deus não vê o que não vejo? Ou que eu me apresentaria a Deus confiando em minhas melhores obras?

CRISTÃO: Se não assim, como pensas acerca disso?

IGNORÂNCIA: Para ser breve, creio que devo acreditar em Cristo para receber justificação.

CRISTÃO: Como? Pensas que podes ter fé em Cristo sem ter necessidade dele? Não vês ao menos tuas fraquezas originais; a teu respeito e do que fazes, tens uma opinião que prova claramente que nunca enxergaste a necessidade da justiça pessoal de Cristo para justificar a ti diante de Deus. Como, então, podes dizer: "Creio em Cristo?"

{362} IGNORÂNCIA: Creio o suficiente para fazer valer isso tudo.

CRISTÃO: E como crês?

IGNORÂNCIA: Creio que Cristo morreu pelos pecadores, e que eu haverei de ser justificado da condenação diante de Deus, por meio de sua graciosa aceitação da minha obediência à lei. Ou seja, Cristo

faz com que os meus deveres, religiosos, sejam aceitos pelo seu Pai, em virtude dos seus méritos. Assim sou justificado.

{363} CRISTÃO: Permita-me responder à sua confissão de fé:

1. Crês com uma fé fantasiosa, pois essa fé não é descrita na Palavra.

2. Crês com uma fé falsa, pois adquires justificação pela justiça pessoal de Cristo, e aplicas a tua própria justiça.

3. Essa fé não faz de Cristo aquele que te justifica, mas que o faz às tuas ações, o que é falso.

4. Portanto, a tua fé é enganosa, e haverá de deixar-te debaixo da ira no dia do Deus Todo-Poderoso, pois a verdadeira fé justificadora faz a alma, ciente do seu estado diante da lei, buscar refúgio na justiça de Cristo, a qual não consiste somente num ato de graça pelo qual tua obediência é aceita por Deus, mas na obediência pessoal de Cristo à lei, em seu sofrimento por nós e em ter cumprido o que de nós se exige, em nosso lugar. Esta justiça, devo dizer, é aceita pela verdadeira fé, que cobre a nossa alma e a apresenta imaculada diante de Deus, sendo aceita e liberta da condenação.

{364} IGNORÂNCIA: Queres dizer que devemos confiar no que Cristo, em sua própria pessoa, fez sem nós? Este conceito abre as portas para a nossa perversão, e nos permite viver como bem quisermos, pois, não importa como procedamos, seremos justificados pela justiça pessoal de Cristo quanto a tudo o que fizemos, só por nela termos fé?

CRISTÃO: Ignorância é o teu nome e te serve muito bem. Tua resposta é prova disso. És ignorante quanto ao que significa a justificativa pessoal de Cristo e a como hás de livrar a tua alma, por meio desta fé, da pesada ira de Deus. Também és ignorante quanto aos verdadeiros efeitos da fé salvífica na justiça de Cristo, que são dobrar e ganhar o coração para Deus em Cristo, amando o seu

nome, a sua Palavra, os seus caminhos e o seu povo.

ESPERANÇA: Pergunte a ele se Cristo já lhe fora revelado do céu.

{365} IGNORÂNCIA: Como dizes? És daqueles que acreditam em revelações? Acredito que o que vós, e todos os outros, dizeis a respeito desse assunto não passa do fruto de mentes desocupadas.

ESPERANÇA: Ora, homem! Cristo está tão oculto em Deus das apreensões naturais da carne, que não pode ser conhecido por homem algum, a não ser que Deus, o Pai, o revele.

{366} IGNORÂNCIA: Assim crês tu, eu não. Embora não duvide que a minha fé seja tão boa quanto a tua. Só não sou tão excêntrico quanto tu.

CRISTÃO: Peço licença para dizer algo. Não se deve falar tão superficialmente do assunto, pois isso sustentará com firmeza, como meu companheiro dissera, que homem algum pode conhecer a Jesus Cristo senão pela revelação do Pai. (Mt 11.27) E que a fé, pela qual a alma repousa firme em Cristo, para ser reta, deve ser moldada pela grandeza do seu poder. Acerca da obra da fé, pobre Ignorância, és ignorante. (1 Co 12.3; Ef 1.18,19) Desperta, então, e veja a tua própria miséria; corra para o Senhor Jesus. Pela sua justiça, a justiça de Deus, pois Ele mesmo é Deus, tu serás liberto da condenação.

{367} IGNORÂNCIA: Vós andais tão depressa que não consigo acompanhá-los. Podeis andar sem mim. Ficarei para trás.

Então, disseram:

“Ó pobre Ignorância, continuarás a ser insensato?

Rejeitas bons conselhos, tantas vezes já lhe dado.

Se assim permaneceres, tenhas tu plena certeza:

É mau teu proceder, vê tua culpa com clareza.

Estás ainda em tempo, inclina-te a ouvir

A boa e sã doutrina, pois te salvará no porvir.

Se ainda recusares, deves ter plena ciência:

Pesada e mui difícil será tua consequência.”

CRISTÃO: (*para Esperança*) Vamos, bom amigo, vejo que somos somente nós dois outra vez.

{368} Vi, em meu sonho, que alargaram o passo, enquanto Ignorância vinha atrás mancando. Cristão disse ao seu companheiro: "Muito me compadeço desse pobre homem; certamente não será bonito o seu final."

ESPERANÇA: Há muitos como ele em nossa cidade; famílias inteiras, ruas inteiras e até peregrinos. Se existem tantos no lugar de onde viemos, quantos devem existir no lugar onde nasceu ele?

CRISTÃO: Bem diz a Palavra: "Cerrou-lhes os olhos para que não vejam." Mas agora que estamos sozinhos, que achas de homens assim? Acreditas que tenham, alguma vez, tido convicção do pecado e que, por consequência, temam estar em estado perigoso?

ESPERANÇA: Responda tu a essa pergunta, pois és mais velho.

CRISTÃO: Digo, portanto, que devem às vezes sentir, mas, sendo naturalmente ignorantes, não entendem que tais convicções são para o seu bem. Assim, procuram desesperadamente se livrar delas, então continuam adulando a si mesmos no caminho do próprio coração.

{369} ESPERANÇA: Concordo com o que dizes; o medo serve muito para o bem dos homens, e os faz endireitarem-se para dar início a sua peregrinação.

CRISTÃO: Sem dúvida. Assim também diz a Palavra: "O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria". (Pv 1.7; 9.10; Jó 28.28; Sl 111.10)

{370} ESPERANÇA: Como descrevias o temor correto?

CRISTÃO: Se o temor é correto ou não, pode-se descobrir de três maneiras:

1. Como surge; deve ser causado pela convicção salvífica do pecado.

2. Se leva a alma a repousar firme em Cristo pela salvação.

3. Gera e conserva na alma grande reverência a Deus, à sua Palavra, aos seus caminhos, mantendo-a terna e temerosa por desviar-se, seja para a direita ou para a esquerda, ou por fazer qualquer coisa que desonre a Deus, altere sua paz, entristeça o Espírito ou permita a acusação do inimigo.

ESPERANÇA: Dizes bem. Acredito que seja verdade. Teremos já quase passado pelo Terreno Encantado?

CRISTÃO: Por quê? Estás cansado da conversa?

ESPERANÇA: Não, na verdade gostaria de saber onde estamos.

{371} CRISTÃO: Ainda nos falta um trecho do caminho para sairmos desse terreno. Mas retornemos ao assunto. O ignorante não sabe que as convicções que lhe causam temor servem para o seu próprio bem, portanto tende a se livrar delas.

ESPERANÇA: E como o fazem?

{372} CRISTÃO: 1. Pensam que esse temor vem do maligno, quando, na verdade, provém de Deus. Pensando assim, o resistem como aquilo que lhes causaria a ruína.

2. Também pensam que esse temor abalará sua fé, quando, na verdade, não possuem fé alguma, pobres homens que são. Portanto, endurecem seu coração contra ele.

3. Presumem que não devem temer. Assim, apesar de temerem, portam-se como se fossem valentes.

4. Percebem que esse temor tende a levar deles sua santidade, antiga e miserável, por isso o resistem como podem.

{373} ESPERANÇA: Sobre isso sei algo, pois aconteceu assim

mesmo comigo.

CRISTÃO: Bom, deixemos nosso vizinho Ignorância por conta própria e nos dediquemos a outros assuntos edificantes.

ESPERANÇA: Com toda a certeza! Mas tu podes começar.

CRISTÃO: Conheceste, cerca de dez anos atrás, um tal Temporário na tua região, que era nessa época muito fervoroso em religião?

ESPERANÇA: Sim! Ele morava em Sem-Graça, uma cidade a cerca de duas milhas de distância de Honestidade. Era vizinho de porta de Regresso.

{374} CRISTÃO: Certo, moravam sob o mesmo teto. Bem, aquele homem fora despertado por um tempo. Acredito que tenha tomado ciência dos próprios pecados e de sua paga.

ESPERANÇA: Lembro-me disso. Minha casa não ficava a mais de três milhas de distância da dele. Por muitas vezes veio a mim com o rosto coberto de lágrimas. Compadecia-me muito dele e tinha alguma esperança. Todavia, nem todos os que clamam “Senhor, Senhor” são verdadeiros.

CRISTÃO: Uma vez me disse que estava decidido a tornar-se um peregrino, como somos agora. Mas, de uma hora para outra, fez amizade com Salvação-Própria e tornou-se um estranho para mim.

{375} ESPERANÇA: Já que falamos dele, reflitamos sobre a razão do afastamento repentino da fé, dele e de outros.

CRISTÃO: Isso será de grande valor. Comece, por favor.

ESPERANÇA: Bem, ao que percebo, existem três razões para isso:

{376} 1. Embora a consciência destes homens esteja despertada, sua mente não fora transformada. Portanto, quando o poder da

culpa se vai, o motivo que os levava à religião cessa. Pelo que naturalmente retornam aos antigos hábitos, assim “como o cão que volta ao vômito”. (2 Pe 2.22) Por isso buscam intensamente o céu, unicamente por compreenderem e temerem os tormentos do inferno. Mas, quando se esfria a compreensão e aquieta-se o temor, o mesmo acontece com seu desejo pelo céu e pela salvação. Quando acabam a culpa e o medo, sua avidez pelo céu e pela felicidade eterna morrem, e retornam aos antigos costumes.

{377} 2. Outra razão é o medo servil que deles toma conta. Falo do medo que têm dos homens, pois “quem teme ao homem arma ciladas”. (Pv 29.25) Assim, embora pareçam desejar intensamente o céu, somente se mantêm ávidos enquanto ouvem o som das chamas do inferno, pois, quando o terror acaba, ocupam-se com outros pensamentos, por exemplo, como é bom ser sábio e que não é aconselhável correr o risco de perder tudo, ou, ao menos, colocar-se em aflições desnecessárias; dessa forma, caem no mundo outra vez.

{378} 3. A vergonha que costuma acompanhar a religião também lhes serve de tropeço. São orgulhosos e altivos; a religião aos seus olhos é inferior e desprezível, portanto, quando se esfria a compreensão do inferno e da ira vindoura, voltam aos antigos hábitos.

{379} 4. A culpa é para eles motivo de terror. Não gostam de contemplar suas misérias. No entanto, considerá-las poderia levá-los a procurar conforto no abrigo dos justos. Mas atribuem esses pensamentos à culpa e ao terror, portanto, uma vez que se livram de seu despertar para a ira de Deus, endurecem seus corações voluntariamente, e escolhem caminhos que os endurecerão ainda mais.

{380} CRISTÃO: Falas com muita verdade, pois a raiz de tudo é o desejo de transformação da mente e da vontade. Portanto, são como o réu diante do juiz, que treme de medo e parece se arrepender do fundo do coração; mas a raiz de seu sentimento é o

medo do castigo, não o repúdio ao crime evidente que cometera. Tenha este homem a liberdade e continuará a ser um ladrão, um trapaceiro; se sua mente tivesse sido transformada, tornar-se-ia o contrário.

{381} ESPERANÇA: Mostrei-lhe as razões pelas quais se apostatam, explica agora a maneira pela qual se efetua.

CRISTÃO: Sim, claro.

1. Retiram de seus pensamentos tudo o que os possa lembrar de Deus, da morte e do julgamento vindouro.

2. Então, descartam gradualmente seus deveres particulares, como a oração em secreto, o refrear de suas luxúrias, a vigilância, a tristeza do pecado e afins.

3. Então, se abstêm da companhia de irmãos saudáveis e acolhedores em Cristo.

4. Depois disso, se esfriam em seus deveres públicos, como o ouvir e ler da Palavra, a comunhão entre os santos e afins.

5. Enfim começam a encontrar buracos nas roupas dos piedosos, de uma maneira infernal, para terem desculpa plausível para livrarem-se da religião, dizendo ser por causa da enfermidade descoberta de alguns deles.

6. Começam a andar na companhia de homens maldosos, perdidos e carnais.

7. Em seguida, dão espaço a conversas carnais e levianas em secreto; e se alegram se o podem identificar em qualquer homem honesto, para que continuem a praticar o mal tomando-o por exemplo.

8. Após isso, começam a brincar com alguns pecados abertamente.

9. Finalmente, endurecidos de coração, mostram-se como são. Assim, lançados outra vez no abismo da miséria, a menos que um milagre gracioso impeça, perecem eternamente nos próprios enganos.

{382} Vi, então, em meu sonho, saírem os Peregrinos do Terreno Encantado e entrarem na terra de Beulá, cujo ar era mui doce e agradável. O caminho passava direto pelo país, e ali se aliviaram por um tempo. Ouviram continuamente o canto dos pássaros, a voz das rolas e viram todos os dias as flores crescerem na terra. (Is 62.4; Ct 2.10-12) Naquele país, o sol brilhava dia e noite, portanto estava para além do Vale da Sombra da Morte, e fora do alcance do Gigante Desespero, a ponto de nem conseguirem enxergar o Castelo da Dúvida de lá; a vista dava para a Cidade à qual se dirigiam os peregrinos. Conheceram ali alguns dos habitantes do país, pois nessa terra os Seres Reluzentes caminhavam com frequência, uma vez que ficava à fronteira do céu. Nesta terra, a aliança entre a noiva e o noivo fora renovada, “como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus”. (Is 62.5) Ali não sentiam falta de alimento, nem sentiam sede, pois naquele lugar foram agraciados com abundância do que desejaram durante a peregrinação. (Is 62.8) Ali ouviam vozes da Cidade, vozes fortes, dizendo: “Dizei à filha de Sião: eis que vem o teu Salvador; vem com ele a sua recompensa, e, diante dele, o seu galardão. Chamar-vos-ão Povo Santo, Remidos-do-Senhor; e tu, Sião, serás chamada Procurada, Cidade-Não-Deserta”. (Is 62.11,12)

{383} Enquanto andavam nessa terra, se regozijavam mais do que quando em partes remotas do reino em que moravam. Chegando próximo à cidade, tiveram uma melhor visão dela. Era construída de pérolas e pedras preciosas, e a rua, pavimentada com ouro. Então, por causa da glória natural da cidade e do reflexo do sol sobre ela, Cristão desmaiou de admiração, enquanto Esperança passou perto de sofrer o mesmo, pelo que ali permaneceram algum tempo para descansar. Clamavam por causa de pontadas que sentiam no peito,

dizendo: "Se encontrardes o meu amado, diga-lhe que de amor estou enfermo".

{384} Recuperadas as suas forças e restabelecidos da enfermidade, continuaram a caminhar, chegando cada vez mais perto do lugar onde havia pomares, vinhas e jardins, cujos portões abriam para o caminho. Conforme passavam por ali, encontraram o jardineiro parado à beira da estrada, a quem disseram os Peregrinos: "A quem pertencem esses belos jardins e vinhas?", recebendo a resposta: "São do Rei; foram plantados aqui para o seu próprio deleite e para o alívio dos peregrinos". Então, o jardineiro os levou por entre as vinhas e permitiu que se refrescassem com suas delícias. (Dt 23.24) Mostrou-lhes também as trilhas do Rei e falou-lhes sobre o quanto se deleitava nelas. Se demoraram por tanto tempo ali, que acabaram por adormecer.

{385} Observei, em meu sonho, que falavam mais enquanto dormiam do que em toda a sua jornada; estando eu perplexo com toda a cena, o jardineiro disse a mim: "Por que olhas com esse semblante de admiração? É da natureza do fruto dessas vinhas entrar docemente nos lábios dos que dormem e fazê-los falar".

{386} Então, vi que, quando despertaram, foram se preparando para entrar na cidade. No entanto, como disse, o reflexo da luz do sol sobre a cidade (pois era feita de puro ouro) era de tamanha glória que não podiam ainda contemplá-la com o rosto descoberto, mas faziam-no com a ajuda de um instrumento adequado. Vi que prosseguiram caminhando e encontraram dois homens, com vestes que brilhavam como ouro, assim como suas faces. (Ap 21.18,2; Co 2.18)

{387} Os homens perguntaram aos Peregrinos de onde vinham; eles responderam. Perguntaram também onde haviam se hospedado, quais dificuldades e perigos haviam enfrentado, quais confortos e prazeres encontraram no caminho, e os eles respondiam a todas as questões. Então, disseram-lhes os homens: "Existem

apenas mais duas dificuldades a serem ultrapassadas até que cheguem à cidade”.

{388} Cristão e seu companheiro pediram a companhia dos dois homens, e estes aceitaram ir com eles. “Mas devem superar as dificuldades por sua própria fé”, disseram eles. Vi em meu sonho que caminharam juntos até chegarem à vista do portão.

{389} Entre eles e o portão havia um rio, mas não se podia ver ponte alguma para o outro lado. O rio era profundo. Diante dele, os Peregrinos se assustaram, mas os homens que os acompanhavam disseram: “Devem ir adiante, ou não poderão chegar ao portão”.

{390} Os Peregrinos questionaram se não havia outro caminho para chegar ao portão, cuja resposta fora: “Sim, existe. Mas somente a Enoque e Elias foi permitido trilhar este caminho desde a fundação do mundo, e assim continuará a ser até que a última trombeta soe”. (1 Co 15.51,52) Os Peregrinos, especialmente Cristão, começaram a desconsolar-se em suas mentes, olhando de um lado para o outro, sem encontrar saída para transpor o rio. Perguntaram aos homens se as águas eram muito profundas. Disseram: “Não vos daremos resposta. Deveis descobrir se é mais ou menos profundo o rio, pois isso depende do quanto creem no Rei do lugar”.

{391} Caminharam na direção das águas e, adentrando-as, Cristão começou a se afogar, e, clamando a ajuda de seu bom amigo Esperança, disse: “Afogo-me nas águas profundas; submergem-me, as ondas cobrem minha cabeça!”

{392} *O conflito de Cristão na hora da morte*

ESPERANÇA: Anima-te, meu irmão! Sinto o chão, tudo vai bem.

CRISTÃO: Ó, amigo! O sofrimento da morte me toma. Não hei de ver a terra que emana leite e mel.

Ao pronunciar essas palavras, uma grande escuridão e horror caíram sobre Cristão, de modo que nada enxergava diante de si. Perdera os sentidos, por isso não se lembrava, nem podia falar de qualquer daqueles doces refrigerios com os quais contou no caminho de sua peregrinação. Mas todas as palavras que pronunciava tendiam a revelar o horror que corria em sua mente, e seu coração temia que morresse naquele rio e nunca alcançasse a entrada da cidade. Como perceberam os que estavam ao redor, estava sobremaneira atribulado por lembrar-se dos pecados que cometera antes e depois de tornar-se um peregrino. Era claro, também, que estava sendo atormentado pela aparição de duendes e espíritos malignos, pois incessantemente os repreendia. Portanto, Esperança esforçou-se para ajudar seu irmão a manter a cabeça sobre as águas; por vezes, era submerso e ficava sob as águas por algum tempo, até emergir outra vez, quase morto. Esperança também se esforçava para confortá-lo, dizendo: "Irmão, posso ver o portão e os que nos aguardam para receber-nos à porta," mas Cristão respondia: "É a ti que esperam; tens sido esperançoso desde quando te conheci". "Assim como tens tu", dizia Esperança. Mas Cristão continuava: "Ó, irmão! Decerto fora eu correto, ele viria agora em meu socorro. Mas por meus pecados, colocara-me numa armadilha e agora fui abandonado". E Esperança persistia: "Meu irmão, te esqueceste do texto onde é dito acerca dos perversos: 'Para eles não há preocupações, o seu corpo é sadio e nédio. Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens'. (Sl 73.4,5) As aflições e os perigos pelos quais passas agora nessas águas não são sinal de que Deus te abandonara; estás aí para ser provado, para que à tua mente venha a bondade com que lhe tratara o Mestre, e vivas seguro n'Ele em meio ao perigo".

{393} Vi em meu sonho que Cristão, por algum tempo, se distraía. Por isso, Esperança acrescentou: "Anima-te, Jesus Cristo lhe faz pleno". Ao ouvir isso, Cristão rompeu em alta voz: "Ó, o vejo de novo! Ele me diz: 'Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão.'" (Is 43.2) Assim,

ambos foram encorajando um ao outro, e o inimigo permaneceu imóvel como uma rocha, sem nada poder fazer contra eles, até passarem o rio. Cristão, portanto, de imediato tocou o chão com os pés e ficou em pé, seguindo assim pelo resto do caminho, pois o rio tornou-se raso. Desse modo ultrapassaram o rio. Agora, já na margem do outro lado, viram os dois homens que os acompanharam a princípio, que por eles esperavam. Ao saírem do rio, os saudaram, dizendo: “Somos espíritos administradores, enviados para servir os que hão de ser herdeiros da salvação”. Assim, foram em direção ao portão.

{394} A cidade ficava no topo de uma alta montanha, mas os Peregrinos a subiram com facilidade, pois tinham em sua companhia os dois homens para suportá-los pelos braços. Tinham deixado também suas vestes para trás, no rio, pois, embora tenham entrado com elas, saíram sem elas. Portanto, subiram a montanha com muita agilidade e rapidez, embora a fundação na qual fora construída a cidade fosse mais alta que as nuvens. Ultrapassaram as regiões dos ares, conversando como sempre, sendo confortados, pois passaram pelo rio em segurança e tinham companhias gloriosas consigo.

Vede agora como os santos peregrinos vão,

Nuvens por carruagens, anjos guiando a direção.

Quem não aceitaria arriscar-se desse jeito,

Quando Aquele do destino é provedor mais que perfeito?

{395} A conversa que mantinham com os Seres Reluzentes era sobre a glória do lugar, os quais diziam-lhes que a glória e a beleza dali eram inexplicáveis. “Ali é o Monte Sião, a Jerusalém celestial, na companhia de inúmeros anjos e os espíritos aperfeiçoados de homens justos” (Hb 12.22-24), diziam. “Vós caminhais para o paraíso de Deus, onde verão a árvore da vida e comerão dos frutos que nunca perecem; quando chegardes lá, recebereis vestes

brancas, andareis e conversareis com o Rei todos os dias da eternidade. (Ap 2.7; 3.4; 21.4,5) Ali não vereis outra vez o que vistes quando estáveis na parte inferior da terra, a saber, tristeza, enfermidade, aflição e morte, pois as coisas velhas se passaram. Vós estais a caminhar para Abraão, Isaque e Jacó, e para os profetas – homens que Deus livrou do mal vindouro e agora repousam, por terem andado em retidão. (Is 57.1,2; 65.17)” Os Peregrinos perguntaram: “O que faremos no lugar celestial?” E foram respondidos: “Lá recebereis o conforto de todo o teu trabalho, e vos alegrareis por todo o vosso sofrimento; haveis de colher o que plantastes, mesmo o fruto de todas as vossas orações, e lágrimas, e sofrimentos pelo Rei no caminho. (Gl 6.7) Lá haveis de receber coroas de ouro, e gozar da visão perpétua do Santíssimo Deus, pois o hão de ver como Ele é. (1 Jo 3.2) Também o servirão continuamente com louvores, adorações e graças, como desejaram fazer no mundo, mas o faziam com muita dificuldade por causa da enfermidade da vossa carne. Ali vossos olhos hão de se deleitar com a paisagem, vossos ouvidos com o agradável som da voz do Todo-Poderoso. Ali haveis de gozar outra vez da companhia de vossos amigos que vieram antes de vós; ali recebereis alegremente cada um dos vossos amigos que chegarem ao santo lugar depois de vós. Havereis de ser vestidos de glória e majestade, e colocados para reinar com o Rei da Glória. Quando ele vier ao som das trombetas por entre as nuvens, como que nas asas do vento, havereis de ir com ele. Quando ele se sentar sobre o trono do julgamento, vos sentareis ao seu lado. Quando ele sentenciar todos os servos da iniquidade, sejam homens ou anjos, tereis voz no julgamento, pois eram vossos inimigos, assim como eram dele. (1 Ts 4.13-16; Jd 1.14; Dn 7.9,10; 1 Co 6.2,3) Também, quando retornar à cidade, havereis de retornar também, ao som da trombeta, e vivereis para todo o sempre com ele”.

{396} Enquanto se dirigiam para o portão, contemplaram um conjunto de anfitriões celestiais para recepcioná-los. Disseram-lhe os dois Seres Reluzentes: “Estes são os homens que amaram o nosso Senhor quando estavam no mundo. Tudo abandonaram por seu

santo nome. Fomos enviados para buscá-los e os trouxemos até essa altura de sua jornada, para que entrem e contemplem a face de seu Redentor com alegria". Então, o anfitrião celestial deu um alto brado, dizendo: "Bem--aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro". (Ap 19.9) Saíram também de lá para encontrá-

-los muitos instrumentistas do Rei, vestidos com vestes brancas e reluzentes, e com melodias retumbantes faziam ecoar no céu o som. Os instrumentistas acolheram Cristão e seu companheiro com milhares de saudações; isso tudo ao som de trombetas e brados de alegria.

{397} Feito isso, os cercaram por todos os lados; uns à frente, outros atrás, uns à direita, outros à esquerda, como para os guardar nas regiões superiores, ao som contínuo de lindas melodias e notas perfeitas; a cena parecia, àqueles que a contemplavam, como se todo o céu os viesse encontrar. Assim, portanto, caminharam juntos; e, conforme caminhavam, o som alegre das trombetas continuava a soar, misturado a olhares e gestos indicando o quanto Cristão e seu irmão eram bem-vindos naquele lugar, e com quanto regozijo eram recebidos. Estavam agora os dois homens no céu, mesmo antes de chegarem lá, absortos com a vista dos anjos e com o soar das belas notas musicais. Tinham já à vista a cidade, e tiveram a impressão de ouvirem sinos badalando, saudando-os de lá. Mas, acima de tudo, sentiam o conforto e sentimentos alegres os tomavam ao imaginarem a própria habitação ali, em tão maravilhosa companhia, para toda a eternidade. Ó, que língua ou pena poderia descrever tamanha gloriosa alegria? Com o coração transbordando, chegaram ao pé do portão.

{398} Quando chegaram, viram acima do portão escrito com letras de ouro: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas." (Ap 22.14)

{399} Vi, então, em meu sonho, que os homens reluzentes

ordenaram aos Peregrinos que clamassem no portão. Quando o fizeram, alguns olharam por cima dele, a saber, Enoque, Moisés e Elias, a quem fora dito: “Estes peregrinos vêm da Cidade da Destruição por amor que carregam pelo Rei deste lugar”. Depois, os Peregrinos entregaram o rolo que receberam no início da jornada, os quais foram levados ao Rei, que, ao ler, disse: “Onde estão os homens?” E

responderam-lhe: “Estão esperando no portão”. O Rei ordenou que abrissem o portão: “Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade”. (Is 26.2)

{400} Vi, então, em meu sonho, que estes dois homens entraram pelo portão. Ao entrarem, foram transfigurados e vestidos com túnicas que brilhavam como ouro. Houve também quem os recepcionasse com harpas e coroas, dando-as a eles; as harpas para louvarem, as coroas como um gesto de honra. Ouvi em meu sonho que todos os sinos na cidade badalavam de alegria, e fora-lhes dito: “ENTRA NO GOZO DO TEU SENHOR.” Ouvi também os próprios homens a cantarem em alta voz: “ÀQUELE QUE ESTÁ SENTADO NO TRONO E AO CORDEIRO, SEJA O LOUVOR, E A HONRA, E A GLÓRIA, E O DOMÍNIO PELOS SÉCULOS DOS SÉCULOS.” (Ap 5.13)

{401} Assim que se abriram os portões para que entrassem, olhei para dentro e vi a Cidade que brilhava como o sol; as ruas eram de ouro e nelas andavam muitos homens coroados, com palmas e harpas de ouro nas mãos, cantando louvores sem cessar.

{402} Alguns deles tinham asas e clamavam sem parar: “Santo, santo, santo é Senhor”. (Ap 4.8) Depois disso, fecharam-se os portões. Quando percebi, fiquei para fora, desejando estar entre eles e gozar das coisas que tinha visto.

{403} Enquanto refletia comigo mesmo tamanhas maravilhas, olhei para trás e vi Ignorância alcançar o outro lado do rio; passou-o rapidamente e com metade da dificuldade dos outros dois. Pois aconteceu que havia naquele lugar um homem chamado Vã--

Esperança com seu barco, que o ajudou a passar pelo rio. Então Ignorância pôs-se a subir a montanha, como fizeram os outros dois, para chegar ao portão, mas vinha sozinho; homem nenhum esteve ao seu lado para encorajá-lo. Ao chegar no portão, leu o escrito acima dele e começou a bater, supondo que rapidamente lhe abririam. Perguntaram-lhe, porém, os homens que olharam por sobre o portão, de onde vinha e o que trazia. Ele respondeu: "Comi e bebi na presença do Rei enquanto ensinava em nossas ruas." Pediram-lhe que entregasse o rolo para que pudesse ser mostrado ao Rei; então tocou os bolsos à procura de um, mas não encontrou. Perguntaram-lhe: "Não tens nenhum?" Mas o homem não respondeu uma só palavra. Então contaram o ocorrido ao Rei, mas ele não desceu para vê-lo, apenas ordenou aos dois Seres Reluzentes, que conduziram Cristão e Esperança à Cidade, que saíssem e lançassem fora Ignorância. Então, tomaram-no pelos pés e pelas mãos, e o lançaram para dentro da porta que havia visto ao lado da montanha. Assim, percebi que existe um caminho para o inferno, mesmo dos portões celestiais, do mesmo modo que há um da Cidade da Destruição. Depois, acordei, e vi que tudo fora um sonho.

{404} *A conclusão*

Agora, leitor, digo que o meu sonho fora assim,

Veja se és capaz de interpretá-lo para mim.

Senão tu, peça ao vizinho ou ao irmão,

Mas sê cauteloso, preste muita atenção.

Pois o mau entendimento é algo muito perigoso,

O enredo, antes benéfico, também pode ser danoso.

Atente que não seja a inferência excessiva,

Seja tua conclusão mui saudável e precisa.
Não seja a ilustração aqui registrada
Motivo de disputa, de contenda ou de risada.
Deixe isso aos meninos, quanto a ti, faze melhor:
Enxergue na essência o grandioso bem maior.
Descortine as janelas, observe através do véu,
Desvende minhas metáforas nesse sonho sobre o céu.
Se buscardes encontrar aqui as coisas certas,
Lhes serão mui proveitosas a vossas mentes honestas.
Mas se encontrares aqui algumas de minhas pobresas,
Lance-as fora de pronto, mas guarde bem as riquezas.
Pois pode ser que a joia esteja ainda bruta;
Não se descarta a árvore que em breve dará fruta.
Se julgares que este sonho não passa de uma insensatez,
Não vejo outra saída senão sonhar mais uma vez.

G. K. Chesterton



ORTODOXIA



Ortodoxia

Chersteron, G. K.

978655521399

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se um homem não deve acreditar em si mesmo, em que ele deve acreditar?. Depois de uma longa pausa, respondi: vou para casa escrever um livro em resposta Nesta obra, Chesterton faz uma análise de si para provar que falar sobre ortodoxia não é discursar de forma enfadonha.

[Compre agora e leia](#)

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EMILY BRONTË



O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

9786555520415

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica história de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relacionamento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

[Compre agora e leia](#)

O diário de
**ANNE
FRANK**



O Diário de Anne Frank

Frank, Anne

9786555520538

224 páginas

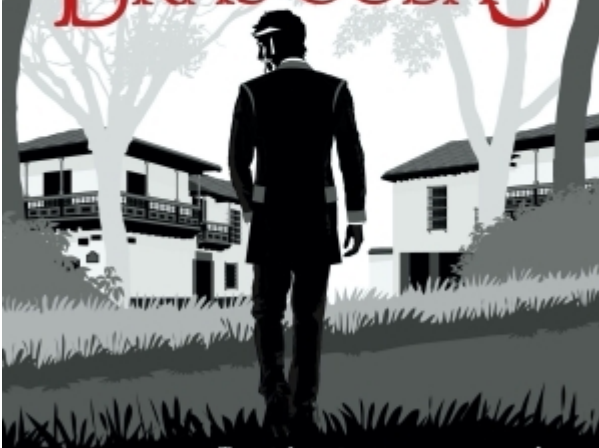
[Compre agora e leia](#)

É a história real de uma garota judia de 13 anos que ficou escondida com a família durante a ocupação nazista da Holanda. O nome dela era Annelies Marie Frank, nasceu em 12 de junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha, e morreu em um campo de concentração, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Foi escondida, no último andar de um prédio, que Anne Frank escreveu durante mais de 2 anos em dos registros mais detalhados do dia a dia daquela fase em que os nazistas, liderados por Hitler, espalharam o horror entre seus perseguidos.

[Compre agora e leia](#)

MACHADO DE ASSIS

MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS



TEXTO INTEGRAL
QUESTÕES DE VESTIBULAR
COMENTADAS



Principis

Memórias Póstumas de Brás Cubas

de Assis, Machado

9786555520422

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Com essas palavras, o narrador de Memórias Póstumas de Brás Cubas resume a sua vida. O tom assumido na obra, bem como as técnicas empregadas na composição romanesca, são alguns dos fatores que justificam o lugar de Machado de Assis entre os maiores escritores do século XIX. Nesse romance repleto de digressões filosóficas, o escritor se vale da posição privilegiada de Brás Cubas, que, como defunto autor, narra as suas desventuras e revela as contradições da sociedade brasileira do século XIX, especialmente por meio da análise aprofundada da psicologia das personagens.

[Compre agora e leia](#)



Contos de fadas dos Irmãos Grimm

Irmãos Grimm

9786555520859

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecidos mundialmente pela qualidade dos contos que produziram desde o começo do século XIX, os irmãos Grimm diziam estar só escrevendo as histórias que escutavam de camponeses e amigos. Concomitantemente aos registros do cotidiano, começaram a pesquisar documentos e recolher histórias da Alemanha para a preservação da memória e das tradições populares. Neste livro encontram-se contos fantásticos que mantêm viva a memória da criação folclórica da população alemã.

[Compre agora e leia](#)